

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação

A Disciplina de educação física na Escola Técnica Federal de Pelotas:
Práticas pedagógicas e memórias de professores (1973-1996)

Rony Centeno Soares Júnior

Pelotas, 2014

Rony Centeno Soares Júnior

**A Disciplina de educação física na Escola Técnica Federal de Pelotas:
Práticas pedagógicas e memórias de professores (1973-1996)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Elomar Callegaro Tambara

Pelotas, 2014

Banca Examinadora

Prof Dr Elomar Callegaro Tambara (orientador) – UFPel

Prof Dr Tarcísio Mauro Vago – UFMG

Profª Drª Patrícia Weiduschadt – UFPel

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Elomar Callegaro Tambara que me possibilitou a oportunidade de desenvolver este trabalho, obrigado pela orientação.

Aos professores doutores Tarcísio Mauro Vago e Patrícia Weiduschadt pela generosidade em aceitar o convite para compor a banca examinadora.

Aos meus colegas professores de educação física, parceiros de profissão que participaram no estudo, obrigado pela disponibilidade, colaboração, e a atenção dedicada.

À minha cunhada Daniela Brauner pela elaboração do abstract.

À Colega Ana Lúcia Ávila Carvalho da PROGEP pela disponibilidade e paciência para realizarmos as buscas nas pastas e fichas funcionais.

Ao colega Marcelo Cigales, do PPGE, companheiro de jornada, obrigado pelas conversas, empréstimo de material e amizade.

À minha esposa Clarice Francisco Brauner, que me incentivou quando eu já havia desistido, obrigado pelo companheirismo, amor, dedicação e carinho.

Aos meus pais Rony Soares (in memórium) e Izabel Soares a quem devo tudo. Agradeço o amor, a educação e minha formação, que me possibilitou a vencer mais uma etapa profissional.

Resumo

SOARES JR, Rony Centeno. **A Disciplina de Educação Física na Escola Técnica Federal de Pelotas**: Práticas pedagógicas e memórias de professores (1973-1996). 2014. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

Este trabalho está inserido no campo de pesquisa da História das Disciplinas Escolares, que faz parte de um campo mais amplo, o da História da Educação. Esta pesquisa teve por objetivo investigar as práticas pedagógicas dos professores de educação física da Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPel) entre os anos de 1973 e 1996. Foram utilizadas como fontes as memórias de onze professores, também foram consultados programas de ensino da disciplina e os dispositivos legais do período. Foi empregado o conceito de *habitus* para explicar o *modus operandi* destes professores e a Cultura Escolar como categoria de análise. A partir dos dados coletados foi possível identificar que no período estudado, a cultura escolar encontrada na prática pedagógica dos professores de educação física da ETFPel apresentou dois momentos distintos, o primeiro, de 1973 a 1985, orientado para o desenvolvimento da aptidão física, e o segundo, de 1985 a 1996, para o desenvolvimento de habilidades esportivas. Outro dado relevante indicou que as discussões a respeito da mudança de paradigmas na educação física, promovidas no meio acadêmico, foram percebidas por alguns professores, porém não houve uma mudança significativa na prática pedagógica desenvolvida na ETFPel.

Palavras-chave: História da Educação; História da Educação Física; Prática Pedagógica.

Abstract

SOARES JR, Rony Centeno. **A Disciplina de Educação Física na Escola Técnica Federal de Pelotas**: Práticas pedagógicas e memórias de professores (1973-1996). 2014. 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

This work is in the context of the History of School Subjects, which is part of the broader field of the History of Education. This research aimed to investigate the pedagogical practices of physical education teachers at the Federal Technical School of Pelotas (ETFPel) between the years 1973 and 1996. This work was based on memories of eleven teachers, teaching programs and the legal provisions of the period. The concept of habitus was employed to explain the modus operandi of these teachers and the School Culture as a category of analysis. From the collected data, we found that the school culture in the pedagogical practice of teachers, on that period, showed two distinct periods, the first from 1973 to 1985, focusing on the development of physical fitness, and second, from 1985 to 1996, for the development of sports skills. Another relevant finding indicated that the discussions about the paradigm shift in physical education, promoted in academia, were perceived by some teachers, but there was no significant change in pedagogical practice developed in ETFPel.

Keywords: History of Education; History of Physical Education; Pedagogical Practices

Lista de abreviaturas e siglas

CEFET/RS	Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pelotas
CINAT	Coordenadoria de Ciências da Natureza
COCIH	Coordenadoria de Ciências Humanas
COMEX	Coordenadoria de Comunicação e Expressão
DEF	Divisão de Educação Física
DED	Departamento de Educação Física e Desportos
EDUFI	Educação Física
ESEF	Escola Superior de Educação Física
ETP	Escola Técnica de Pelotas
ETFPel	Escola Técnica Federal de Pelotas
FaE	Faculdade de Educação
IFSul	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense
IPA	Instituto Porto Alegre
JEBEI	Jogos Brasileiros do Ensino Industrial
JEBEM	Jogos Brasileiros do Ensino Médio
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PROGEP	Pró-reitoria de Gestão de Pessoas
SEFAE	Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional
SEC	Secretaria de Educação e Cultura
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

Sumário

Introdução.....	08
1 Referencial Teórico-Metodológico.....	15
2 A Escola Técnica Federal de Pelotas	27
3 Memórias de práticas na Educação Física da Escola Técnica Federal de Pelotas	51
3.1 As Práticas Coletivas	60
3.2 As Práticas Individuais	67
4 A percepção dos professores a respeito da mudança de paradigmas nos anos 1980 e 1990.....	80
Considerações Finais	88
Referências	92
Apêndices	97
Anexos	102

Introdução

As reflexões que orientam este trabalho de pesquisa têm sua origem em 1995 quando de meu ingresso como professor de educação física na Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPel).

Embora formado, há 10 anos, e tendo atuado no magistério público e privado em Pelotas/RS e em Chapecó/SC, minha exultação ao iniciar esta nova carreira só poderia ser comparada em magnitude à minha perplexidade em perceber o abismo que existia entre esta instituição de ensino e as demais, não só sob o aspecto da remuneração e das condições de trabalho, mas também pela estrutura física e material disponibilizado.

Mais do que uma disciplina, a educação física (edufi) era considerada uma “área”¹, ou seja, disputava espaço e poder no currículo e em dotação orçamentária com as demais áreas, formadas por mais de uma disciplina, e com as coordenadorias dos cursos técnicos. A única disciplina que se apresentava sozinha como uma área do conhecimento².

Enquanto o desgaste natural de uma legislação de mais de 20 anos permitia – na maioria dos sistemas de ensino e, portanto nas escolas – a desvalorização da disciplina e a precarização das condições de trabalho, nesta Instituição a educação física encontrava-se pujante, sua prática era obrigatória em todos os cursos técnicos integrados com três aulas por semana durante os quatro anos de curso.

As instalações, (quadras, ginásio, campo de futebol, sala de musculação, pista de atletismo e piscina), os materiais para aula (cordas, bolas, arcos, halteres, bastões e outros) e os equipamentos (plintos, blocos de partida, espaldares, trave de

¹ As coordenadorias de cursos e áreas foram instituídas pelo Regimento Interno da ETEFPel, aprovado pela portaria nº 513 do MEC em 16 de outubro de 1975. O Coordenador de cada coordenadoria era membro do Conselho de Coordenadores, órgão colegiado que teve grande influência na Escola desde então. Inicialmente eram 10 as coordenadorias: Comunicação e Expressão, Ciências, Educação Física, Estudos Sociais e dos cursos técnicos de Edificações, Eletromecânica, Eletrônica, Eletrotécnica, Mecânica e Telecomunicações. MEIRELLES, 2007.

² A respeito do prestígio da disciplina de Educação Física nas escolas profissionalizantes ver a Dissertação de Mestrado de José Ângelo Gariglio disponível em <http://www.nuteses.temp.ufu.br/tde_busca/processaPesquisa.php?pesqExecutada=2&id=2080&listaDetalhes%5B%5D=2080&processar=Processar>.

equilíbrio, banco sueco e etc.) eram disponibilizados em quantidade e qualidade únicos na cidade e região. Além disso, a manutenção permanente dos espaços e equipamentos, mantendo-os em ótimas condições também apontava para o cuidado da Instituição com a Educação Física.

Mas, além das instalações, dos materiais e dos equipamentos outro elemento que me enchia de satisfação era o de poder fazer parte de um grupo de professores com prática docente de reconhecida qualidade na comunidade pelotense. Este grupo de professores formado por profissionais experientes e qualificados imprimia à disciplina uma organização que permitia a percepção de uma prática exitosa.

Desse modo o objeto desta pesquisa são as memórias de onze professores de educação física da ETFPel, sobre como estes professores planejaram e desenvolveram a disciplina, junto às turmas regulares de educação física dos diversos cursos oferecidos na Instituição.

Embora concorde com Pinto (2012), quando afirma que são práticas docentes todas as intervenções realizadas por professores no ambiente escolar, para efeito deste estudo não será considerada práticas pedagógicas àquelas desenvolvidas em atividades extraclasse³, por entender que estas não estão contempladas nos programas da disciplina junto ao currículo do curso.

O objetivo geral deste trabalho é investigar as práticas docentes dos professores de educação física da ETFPel entre os anos de 1973 e 1996. São objetivos específicos deste estudo: Identificar quem eram os professores que trabalhavam com a disciplina de educação física na ETFPel? Como se dava o ingresso desses professores? Como, quando e onde realizaram sua formação profissional inicial? Porque optaram pela carreira de professor de educação física? Quando era realizado o planejamento da disciplina? Qual o objetivo da disciplina na visão destes professores? Quais conteúdos eram desenvolvidos? Como se dava a avaliação do aprendizado? Como o professor desenvolvia no dia-a-dia com seus alunos o conteúdo planejado? De quais saberes os professores se apropriavam para desenvolver sua prática pedagógica?

³ Neste trabalho considero atividades extraclasse aquelas em que a participação do aluno não é obrigatória e que não estão contempladas no plano de ensino da disciplina, tais como: escolinhas, treinamentos e participação em competições dentro ou fora da escola.

Busquei também, identificar como as discussões ocorridas na década de 1980, que caracterizaram o que alguns autores chamam de “crise” na educação física, chegaram ao conhecimento dos professores de Educação Física da ETFPel. Se as discussões chegaram, como se deu essa aproximação e qual a percepção destes professores a respeito deste período?

O recorte temporal estabelecido para esta investigação abrange o período que vai de 1973 a 1996. A escolha pelo ano de 1973 como marco temporal inicial deve-se ao fato de, neste ano, a frequência semanal das aulas de educação física, na ETFPel, ter passado de duas aulas por semana para três aulas por semana, em obediência ao Decreto-Lei nº 69.450, de 1º de dezembro de 1971⁴. O marco temporal final, o ano de 1996, deve-se à revogação do Decreto-Lei nº 69.450/71 em função da promulgação da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.

A escolha do lócus desta pesquisa dá-se em função de meu interesse em conhecer melhor a história da disciplina de educação física nesta instituição de ensino onde leciono há vinte anos, além de a Escola Técnica Federal de Pelotas, hoje denominada Campus Pelotas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSul), ter oferecido a disciplina de educação física em seus cursos técnicos de forma ininterrupta desde o início de suas atividades em 1945 e ser uma escola reconhecida pelo ensino de excelente qualidade que oferece aos seus alunos.

A respeito do prestígio da Escola Técnica Federal de Pelotas outros trabalhos já têm evidenciado que

A Instituição desde a sua criação sempre gozou de um alto conceito junto ao Governo Federal e mais especificamente junto ao Ministério da Educação, sendo lembrada muitas vezes por tal órgão como sendo uma referência nacional em Educação Profissional e como modelo a ser seguido por outras Instituições (ESLABÃO, 2006, p. 36).

Para Meirelles, (2007, p. 66) a partir da década de 1960 a “[...] Escola Técnica de Pelotas passou a ocupar o chamado primeiro escalão, sendo classificada pelo Ministério da Educação como uma das melhores escolas técnicas do Brasil.”

⁴ O Decreto-Lei nº 69.450/71 regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961. O artigo 22 determinava que a prática da educação física fosse obrigatória nos cursos primário e médio até a idade de 18 anos.

Com o propósito de identificar as práticas docentes dos professores de educação física nas décadas de 1970, 1980 e 1990 foram entrevistados onze professores, os quais passo agora a apresentá-los.

Ciro Hamilton Machado Gonçalves nasceu em 09 de dezembro de 1942, na cidade de Dom Pedrito no Rio Grande do Sul. Veio para Pelotas em 1961 para jogar futebol. Iniciou sua formação profissional participando de cursos para professor a título precário⁵ promovidos pela Divisão de Educação Física (DEF). Ingressou na ETFPel em 1972. cursou Educação Física no Instituto Porto Alegre (IPA). cursou pós-graduação em Treinamento Desportivo. Aposentou-se em 1999.

Elizabeth Peres Larrossa nasceu em Pelotas em 07 de outubro de 1952. Foi aluna da primeira turma da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF-UFPEL). Ingressou em 1977 para ministrar aulas nos projetos especiais. Prestou concurso em 1979 sendo aprovada em 2º lugar. Foi coordenadora da área de Educação física em 1995 e 1996. Aposentou-se em 1998.

Flávio Medeiros Pereira nasceu na cidade de Soledade em 18 de fevereiro de 1951. Ingressou na ETFPel em 9 de março de 1981. Em 1983 ingressou no Programa de Mestrado da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), curso que concluiu em 1985 sendo, portanto, o primeiro professor de educação física com título de mestre a atuar na Escola. Em 1993, ano em concluiu o Doutorado foi redistribuído para a ESEF-UFPEL.

João Manoel Martins da Cruz nasceu em 16 de outubro de 1959 em Pelotas. Foi aluno da ETFPel entre os anos de 1975 e 1977. Fez sua graduação na ESEF-UFPEL entre os anos de 1979 e 1981. Ingressou como professor em 1982 já com o curso de licenciatura concluído. Neste mesmo ano cursou Pós-Graduação em nível de especialização em Ginástica Escolar. Entre os entrevistados é o único que continua em atividade na coordenadoria de educação física.

Maria Alice Araújo da Silva nasceu na cidade de Rio Grande em 26 de junho de 1953. Fez sua formação na ESEF-UFPEL onde foi aluna da 2ª turma, formando-se no ano de 1976. cursou especialização em voleibol na ESEF-UFPEL. Ingressou na

⁵ Os cursos para professor a título precário eram promovidos aqui no Rio Grande do Sul pelo Departamento de Educação Física (DEF) da Superintendência de Educação Física e Assistência Estudantil (SEFAE), ligada à Secretaria de Educação e Cultura (SEC) e tinham por objetivo qualificar pessoas interessadas em lecionar (Anexo - A). As capacitações eram realizadas anualmente através de Estágios para Atualização de Conhecimentos em Educação Física. Os participantes recebiam autorização para lecionar por um ano, enquanto não houvesse professor titulado interessado na vaga. A autorização era enviada ao Diretor da escola pelo Serviço de Registros da Supervisão Técnica da SEFAE (Anexo - B).

ETFPel em 1980 e em 1992 solicitou transferência para o Colégio Técnico Industrial de Rio Grande. Aposentou-se em 2004.

Neuci Bório, foi aluno da ETP, nasceu em 1941 na cidade de Pelotas. Iniciou sua formação em 1963, participando de cursos para professor a título precário. Em 1973 ano em que ingressou na ETFPel foi aprovado no vestibular para cursar educação física no IPA, curso que concluiu em 1975. Foi coordenador da área de educação física de 1975 a 1978. Cursou pós-graduação em handebol. Aposentou-se em 1995.

Pedro Luiz Barcellos Mecherefe nasceu em 1º de março de 1951, na cidade de Pelotas. Foi aluno da primeira turma da ESEF-UFPel, onde ingressou em 1973 e concluiu em 1975. Durante a graduação lecionou em escolas particulares de Pelotas. Após concluir a graduação recebeu convites para lecionar na ESEF-UFPel onde atuou até 1991 e na ETFPel onde foi coordenador da área de educação física de 1989 a 1992. Aposentou-se em 2006.

Renato Bacci Giusti nasceu em Pelotas/RS em 28 de setembro de 1954. Graduou-se na Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (ESEF-UFPel) em 1976. Ingressou na ETFPel em 1977, foi coordenador da área de Educação Física de 1986 a 1988 e de 1993 a 1994. Não atua como professor de educação física desde 2005 sendo responsável pelo departamento de seleção da Pró-reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP).

Rosani Raffi Schiller nasceu na cidade de Pelotas em 30 de maio de 1957. Ingressou como aluna da ETFPel em 1974. Foi atleta das equipes de atletismo e handebol e monitora da disciplina de educação física nos anos de 1975 e 1976 quando ainda era aluna. Ingressou na ETFPel, como professora substituta em 1977 quando cursava o 1º ano de faculdade. Aposentou-se em 2007.

Rosiane Magalhães Rombaldi nasceu na cidade de Pelotas/RS em 31 de março de 1961, ingressou na ETFPel em fevereiro de 1985. Graduou-se na ESEF-UFPel em 1981. Especialista em Ginástica Escolar cursou Mestrado na Área de Pedagogia do Movimento na UFSM nos anos de 1995 e 1996. Foi coordenadora da área de educação física e aposentou-se em 2011.

Teresinha Nelci Sanhudo Teixeira nasceu em 11 de maio de 1940, na cidade de Porto Alegre, onde viveu até o ano de 1961, quando formou em Educação Física na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Foi a primeira professora

de educação física da ETFPel, onde ingressou em 1973. cursou pós-graduação em handebol no IPA. Aposentou-se em junho de 1991.

Com a percepção de que as práticas destes professores contribuíram significativamente para a consolidação da disciplina de educação física na Escola Técnica Federal de Pelotas, entendo que ao desenvolver esta pesquisa:

Aproximamos-nos dos que pensam a História da Educação e a História da Educação Física em diálogo com proposições teórico-metodológicas que, partindo de questões que emergem do presente e de nossas práticas cotidianas em escolas, procuram uma aproximação cuidadosa, rica e complexa da história da escola como instituição social, no estudo sobre seu aparecimento e afirmação no Brasil. É nessa história da escola que procuramos os indícios da produção de educação física como uma de suas disciplinas (VAGO, 2010, p. 10).

Para alcançar meus objetivos organizei esta dissertação em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresento o referencial teórico e o caminho metodológico que utilizei para o desenvolvimento desta pesquisa. No arcabouço teórico deste estudo aproprio-me de conceitos desenvolvidos por Eliane Lopes e Ana Maria Galvão (2001) e André Chervel (1990), para caracterizar os campos onde esta pesquisa está inserida, o da História da Educação e o da História das Disciplinas Escolares respectivamente. Utilizo o conceito de Cultura Escolar baseado nas ideias de Dominique Julia (2001) e Luciano Mendes Faria Filho et al (2004). Os conceitos de 'habitus' e 'campo' desenvolvidos por Pierre Bourdieu (1983, 2012), subsidiam minhas reflexões sobre o *modus operandi* dos professores da área de educação física da ETFPel. A inserção deste trabalho alinhado à concepção historiográfica da Nova História cultural está apoiada nas produções teóricas de Sandra Pesavento (2008) e Roger Chartier (1990).

O uso da entrevista como instrumento para a coleta dos dados analisados nos demais capítulos desta dissertação está fundamentado nos trabalhos de Heloisa Szysmanski, Laurinda Almeida e Regina Prandini (2004); Maria Markoni e Eva Lakatos (2010) e Airton Negrine (2010). Com relação à utilização da memória em trabalhos científicos utilizei como suporte teórico o trabalho de José Carlos Reis (2010).

No segundo capítulo enquanto apresento breve histórico da ETFPel procuro responder as seguintes questões: Quem eram os professores que trabalhavam com a disciplina de educação física na ETFPel? Como se dava o ingresso desses professores? Como, quando e onde realizaram sua formação profissional inicial?

Porque optaram pela carreira de professor de Educação Física? Na construção deste capítulo utilizo como pano de fundo a trajetória desta Instituição, amparado no trabalho de Meireles (2007).

Início o terceiro capítulo apresentando uma sucinta história da educação física escolar. Neste movimento me aproprio das classificações das correntes e tendências pedagógicas propostas por Ghiraldelli Júnior (1989) e por Castellani Filho (1991), para identificar e caracterizar as práticas pedagógicas desenvolvidas pelos professores de educação física nas instituições escolares. Em seguida são abordados vestígios das práticas docentes no dia-a-dia. Em um primeiro momento investigo questões da prática coletiva. Quando era realizado o planejamento da disciplina? Qual o objetivo da disciplina de educação física na visão dos professores da ETFPel? Quais conteúdos eram desenvolvidos? Como se dava a avaliação do aprendizado?

Em um segundo momento abordo a prática individual de cada professor. Como o professor desenvolvia no dia-a-dia com seus alunos o conteúdo planejado? De quais saberes os professores se apropriavam para desenvolver sua prática pedagógica?

No último capítulo realizo uma reflexão, a partir das memórias dos entrevistados, a respeito da percepção sobre a crise vivida pela educação física nas décadas de 1980 e 1990.

Nas considerações finais retomo os objetivos para apresentar um possível perfil da atuação docente na ETFPel no período pesquisado. Analiso os limites desta investigação e aponto sugestões para outros estudos que, em meu entendimento, se fazem necessários para aprofundar as reflexões que iniciam com este trabalho.

1 Referencial Teórico-Methodológico

Este trabalho está inserido no campo de pesquisa da História das Disciplinas Escolares, que compõe um campo mais amplo, o da História da Educação, que:

[...] começa a se configurar como campo de pesquisa a partir dos anos 1950, embora, enquanto disciplina tenha “nascido no final do século XIX, desenvolvendo-se, sobretudo nas Escolas Normais e nos cursos de formação de professores, e não, como poderia se supor, nos institutos de pesquisa e ensino de História [...]” (LOPES e GALVÃO, 2001, p.29).

Embora seu objeto seja extremamente importante para se compreender o passado das sociedades, Lopes e Galvão (2001, p. 26) consideram que “no campo da História a Educação tem sido, tradicionalmente, um objeto ignorado ou considerado pouco ‘nobre’, embora com a progressiva influência da Nova História Cultural, isso venha, aos poucos, mudando”.

Quando, em 1995, comecei a trabalhar na “área” de Educação Física da ETFPel, percebi que existiam determinados padrões de comportamento, costumes, hábitos, códigos e posturas assumidos/praticados entre os professores do grupo. Nos primeiros momentos, esses procedimentos pareciam casuais, mas, ao observar com mais atenção comecei a perceber que condutas assumidas pelos professores promoviam determinada “uniformidade” à forma de atuação. Esses padrões de comportamento eram indicados por professores mais antigos para os professores mais novos.

Este trabalho vem ao encontro do que pensam as autoras Eliane Lopes e Ana Maria Galvão quando afirmam que “Muitos dos educadores que pesquisam, eventualmente, temas da História da Educação estão fazendo um esforço para compreender suas práticas e nelas melhor atuar” (LOPES e GALVÃO, 2001, p.26).

Porém, este estudo não está sendo desenvolvido por um Historiador, mas por um professor de Educação Física, de forma que, para suprir meu desconhecimento nesta área, muitas leituras foram necessárias para buscar entender conceitos, categorias, práticas, abordagens e metodologias que não fizeram parte de minha formação acadêmica.

No Brasil, assim como em outros lugares, os pesquisadores em História da Educação possuem formações bastante diversificadas, são:

[...] pedagogos, historiadores propriamente ditos e professores especialistas em suas disciplinas (geralmente do ensino fundamental e médio) que, movidos por uma curiosidade ou por um espanto que o presente educacional lhes provoca, buscam na pesquisa em História da Educação parte das respostas para suas inquietações (LOPES & GALVÃO, 2001, p. 31).

Com relação a este aspecto *sui generis* da História da Educação associado à inserção de “cristãos novos” na investigação histórico-educacional Tambara (2000, p.86) observa que “Estes novos olhares estão contribuindo para a construção de um caráter híbrido da História da Educação que, acredito, vai caracterizando um novo status acadêmico a esta área”.

Portanto, entendo que a entrada de estranhos a esta área não só é bem aceita como também proporciona uma “oxigenação” necessária a este campo de pesquisa.

Essa diversidade de formações permite, por sua vez, uma heterogeneidade de produções na área, tanto do ponto de vista dos aportes teóricos e metodológicos como dos temas de pesquisa.

[...] tanto no Brasil como em outros países, a Nova História e, particularmente, a Nova História Cultural, tem influenciado os pesquisadores para que investiguem temas antes considerados pouco nobres no interior da própria História da Educação. A “revolução” provocada no campo da História, sobretudo pela Escola dos Annales e, posteriormente pelo que se convencionou chamar de Nova História, que buscou alargar os objetos, as fontes e as abordagens utilizadas tradicionalmente na pesquisa historiográfica, aos poucos influenciou os historiadores da educação. Sabemos que, sobretudo a partir da fundação da revista francesa *Annales d'histoire économique et sociale*, por Lucien Febvre e Marc Bloch muitos dos pressupostos da história positivista passaram a ser criticados e a História, não mais restrita à política, interessa-se também por aspectos econômicos, sociais e culturais da sociedade (LOPES & GALVÃO, 2001, p. 39).

Dessa forma, passou-se a valorizar a existência de indivíduos, grupos sociais e camadas populares esquecidos pela História. Essa mudança de paradigmas que envolveram a historiografia abre espaço para a escrita de uma História das Disciplinas Escolares, abordando o cotidiano das escolas em um de seus constituintes fundamentais.

Em seu artigo, História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa, André Chervel afirma que, até o final do século XIX, o termo disciplina e a expressão disciplina escolar designavam tão somente a “[...] vigilância dos estabelecimentos, a repressão das condutas prejudiciais à sua boa ordem e aquela parte da educação dos alunos que contribui para isso” (CHERVEL, 1990, p. 178).

O autor afirma, ainda, que, “No sentido que nos interessa aqui, de ‘conteúdos de ensino’ o termo está ausente de todos os dicionários do século XIX, e mesmo do *Dictionnaire de l’Academie* de 1932”.

Na ausência de um termo genérico que designasse as diferentes rubricas que compõem um curso, o termo disciplina surge com um novo significado nos primeiros decênios do século XX, para Chervel essa nova acepção da palavra é trazida por uma larga corrente de pensamento pedagógico que se manifesta na segunda metade do século XIX. Em um primeiro momento, ela faria par com o verbo disciplinar e se propagaria como sinônimo de ginástica intelectual para em seguida significar uma “matéria de ensino suscetível de servir de exercício intelectual” (CHERVEL, 1990, p. 179).

De forma que:

Logo após a I Guerra Mundial, enfim, o termo disciplina vai perder a força que o caracterizava até então. Torna-se uma pura e simples rubrica que classifica as matérias de ensino, fora de qualquer referência às exigências da formação do espírito [...]. Mas, ainda que esteja enfraquecido na linguagem atual, ele não deixou de se conservar e trazer à língua um valor específico ao qual, nós, queiramos ou não, fazemos inevitavelmente apelo quando o empregamos. Com ele, os conteúdos de ensino são concebidos como entidades *sui generis*, próprios da classe escolar, independentes numa certa medida, de toda realidade cultural exterior à escola, e desfrutando de uma organização, de uma economia interna e de uma eficácia que elas não parecem dever a nada além delas mesmas, quer dizer, à sua própria história (CHERVEL, 1990, p.180).

Para Chervel (1990, p. 180) uma disciplina é “[...] em qualquer campo que se a encontre, um modo de disciplinar o espírito, quer dizer de lhe dar os métodos e as regras para abordar os diferentes domínios do pensamento, do conhecimento e da arte”.

Neste estudo, ao buscar compreender como se consolidou a disciplina de Educação Física na Escola Técnica Federal de Pelotas, a partir das práticas docentes, utilizei a Cultura Escolar como categoria de análise.

A noção de Cultura Escolar ajuda para o entendimento de algumas dimensões da realidade educacional brasileira. Dimensões estas que, para Faria Filho *et al*, podem estar vinculadas aos saberes, conhecimentos, espaços, tempos, instituições e, ao objeto deste estudo, às práticas escolares.

Para Faria Filho *et al* (2004), os pesquisadores da vertente de estudos que tem colocado, cada vez mais, as práticas escolares como fundamentais para a materialidade e formalidade da cultura escolar afirmam que:

[...] os praticantes da cultura escolar desenvolvem suas práticas a partir de seus lugares, de suas posições no interior de um sistema de forças assimétricas. Tais práticas, no entanto, não visam apenas à operacionalização destas ou daquelas prescrições, mas objetivam produzir lugares de poder/saber, inteligibilidades e sentidos para a ação pedagógica escolar junto às novas gerações. Tais práticas são entendidas, nestes estudos, como produtoras de sujeitos e de seus respectivos lugares no interior do campo pedagógico (FARIA FILHO *et al*, 2004, p.151).

Segundo Julia (2001), a cultura escolar não pode ser estudada sem o exame preciso das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas.

Para o autor, a cultura escolar é “um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação destes comportamentos [...]” (JULIA, 2011, p.11).

Sendo “normas” e “práticas” fundamentais para o entendimento de cultura escolar e, segundo Julia (2011, p.11) “Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação”.

A Cultura Escolar específica da Educação Física na Escola Técnica Federal de Pelotas é consequência das práticas dos professores que atuaram nesta instituição de ensino e sua prática era orientada pela sua formação ou por orientação dos professores mais antigos. Entendo que neles perpassam concepções pedagógicas e visões de mundo aptas a transmitir parte da dimensão social da época estudada.

Julia (2011) esclarece que para determinarmos uma Cultura Escolar necessitamos de três elementos essenciais: espaço escolar específico, cursos

graduados em níveis e corpo profissional específico. Desse modo, posso determinar que existe uma Cultura Escolar própria da Educação Física dentro da ETFPel, pois estes elementos essenciais que caracterizam uma estrutura escolar dentro da sociedade podem em escala menor caracterizar uma disciplina dentro de uma escola.

Portanto, entendo que o desafio de identificar essas práticas escolares é grande, principalmente devido à escassez de fontes, o que também é apontado por Julia (2001, p.15) “A História das práticas culturais é, com efeito, a mais difícil de se reconstruir porque ela não deixa traço: o que é evidente em um dado momento tem necessidade de ser dito ou escrito?”

Lopes & Galvão (2001, p. 81) afirmam que “é difícil, por exemplo, senão impossível, penetrar no cotidiano da escola de outras épocas somente através da legislação ou de relatórios escritos por autoridades de ensino”.

Ainda sobre as fontes entendo que, devido à escassez de documentação, existe a necessidade de se entrevistar os diversos personagens envolvidos nessa trama, os professores da disciplina de Educação Física da época. “Na escrita da história do presente, documentos escritos e testemunhos orais se completam” (REIS, 2010, p. 48).

Então, a ausência de farta documentação oficial não diminui a seriedade deste trabalho. O apego exagerado ao “documento oficial” não se constitui em única forma de se levar adiante um trabalho de cunho científico.

A esse respeito, Lopes e Galvão (2001, p. 34) afirmam que existe um “deslumbramento” e “fetiche” diante do documento, sugerindo que a falta de documentação oficial não inviabiliza uma pesquisa e nem é a única maneira de imprimir confiabilidade ao trabalho científico.

Novas concepções historiográficas e novas metodologias oferecem o suporte teórico necessário para levar adiante esta pesquisa.

Não por acaso a emergência e consolidação do tema cultura escolar nas pesquisas em história da educação se dá ao mesmo tempo em que se amplia o diálogo com a chamada história cultural francesa. Uma das explicações para isso é que tanto a temática – a cultura escolar – quanto à abordagem – a história cultural – contribuam para a criação de um lugar confortável para a educação no terreno da cultura, não mais ancorados nos estudos sociológicos, mas historiográficos (FARIA FILHO ET AL, 2004, p.154).

Este trabalho conta com o aporte teórico da Nova História Cultural. Esta tendência historiográfica, ao propor novos objetos de pesquisas e novas formas de abordagem, influenciou a produção de novas pesquisas de tal forma que:

Temas como a cultura e o cotidiano escolares, a organização e o funcionamento interno das escolas, a construção do conhecimento escolar, o currículo e as disciplinas, os agentes educacionais (professores, professoras, mas também alunos e alunas), a imprensa pedagógica, os livros didáticos etc. têm sido crescentemente estudados e valorizados (LOPES & GALVÃO, 2001, p. 40).

A História Cultural, para Chartier (1990), é importante para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler.

Segundo Pesavento (2008), para que o campo da Nova História Cultural se consolidasse foram necessárias mudanças epistemológicas para fundamentar esse novo olhar sobre a História.

Essas mudanças epistemológicas aconteceram a partir da adoção de novos conceitos⁶ que indicaram uma reorientação na postura do historiador. Dentre os conceitos apresentados pela autora, o da representação vem justificar minha escolha por esta abordagem historiográfica por que:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (PESAVENTO, 2008, p.39).

Para Chartier (1990, p. 17), as representações podem ser pensadas como “[...] esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado”.

Para auxiliar no entendimento de que as práticas escolares dos professores de Educação Física da ETEFPel apresentavam um padrão de procedimentos e condutas característicos que tinham por objetivo criar um ambiente coeso, utilizei o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu.

⁶ Segundo Pesavento (2008), outros conceitos seriam o imaginário, a narrativa, a ficção e as sensibilidades.

[...] o habitus é um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados (BOURDIEU, 1983, p.65).

O *Habitus* relaciona-se com a capacidade de uma determinada estrutura social ser incorporada pelos agentes por meio de disposições ou pré-disposições para sentir, pensar e agir. Entendo o conceito de *habitus* como um instrumento que me auxiliou a pensar a relação entre os condicionamentos sociais exteriores (a área de educação física, a escola) e a subjetividade dos sujeitos (os professores).

Acredito que a teoria do *habitus* me ajudou a entender como se constituía esta identidade que caracterizaria a prática dos professores. Ele agia como uma matriz cultural que predisponha os agentes a adotarem determinados padrões de comportamento, ora consciente e ora inconscientemente.

Considero que o *habitus*, embora estabelecido no passado, é criado para orientar ações no presente. Ele não é permanente, é um sistema em constante reformulação. Segundo o conceito de *habitus* os indivíduos agiriam orientados (mas não determinados) por uma estrutura incorporada, que reflete as características da realidade social na qual eles foram anteriormente socializados. Conforme Bourdieu (1983, p. 76) “[...] o habitus produz práticas, individuais e coletivas”.

O *habitus*, portanto, torna-se uma disposição permanente, uma espécie de segunda natureza, é uma predisposição adquirida deliberada e sistematicamente no sentido de agirmos como se fosse natural. Ao introjetarmos este *habitus* sequer nos imaginamos desprovidos destas características. Para Bourdieu (2012, p. 60) “o *habitus* [...] indica uma disposição incorporada, quase postural [...]”.

Outro conceito utilizado foi o de campo, que complementa o de *habitus*, pois para Bourdieu (2012), o campo consiste no espaço em que ocorrem as relações entre os indivíduos, espaço este sempre dinâmico e que obedece a leis próprias.

O campo é um espaço simbólico, como um microcosmo dotado de leis próprias, no qual as lutas dos agentes determinam, validam e legitimam representações.

A partir dos conceitos apresentados, entendo que a “área” de educação física na ETFPel é o campo onde os agentes – professores - atuavam de forma a manter o seu “*modus operandi*” determinado pelo *habitus* manifestado pelas práticas escolares de forma a criar uma cultura escolar própria.

O repensar a prática docente requer um estudo sobre as questões históricas e filosóficas ocorridas no passado. O homem procura, através dos anos, entender o seu passado, para que possa entender a realidade dos fatos atuais (FARIAS ET ALL, 2001, p. 42).

Portanto, identificar como se dava a prática pedagógica dos professores de educação física da ETFPel permite um melhor entendimento do lugar da educação física nesta Instituição, bem como promover um repensar a prática para uma atuação docente melhor fundamentada teoricamente, que articule novas práticas com estas historicamente construídas.

Para Lima e Miotto (2007, p. 39) “Ao apresentar a metodologia que compõe determinada pesquisa, busca-se apresentar o ‘caminho do pensamento’ e a ‘prática exercida’ na apreensão da realidade [...]”.

Na construção deste primeiro capítulo utilizei a pesquisa bibliográfica que, para Lima e Miotto (2007, p. 38) “[...] implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca de soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório”.

Como Instrumento para a coleta dos dados a serem analisados no segundo, terceiro e quarto capítulos, utilizei a entrevista semiestruturada com perguntas abertas e fechadas e análise documental.

A análise documental, “[...] pode se constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos e um tema ou problema” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 38). Para Ludke e André (1986, p.38) são considerados documentos⁷ “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informações sobre o comportamento humano”.

Como fonte documental, utilizei atas e listas de presença das reuniões da Coordenadoria de Educação Física disponíveis no arquivo da coordenadoria; planos de ensino e grades de cursos disponíveis no Departamento de Registros

⁷ Segundo Ludke e André (1986, p.38) podem ser documentos: “[...] leis, regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, diários pessoais, autobiografias, jornais, revistas, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares.”

Acadêmicos; Livros Ponto da Escola Técnica de Pelotas (ETP) que se encontram no arquivo permanente da Instituição; fichas e pastas funcionais dos servidores e Relatórios de Gestão disponíveis na Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e no Memorial da Instituição, respectivamente.

Ainda em relação às fontes documentais cabe ressaltar que, infelizmente, não existe atualmente na Instituição um arquivo permanente devidamente organizado. Percebi também que a guarda de documentos, principalmente ligados ao ensino, não recebem tratamento adequado em relação à conservação e catalogação dos mesmos, o que dificulta o acesso. A despeito de meu esforço em localizar os programas de ensino do período estudado consegui encontrar, completos, apenas os dos anos de 1976, 1977, 1984 e 1989. Do ano de 1980 localizei apenas o programa do semestre básico. Na pasta onde estavam os programas de 1994, apenas o programa do 4º ano apresentava alterações em relação ao de 1989. Não obstante a ausência de alguns programas, entendo que esses seis programas encontrados forneceram dados importantes para as análises realizadas nos capítulos 3 e 4.

Para Marconi e Lakatos (2010, p.178) a entrevista tem sido considerada como “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

Ainda sobre a conceituação de entrevista Negrine (2010, p.75) afirma que esse encontro deve acontecer em lugar previamente determinado com o intuito de que exista uma “prestação de informações ou de opiniões sobre determinada temática, feita de forma oral, pelo entrevistado”.

Determinado o caminho metodológico que utilizei para desenvolver esta pesquisa parti para a ação.

Entre os primeiros procedimentos adotados realizei pesquisa nas atas de reuniões da Coordenadoria de Educação Física para, a partir das listas de presença, estabelecer quem eram os professores que atuaram no período temporal pesquisado, visto que na Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP), embora exista a ficha/pasta funcional de cada servidor, não existe a identificação desses por área ou disciplina de atuação. Nesta busca identifiquei 32 professores que atuaram na ETEFPel durante o período estudado.

Após identificar os professores, busquei em suas fichas/pastas funcionais, na PROGEP, a data de ingresso na instituição e no caso dos aposentados, também, a data em que se afastaram da função. Nesse momento, solicitei também os números de telefone ou endereços eletrônicos dos professores para que pudesse contatá-los.

Para a determinação dos professores que foram entrevistados usei os seguintes critérios: Deveriam ser professores pertencentes ao quadro efetivo da Instituição, que tivessem ingressado antes de 1985 e que tenham permanecido em atividade por pelo menos dez anos. Dos trinta e três professores onze foram selecionados dentro do critério estabelecido.

O procedimento utilizado foi o de através contato telefônico agendar data para um encontro informal⁸. No primeiro encontro esclareci sobre o objetivo da pesquisa e estabelecemos conversação a respeito da prática deste professor na ETEFPel. Pretendia, nesse primeiro contato, estabelecer uma relação de confiança, com a intenção de criar um ambiente menos formal que propiciasse, posteriormente, uma entrevista mais rica.

Nesse primeiro encontro realizei uma pré-entrevista, onde busquei, a partir da conversação entabulada, conhecer um pouco mais sobre a vida pessoal e profissional de cada um dos entrevistados e das práticas desenvolvidas no dia a dia da educação física. Essa pré-entrevista não seguiu um roteiro pré-estabelecido, as perguntas e questionamentos foram determinados de acordo com o desenrolar do diálogo. O material coletado nesses primeiros encontros foi um valioso subsídio para construir o roteiro das entrevistas.

Na construção do roteiro das entrevistas (Apêndice B) utilizei perguntas abertas e fechadas⁹, caracterizando, dessa forma, minha entrevista como sendo semiestruturada. Para Airton Negrine (2010, p.76), uma entrevista é semiestruturada quando:

[...] o instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa.

⁸ Caracterizo este encontro como informal por que não utilizei roteiro para estabelecer o diálogo.

⁹ Sobre perguntas abertas e fechadas ver Negrine, 2010.

Dessa forma, ao utilizar a entrevista semiestruturada, pretendia dar liberdade ao entrevistado para abordar aspectos que, sob sua ótica, fossem relevantes, mas, garantindo que as informações que considero importantes para este estudo fossem abordadas.

A entrevista foi agendada após esse primeiro encontro, como também, através de contato telefônico.

No início das entrevistas, que foram realizadas em hora e local escolhidos pelos entrevistados, os colaboradores assinavam um termo de consentimento (Apêndice A), onde eram informados, sobre o objetivo da pesquisa, concordando em participar voluntariamente e autorizavam a divulgação das informações obtidas para uso acadêmico. Os relatos foram registrados em um gravador digital e os arquivos de áudio estão armazenados em um dispositivo móvel de memória.

Ao realizar as entrevistas entendo que elas são como uma conversa entre duas pessoas e que, por vezes, podem acontecer esquecimentos, ocultamentos e distorções, de forma que criar um ambiente favorável e de confiança é “fundamental para que o entrevistado se abra”, a entrevista é:

[...] fundamentalmente uma situação de interação humana, em que estão em jogo as percepções do outro e de si, expectativas, sentimentos, preconceitos, interpretações para os protagonistas: entrevistador e entrevistado. Quem entrevista tem informações e procura outras, assim como aquele que é entrevistado também processa um conjunto de conhecimentos e pré-conceitos sobre o entrevistador, organizando suas respostas para aquela situação (SZYMANSKI, ALMEIDA e PRANDINI, 2004, p.12).

Após a transcrição, as entrevistas foram encaminhadas, juntamente com o arquivo de áudio, aos entrevistados, para que eles lessem e autorizassem sua utilização. Ao analisar o material coletado estou ciente de que o passado relatado é o “passado percebido, apropriado, humanizado, transformado em linguagem” (REIS, 2010, p. 60). Não sendo memorização e sim rememoração, este relato vem carregado de subjetividade e representação.

Para Reis (2010, p), “esse movimento de rememoração tem não apenas a potência de reconstituir fragmentos de um passado, mas também de dar sentido à experiência vivida”. Com tal entendimento esclareço que este estudo não tem a pretensão de apresentar como a educação física foi desenvolvida na cidade de Pelotas nas décadas de 1970, 1980 e 1990, mas apresentar uma versão, a partir das memórias dos professores e ex-professores, protagonistas privilegiados, de

como essa disciplina foi, ao longo dos anos, sendo desenvolvida dentro da Escola Técnica Federal de Pelotas.

Todos os onze professores selecionados dentro dos critérios estabelecidos foram entrevistados. O material coletado nas entrevistas forma um corpo documental de 10 horas e 12 minutos de registro oral e 78 páginas de transcrições.

Acredito que a partir do procedimento escolhido – contato telefônico, pré-entrevista e entrevista – consegui estabelecer um clima favorável para obter as informações necessárias para alcançar os objetivos a que esta pesquisa se propõe.

“A Historiografia é um gesto de carinho e respeito pelos antepassados: registra o seu desaparecimento, lembra-os, guarda-os, mantendo-os vivos na linguagem do presente.”

José Carlos Reis

2 A Escola Técnica Federal de Pelotas

A Escola Técnica Federal de Pelotas¹⁰ (ETFPel) é criada em 1942, através do Decreto-Lei nº 4.127, de 25 de fevereiro. Sua inauguração acontece em 11 de outubro de 1943, porém as atividades escolares só iniciaram no ano de 1945.

A ETFPel foi criada e entrou em funcionamento, durante a Era Vargas, com a intenção de atender a demanda exigida pelo desenvolvimento industrial estimulado pela política do governo Vargas, que pretendia, através da industrialização do país, mudar o modelo existente – agrário-exportador dependente da importação de produtos industrializados – no Brasil.

Esta forte atuação do governo no campo do desenvolvimento industrial, assumindo encargo de promover diretamente a industrialização relativa ao setor básico, redundou também na significativa atuação no campo do ensino técnico industrial, com a estruturação e investimentos na rede de Escolas Profissionais Federais (MEIRELES, 2007, p. 40).

Essa ação política na área educacional seguia determinações previstas na Constituição de 1937 que preconizava em seu Art. 129 que “O ensino pré-vocacional profissional destinado às classes menos favorecidas é em matéria de educação o primeiro dever de Estado. Cumpra-lhe dar execução a esse dever, fundando institutos de ensino profissional [...]”.

Lino Castellani Filho, em seu livro Educação física no Brasil: a História que não se conta, corrobora minha linha de pensamento para contextualizar o período em que a Escola foi criada quando afirma que:

Atendia este preceito legal às imposições decorrentes da conjuntura sócio-político-econômica nacional e internacional do período. O Brasil em pleno processo de implementação de seu parque industrial, vinha se deparando com dificuldades cada vez maiores de continuar a dar vazão ao crescimento de seu setor industrial, como também de garantir o atendimento das aspirações da sociedade brasileira com relação ao acesso aos produtos industrializados não produzidos no país, ou então produzidos em escala inferior à demanda (CASTELLANI FILHO, 1991, p. 92).

¹⁰ O Nome inicial era Escola Técnica de Pelotas, a Lei nº 4.759 de 20 de agosto de 1965 determinou que as instituições federais deveriam acrescentar o termo “Federal” ao nome.

Para o autor, tais dificuldades aumentaram com o advento da segunda guerra mundial, tornando-se inviável continuar a atender às necessidades internas. Evidenciou-se, então, a necessidade premente de formar trabalhadores qualificados que garantissem a ininterrupção do processo de desenvolvimento brasileiro.

O Decreto-Lei Nº 4.127, de 25 de fevereiro de 1942 criou, além da Escola Técnica de Pelotas, no Rio Grande do Sul e da Escola Técnica Nacional no Distrito Federal, mais onze Escolas Técnicas Federais e treze Escolas Industriais Federais em 18 estados da federação.

O processo de criação e o funcionamento da ETEPel aconteceu sob orientação da Reforma Capanema¹¹, mais especificamente do Decreto-Lei nº 4.073, de 30 de janeiro de 1942, conhecido como a Lei Orgânica do Ensino Industrial.

No artigo nº 24 do Capítulo V, que trata das disciplinas que deveriam ser oferecidas nos cursos industriais básicos tem-se a seguinte determinação: “Os cursos Industriais básicos [...] serão constituídos por duas ordens de disciplinas: a) disciplinas de cultura geral; b) disciplinas de cultura técnica”.

A educação física estava contemplada no artigo 26 do Capítulo VI, que trata das práticas educativas¹², ou seja, conforme a legislação a educação física não seria uma disciplina e sim uma prática educativa, sendo obrigatória até os 21 anos e deveria ser ministrada conforme a idade e o sexo de cada aluno.

Para Castellani Filho (1991), a obrigatoriedade da educação física no sistema oficial de ensino justificava-se à medida que havia a necessidade premente da formação de trabalhadores tecnicamente qualificados e fisicamente adestrados.

Após a inauguração do prédio, começaram as atividades de estruturação administrativa, com a realização de concursos públicos para servidores e processos licitatórios para a aquisição de materiais. Foi também realizado o primeiro exame de seleção para ingresso de alunos, que foram matriculados no ano de 1944. Entretanto, devido à falta de alguns professores, as matrículas tiveram que ser revalidadas para o exercício seguinte (MEIRELES, 2007, p. 54).

¹¹ A Reforma Capanema que se constituiu na verdade em um conjunto de oito Decretos-Lei, implementados entre os anos de 1942 a 1946, por Gustavo Capanema, foi marcada pela articulação junto aos ideários nacionalistas de Getúlio Vargas e seu projeto político ideológico. Quatro Decretos foram implantados sob a ditadura conhecida como Estado Novo e os demais durante o Governo Provisório de José Linhares. O sistema educacional proposto pelo ministro correspondia à divisão econômico-social do trabalho. A educação deveria servir ao desenvolvimento de habilidades e mentalidades de acordo com os diversos papéis atribuídos às diversas classes ou categorias sociais. http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_leis_organicas_do_ensino.htm

¹² Além da educação física a educação musical (canto orfeônico).

A Escola optou por iniciar suas atividades oferecendo apenas cursos do 1º ciclo, ou seja, ensino industrial básico que correspondia ao ginásial no sistema regular de ensino. Para iniciar as atividades apresentava um quadro de 24 professores e suas instalações compreendiam, além das salas de aula e oficinas, biblioteca, gabinete médico, ginásio de esportes e salas administrativas. Encontrava-se em construção uma piscina. Entre os primeiros professores contratados encontrava-se um professor de Educação Física, Manoel Nogueira.

Manoel Nogueira nasceu em 16 de abril de 1915. Sentou praça em 1935 em Rio Grande, no 1º Batalhão de Infantaria, de onde deu baixa em 1941, como Terceiro Sargento, com curso de Especialidade em Educação Física. Atuando como professor de educação física lecionou em escolas de Rio Grande e Pelotas. Em 20 de fevereiro de 1945 foi nomeado, por Decreto da Presidência da República, Instrutor de Educação Física, letra J, Interino¹³ da cadeira de Educação Física da ETP. Em setembro de 1953 foi nomeado para a Função Gratificada de Instrutor Chefe de Educação Física da ETP. Afastado por motivo de doença desde 1973, aposentou-se em 1977 e veio a falecer na cidade de Porto Alegre, em 15 de fevereiro de 1991.

Meireles (2007) aponta que para o primeiro exame vestibular houve 238 inscritos, sendo 168 alunos considerados aptos e matriculados na primeira série. Embora o edital de seleção não estabelecesse restrições apenas meninos participaram do concurso. Para Meireles (2007, p. 58) “Uma das causas prováveis para a ausência de meninas foi tipo de curso oferecido voltado para a habilitação em profissões que eram consideradas tipicamente masculinas”¹⁴.

Em 1948 ocorreu a formatura das primeiras turmas, sendo que dos 168 alunos inicialmente matriculados apenas 42 conseguiram concluir seus cursos.

Nos anos seguintes, outras turmas foram concluindo seus cursos de 1º Ciclo e naturalmente “começaram uma forte pressão interna na defesa de seus interesses de continuidade de estudos, objetivando que a Escola instalasse o 2º Ciclo do ensino industrial, [...]” Meirelles (2007, p. 62).

¹³ Funcionário nomeado para cargo vago de classe inicial de carreira para o qual não haja candidato legalmente habilitado.

¹⁴ Os cursos do ensino indústria eram oferecidos em seis seções: seção de trabalhos de metal (curso de forja e serralheria e curso de fundição), seção de indústria mecânica (curso de mecânica de automóveis), seção de eletrotécnica (curso de máquinas e instalações elétricas e curso de aparelhos elétricos e telecomunicações), seção de indústria da construção (curso de carpintaria), seção de artes industriais (curso de artes do couro, curso de marcenaria e curso de alfaiataria) e seção de artes gráficas (curso de tipografia e encadernação).

Vê-se aqui que as iniciativas para a criação dos cursos técnicos foram provenientes dos próprios alunos, havendo informações, inclusive, de que o diretor da época era contrário à ideia, provavelmente por entender que a Escola não estivesse ainda devidamente estruturada para oferecer o 2º Ciclo (MEIRELLES, 2007, p.62).

Embora o ensino técnico profissionalizante objetivasse apenas o preparo da mão de obra para o mercado de trabalho, transparece que a mobilização dos alunos para que fossem ofertados cursos que lhes permitissem continuar os estudos, demonstra que a preocupação com a formação humanista além da formação técnica, permitiu aos alunos sua organização e mobilização para que suas reivindicações fossem atendidas.

No início dos anos 1950, devido ao aumento do número de alunos é contratado para atuar na Educação Física o professor Liberato de Oliveira Rodrigues, que, assim como o professor Nogueira, tinha formação militar. Serviu no 8º Regimento de Infantaria e no 7º Batalhão de Caçadores em Passo Fundo de onde deu baixa em 1940. Em 1939 ambos participaram do Curso de Monitor de Educação Física oferecido pela Escola Superior de Educação Física do Exército, no Rio de Janeiro. Como professor de educação física lecionou em escolas de Passo Fundo, Carazinho e na Associação Cristã de Moços (ACM) em Porto Alegre. Em 13 de maio de 1952, assume como professor de educação física na ETP. O professor Liberato era conhecido pela sua rigidez e severidade. Professor extremamente disciplinador suas aulas eram marcadas pelo desenvolvimento de qualidades físicas e de desenvolvimento moral.

Em 1954 é implantado o curso técnico de Construção de Máquinas e Motores, passando, dessa forma, a Escola a oferecer o 2º Ciclo do ensino secundário. No ano de 1957 é criado um segundo curso técnico, o curso de Eletrotécnica que vinha atender “às necessidades decorrentes da expansão das atividades de empresas, notadamente estatais, ligadas ao setor de produção e distribuição de energia elétrica (MEIRELLES, 2007, p. 65)”.

Em 25 de abril de 1961, através do Decreto nº 50.492, altera o nome dos cursos industriais básicos (1º ciclo) para Ginásio Industrial, o objetivo era de aproximar a educação profissional das demais modalidades de ensino, permitindo que os estudantes pudessem ter continuidade nos estudos.

Em 20 de dezembro de 1961 é promulgada a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. A Lei nº 4.024, que fixava as Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN, conhecida como a primeira LDB, preconizava que a educação seria ministrada nos níveis Pré-Primário, Primário, Médio (ginásial e colegial) e superior.

Segundo Meirelles, (2007) em 1963, com o objetivo de atender a uma perspectiva de demanda por técnicos na área de eletrônica, uma vez que a instalação de uma infraestrutura de comunicações era fundamental para as políticas de desenvolvimento nacional, fato que já começava a ser reconhecido pela normatização do setor com a expedição do Regulamento de Radiodifusão e Telefonia e do Plano Nacional de Telecomunicações, foi criado o curso técnico em Eletrônica.

Embora a igualdade entre os sexos fosse um princípio constitucional e estivesse expresso na Lei Orgânica de 1942, o ingresso de meninas no Ginásio Industrial aconteceria somente a partir de 1964.

No início da década de 60 o desenvolvimento urbano-industrial promovera no Brasil uma sociedade bastante complexa, com alto nível de desigualdades sociais. O Governo João Goulart ao propor reformas de base com o objetivo de reduzir as desigualdades sociais gerou inúmeros conflitos, dando origem a uma crise que levou ao golpe militar de 64.

Já sob o governo militar, é expedido em 31 de março de 1966 o Decreto nº 58.130, que vai regulamentar o art. 22 da Lei nº 4.024. O Conteúdo do decreto demonstra que havia preocupação com a falta do cumprimento da LDB em relação à Educação Física nas escolas e propunha uma série de medidas com objetivo de reafirmar a obrigatoriedade desta prática educativa.

Ao afirmar que, “considerando que a educação do povo brasileiro está intimamente ligada aos interesses da defesa nacional, para o qual contribui a prática da educação física” e que as instituições de ensino deveriam determinar em seus regimentos que os alunos que não obtivessem frequência igual ou superior a 75% não poderiam prestar exames finais de outras disciplinas, o Decreto revestia a disciplina de educação física de grande importância. O Decreto ainda observava que:

Considerando que o órgão de fiscalização do Ministério da Educação e Cultura tem verificado casos generalizados de deformação da regra legal, que é a obrigatoriedade estabelecida no Art. 22 da Lei que fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional;

Considerando que as deformações identificadas vêm causando descontinuidade muito prolongada entre as atividades de Educação Física ministradas nos estabelecimentos de ensino;

Considerando que, não havendo continuidade na prática de Educação Física, os efeitos de suas atividades, da maneira como vem sendo executadas, são nulos ou contraproducentes (Decreto nº 58.130/66).

Ficava determinado que cada estabelecimento de ensino deveria organizar um programa de atividades e distribuí-lo ao longo da semana, de forma que cada educando pudesse exercitar-se convenientemente, devendo constar em seu regimento a prática semanal de atividades físico-desportivas.

Em 1966 é contratado um terceiro professor de educação física, Antônio Edgar Nogueira, o professor Gaia como era conhecido, nasceu em 29 de agosto de 1930. Possuía Diploma de Educação Física pela Escola Superior de Educação Física do Exército, trabalhou no Colégio Municipal Pelotense e foi professor de Atletismo na ESEF-UFPEL. Faleceu em 22 de agosto de 1982.

Segundo Meirelles (2007), o ingresso de meninas nos cursos técnicos inicia a partir de 1967, somando-se àquelas que desde 1964 ingressavam no Ginásio Industrial, depreende-se que um dos três professores devia dar aulas para as meninas, visto que até este momento não existe registro do ingresso de uma professora de educação física no quadro de servidores.

Em 1968 é criado um quarto curso técnico, o curso de Edificações viria a atender à demanda do setor da construção civil, que prescindia de profissionais habilitados na área “em função dos incentivos federais do Plano Nacional de Habitação além do grande número de obras públicas de infraestrutura”, Meirelles (2007, p. 62).

Com o aumento do interesse pelos cursos técnicos devido à rápida absorção dos formandos pelo mercado de trabalho começou a ser estudada a possibilidade de encerramento das atividades do 1º ciclo. A partir de 1971 não haveria mais ingresso para o Ginásio Industrial, de forma que os investimentos fossem direcionados para os cursos técnicos.

Ainda no ano de 1971 uma nova organização curricular foi implementada nos quatro cursos técnicos, a transformação do regime de séries anuais para séries semestrais. Segundo Meirelles, (2007, p. 78) “O motivo preponderante para essa

decisão foi a perspectiva de reversão ou minimização dos efeitos dos índices de evasão e repetência, que sempre se revelaram em taxas elevadas na história institucional”.

Durante o governo Médici é implementada a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus e dá outras providências. Nessa Lei, a educação seria ministrada nos níveis de 1º e 2º graus, correspondentes aos níveis primário e médio, respectivamente. O ensino primário e o ginásial ficaram unidos no agora Ensino de 1º Grau, com duração de oito anos. E o Colegial passou a ser denominado Ensino de 2º Grau, mantendo os três anos.

Segundo Meirelles (2007) foi desencadeado, no final do exercício de 1971, um amplo processo de análise das novas disposições legais na área do ensino. “Verificou-se que a Instituição não teria maiores problemas para a implementação da maioria dos postulados da Lei de Diretrizes e Bases” (MEIRELLES, 2007, p. 79).

Em 1º de novembro de 1971 o Decreto-Lei nº 69.450 que regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4.024 de 1961, primeira LDB, determinaria quantas aulas por semana deveriam ser dedicadas a uma disciplina escolar e ainda indicava o tempo de cada sessão. A Lei decretava, em seu artigo 5º, que para o alcance efetivo dos objetivos da educação física, desportiva e recreativa, as aulas de Educação Física deveriam atender as seguintes orientações:

- I - Quanto à seqüência e distribuição semanal, três sessões no ensino primário e no médio e duas sessões no ensino superior, evitando-se concentração de atividades em um só dia ou em dias consecutivos.
- II - Quanto ao tempo disponível para cada sessão, 50 minutos, não incluindo o período destinado à preparação dos alunos para as atividades.
- III - Quanto à composição das turmas, 50 alunos do mesmo sexo, preferencialmente selecionados por nível de aptidão física.

Muito provavelmente, devido ao pouco tempo para implementação das determinações do Decreto, quais sejam, contratação de mais professores, reformulação nas grades curriculares dos cursos e nos planos de ensino da própria educação física, no ano de 1972 a Escola ainda teria as aulas de Educação Física com frequência de duas vezes por semana¹⁵.

¹⁵ Conforme grade curricular do curso de mecânica (Anexo – A)

No ano de 1972 ingressa na ETEFPel o professor Ciro Hamilton Machado Gonçalves.

Eu vim trabalhar na escola Sylvia Mello em 1971, como o pessoal achou que eu fiz um bom trabalho em Canguçu e depois também no Sylvia Mello porque, na época, eu fiz um trabalho inédito, se não fosse inédito era inusitado, chamava-se de ordem unida sem comando com exercícios calistênicos no meio, sem comando. Naquele tempo havia os destaques, e eu tive o privilégio de ser um dos professores destacados na educação física na região. Então, lá no Sylvia Mello trabalhava a professora Dorinha, vice-diretora, que era esposa do Nelson Laydner, que era o chefe do departamento de ensino da Escola Técnica, ela falou para ele do meu trabalho. – olha o professor está “arrasando”. Então ele foi lá falar comigo, foi no final de 1971, e me convidou para dar aula na Escola Técnica a partir do ano seguinte. O professor Liberato estava em licença e eu iria assumir as turmas dele e os treinamentos da equipe de atletismo (CIRO).

O professor Ciro começou sua formação inicial fazendo cursos para professores a título precário¹⁶, para mais tarde ingressar na Escola de Educação Física do Instituto Porto Alegre (IPA), conforme relata:

Eu fazia a cada momento que surgia, e onde surgisse, eu fazia um curso de professor a título precário. Eles diziam cursos para professor a título precário, faziam no Rio Grande do Sul inteiro, Porto Alegre fazia, Pelotas fazia e eu estava sempre. Fiz em Pelotas e em Porto Alegre, eu estava sempre participando dos cursos e metido nos esportes. E era certo que quem fazia o curso tinha seu nome cogitado lá na DEF que era a Divisão de Educação Física em Porto Alegre. Em 1970 eu estava trabalhando no Diário Popular e me ligaram de Porto Alegre, dizendo que eu tinha que me apresentar no dia seguinte em Canguçu. Eu cheguei lá e em seguida da entrevista com o Diretor já tinha uma turma me esperando. Eu trabalhei um ano, em 1970. Entrei em maio de 70. Um ano. Depois disso, em 1972, já em Pelotas, fiz vestibular aqui. Na época se fazia opção para quatro cursos. Eu fiz para medicina, educação física, odontologia e direito, eu fiz essas quatro opções e... deu medicina, só que na época eu estava meio mal das pernas – sem dinheiro – e tinha que fazer uma matrícula. A matrícula encerrava naqueles dias, eu não tinha dinheiro, então eu optei pela educação física que não tinha gastos. Então eu comecei aqui na ESEF juntamente com o Pedro, o Telmo, aquela turma toda, mas fiz só um semestre. Mas nesta época eu já estava na ETEFPel, foi em 73, eu já estava aqui. Aí surgiu o IPA. O IPA com o curso para professores com título precário que já estavam atuando, era parcelado, janeiro e junho ou julho. Eram seis semestres. Mas, no final do ano tinha os JEBEI (Jogos Brasileiros do Ensino Industrial). Aí para ir ao Rio Grande do Norte como técnico das equipes de atletismo e futebol de salão, eu tinha que escolher ou cursava o primeiro semestre lá em Porto Alegre ou perdia a diária. Ou ir ou perder o vestibular, e eu optei por perder o vestibular. Aí no final do ano, quando retornei, eu fiz outro vestibular, já tinha passado no primeiro, passei no segundo e iniciei um

¹⁶ Devido à falta de professores titulados, o poder público oferecia cursos de poucos dias (Anexo - B) para que as pessoas interessadas em lecionar recebessem os conhecimentos básicos de determinada disciplina. Estas pessoas eram contratadas, sem concurso, para lecionar a título precário (a precariedade do termo está ligada a curta duração do contrato). Estes “professores” recebiam autorização para lecionar por um ano, findo o qual deveria participar de outro curso para renovar a autorização (Anexo - C). Sobre o processo histórico da instituição do caráter precário de contratações de professores ver CURY, 2004.

semestre atrás do pessoal que começou em 1973, fiz no IPA. Comecei em 1974 e conclui em agosto de 1976 (CIRO).

Quando perguntado por que escolheu a carreira de professor de educação física ele lembra que dois motivos foram determinantes para sua escolha.

Primeiro porque eu sempre fui um cara muito ligado aos esportes. Inclusive lá em Dom Pedrito, eu fazia parte das equipes de vôlei, futebol, futebol de salão, basquete era menos, mas fazia, eu era um eclético. Principalmente no futebol eu era tido como um bom jogador, tanto que eu fui trazido de lá para jogar aqui em Pelotas e segundo porque tinha um professor chamado Samuel Garrido, que era sargento do 14^o Regimento de Cavalaria que chamava a minha atenção a maneira como ele se portava como professor. Então, uni as duas coisas. Eu gostava do desporto e achei interessante seguir o caminho daquele professor, a retidão daquele professor (CIRO).

Em 1973 começam a funcionar mais dois cursos técnicos, o Curso Técnico em Telecomunicações e o Curso Técnico em Eletromecânica, neste mesmo ano, em atendimento às determinações do Decreto Nº 69.450, de 01 de novembro de 1971, a Educação Física terá aumentada a sua carga horária semanal, que passará de duas para três aulas semanais¹⁷.

Com a entrada de mais alunos, e aumento de 1/3 na carga horária total das aulas de Educação Física, houve a necessidade de contratação de mais professores. Ingressaram Adalberto Stosch, Neuci Luiz Bório e Teresinha Nelci Sanhudo Teixeira, a primeira professora de educação física a ingressar na ETFPel.

Eu fui convidada pelo professor Gaia que era o coordenador, o Daicy, meu marido, foi transferido de Camaquã para o Banco do Brasil de Pelotas. Aqui ele foi apresentado ao Gaia, ele era o coordenador de educação física e ele disse que a Escola iria precisar de uma professora. Fomos conversar com ele lá no Pelotense, e o Gaia perguntou pra mim: Tu queres trabalhar na faculdade ou tu queres trabalhar na Escola Técnica? Eu disse: Quero trabalhar na Escola Técnica. Porque neste período eu já havia pedido minha transferência no Estado de Camaquã para Pelotas e estava lecionando no Instituto de Educação Assis Brasil e a Faculdade, que estava recém começando, iria me exigir mais tempo do que a Escola. No dia seguinte, fui fazer uma entrevista com a professora Maria Barufa e fui aprovada e aí comecei a trabalhar. Bom, então eu fui a primeira mulher. Eu entrei no mesmo mês em que entrou o Neuci. Era o Gaia o Stoch e o Liberato. Eu tenho uma vaga noção do Nogueira. [...] o Nogueira já estava bem velhinho, não me lembro se ele deu aula se deu foi muito pouco tempo. Eram só homens, mas era um ambiente muito bom (TERESINHA).

¹⁷ Conforme a grade curricular do curso de mecânica aprovada para os anos de 1973 a 1977 (Anexo – D).

Observo aqui outra medida que visava o atendimento à orientação do dispositivo legal, a contratação de uma professora. Embora já houvesse alunas na ETFPel desde 1964 no Ginásio Industrial e desde 1967 nos Cursos Técnicos estas eram, até então, atendidas por um dos três professores. Como o Decreto estabelecia que as turmas devessem ser compostas por alunos do mesmo sexo depreende-se que neste momento a Instituição entende que as meninas deveriam ser atendidas por professoras. Observa-se no programa da disciplina de educação física para o ano de 1976 a presença da Ginástica Feminina Moderna como conteúdo a ser desenvolvido. Em um período onde as práticas corporais, seguindo a orientação legal, assumiam posições sexistas, fica explícito o sentido da fala da professora Teresinha, ao ser convidada para lecionar: “Ele [o coordenador da educação física] disse que a Escola iria precisar de uma professora.”

O professor Neuci lembra que:

Eu dava aula como professor a título precário no Gonzaga há uns dez anos e em 1973 os JEBEI seriam aqui em Pelotas e a Escola tinha as equipes de voleibol com o Gaia, o atletismo quem treinava era o Liberato. A Escola seria anfitriã e não participaria no handebol, então me convidaram para treinar handebol e como o professor Nogueira estava se aposentando sobriariam 24 aulas. Acontece que os Jogos acabaram não saindo e eu fui ficando. Como os outros professores trabalhavam em outros locais e eu havia optado por ficar só na Escola, eu comecei a “viver” lá dentro e fui ganhando “espaço”. Tanto que em 1975 eu fui escolhido para ser o Coordenador da Área de Educação Física (NEUCI).

Diferentemente dos demais professores que lecionavam em mais de uma escola, o professor Neuci escolhe permanecer lecionando apenas na ETFPel. Ele lembra que “O Nogueira lecionava, também, em duas escolas do Estado, o Gaia e o Liberato estavam trabalhando na ESEF e a Teresinha no Assis Brasil, então eu com um ano de casa fui contratado para quarenta horas¹⁸”. Ao optar por permanecer apenas na ETFPel, abrindo mão de continuar no Gonzaga, onde trabalhava desde 1963, o professor Neuci será o único entre os seis professores em atividade contratado para quarenta horas, fato este que não era comum, pois até então os professores eram contratados para dar um número bem menor de aulas. Nas palavras do professor Neuci, “[...] eu comecei a viver lá dentro”, fica explícita a dedicação à ETFPel.

¹⁸ Embora o professor Neuci não faça referência aos colegas Ciro e Adalberto, durante as pesquisas realizadas em suas pastas funcionais, encontrei documentos que indicam a atuação destes professores em escolas da rede estadual de ensino.

A professora Teresinha fez sua formação inicial na faculdade de Educação Física da UFRGS em Porto Alegre de 1958 a 1960, a respeito do seu ingresso no curso ela destaca que ficou sabendo por um amigo que o ingresso no curso poderia ser feito sem a conclusão do Colegial:

Eu já estava fazendo o científico. Aí ele disse: Faz, faz. A partir do ano que vem vai precisar do científico completo agora não. Vai lá. Aí eu fui, fui lá, fiz e passei. Eu fazia o científico no Cruzeiro do Sul e aí no ano seguinte ia precisar do científico completo. Até aquele ano não precisava. Aí ele disse: 'Para agora, e faz agora!' E, eu para entrar na faculdade, minha mãe teve que assinar um termo de responsabilidade porque eu não tinha dezoito anos (TERESINHA).

A respeito de sua formação inicial, o professor Neuci relata que seu primeiro contato com a Educação Física foi um “cursinho rápido” que fez quando prestava o serviço militar obrigatório no Rio de Janeiro. Quando voltou para Pelotas participou de diversos cursos para professor a título precário, sendo que o primeiro foi em 1963 em Porto Alegre.¹⁹

A graduação eu fiz no parcelado do IPA que era a mesma grade, o mesmo programa do curso normal, mas como nós só tínhamos aulas dois meses por ano, em julho e janeiro, as aulas eram de manhã, de tarde e de noite. Eu fiz vestibular em 1972, comecei em 1973 e concluí no início de 1976. Eu entrei na primeira turma do parcelado, que foi criado para regularizar a situação dos professores que já estavam trabalhando a título precário (NEUCI).

Quando perguntada por que optou pela carreira de professora de educação física a professora Teresinha responde que

Eu sempre gostei muito de atividade, sempre gostei muito de movimento. E os professores influenciam muito, eu tinha uma professora maravilhosa no Cruzeiro. Eles davam muita ênfase ao esporte. Nós tínhamos as olimpíadas. Eu tive professoras muito boas na faculdade. A professora de vôlei era ótima, alta, magra, tinha uma voz estridente, berrava. O professor de basquete era muito bom. Atletismo, o Targa foi meu professor. Que cara maravilhoso, ele se emocionava. Ele foi às Olimpíadas e voltou de lá a mil. E a esposa dele era nossa professora de tênis. Tive aula de esgrima com um coronel, não me lembro o nome, ele era todo correto. Eu adorava [as aulas de] esgrima (TERESINHA).

¹⁹ Embora os professores façam referência aos cursos para professor a título precário, na verdade a SEFAE expedia o certificado de participação nos Estágios de Atualização de Conhecimentos para Professores de Educação Física. Neste certificado de 1963 observo dois detalhes, o primeiro é que estes “cursos” vinham sendo ministrados desde a década de 1950 e o segundo, que poderia ser alvo de uma investigação, é a rasura do termo “curso”, a SEFAE não reconhecia estes estágios como cursos para professores? Anexo – E.

A professora Teresinha indica que, além de apreciar as práticas corporais desde o tempo de escola, onde a professora era “maravilhosa”, até a faculdade onde “adorava” as aulas de esgrima, a influência de seus professores foi determinante para sua escolha profissional.

Já o professor Neuci lembra:

Eu gostava de esportes, me sentia um pseudoatleta, mas quando me mostraram, neste cursinho que eu fiz no Rio, que havia um sistema, uma maneira de dar aula de Educação Física eu achava que cada um fazia o que queria. Depois, na prática com meus colegas militares, eu acabei tendo uma certa influência, porque eu é que determinava o que os soldados iam jogar, quem entra e quem sai, o horário da ordem unida do pelotão, agora vamos correr, agora vamos fazer ginástica, então eu comecei a ser alguém e não mais um. Eu gostava de planejar, organizar e orientar as atividades físicas que eles iriam fazer (NEUCI).

Para o professor Neuci, a representação de professor é de líder, pelos conhecimentos que possui. A responsabilidade em organizar e administrar as atividades lhe dava prazer, tanto que ao retornar a Pelotas participou de cursos para professor a título precário e começou a ministrar aulas de Educação Física.

O professor Adalberto Stosch nasceu em 01 de março de 1930, ingressou na Escola em 1973 e afastou-se em meados de 1976. Possuía curso de Licenciatura pela Escola Superior de Educação Física do Rio Grande do sul. O professor Stosch permaneceu na Instituição até 1976 quando se afastou optando por lecionar na rede estadual de ensino.

Em 1974, a partir da nova regulamentação implementada através do Decreto Nº 75.079/74, foram criados quatro grandes departamentos para auxiliar a Direção, Administração, Pessoal, Ensino e Pedagogia e Apoio Didático.

Os departamentos de Administração e Ensino receberam dois importantes setores, as coordenadorias de Planejamento e Supervisão Pedagógica, respectivamente.

Fruto dos diversos projetos apresentados pela dinâmica coordenadoria de Supervisão Pedagógica foram criadas, em 1975, as denominadas Coordenadorias de Cursos e Áreas, com o objetivo de promover a unidade da ação técnico-pedagógica dos professores dos diferentes cursos da Escola, o aperfeiçoamento técnico dos docentes e a atualização constante da atividade didática (MEIRELLES, 2007, p.80).

O Coordenador de cada coordenadoria fosse de curso ou área era membro do Conselho de Coordenadores²⁰, órgão colegiado que teve grande influência dentro da Escola.

Inicialmente foram criadas 10 coordenadorias, sendo 06 dos Cursos Técnicos em funcionamento na Instituição²¹, 03 coordenadorias das grandes Áreas do ensino²² e a Coordenadoria da Área de Educação Física. Ficava estabelecido também que o coordenador de cada área seria escolhido pelo Diretor da Instituição a partir de uma lista tríplice encaminhada pelas coordenadorias.

Além do professor Gaia, os nomes da professora Teresinha e do professor Neuci completaram a primeira lista tríplice. Sendo este último escolhido, pelo Diretor, para ser o coordenador da Área de Educação Física. O professor Neuci afirma que “O planejamento da educação física começou em 1976, eu era coordenador e as supervisoras fizeram um treinamento com todos os coordenadores.” A educação física começaria a ser sistematizada, o professor relembra que, a partir de então, “Quando entrava um professor novo ele recebia o programa pronto.”

A atuação do professor Neuci como coordenador da Área de Educação Física durante os anos de 1975, 1976 e 1977 é reconhecida pelo Diretor da Escola, Ildemar Capdebosq Bonat, que, pela Portaria nº 1.047-204/77 lhe confere a Medalha do Mérito Escolar devido a sua “eficiente resposta às solicitações da coordenadoria de supervisão pedagógica e o atuante desempenho junto aos professores” bem como pela sua “participação ativa e inteligente nas reuniões do Conselho de Coordenadores”.²³

Em 1976 ingressam na Instituição os professores Pedro Luiz Barcellos Mechereffe e Mário Renato de Azevedo.

O professor Mário Renato de Azevedo lecionou como professor de educação física a título precário nos Colégios Gonzaga e São José até 1975, ingressou na ETEFPel em 1976 convidado pelo professor Neuci, então Coordenador da Área de Educação Física da ETEFPel. O Professor Mário possuía diploma do curso de Superior de Educação Física e Técnico em Desportos expedido pela Escola

²⁰ Estudos sobre a criação e extinção de cursos, currículos, programas, organização didática, matrículas, calendário escolar, sistemas de ingresso e de avaliação, cargas horárias, programas de ensino e outros assuntos de igual natureza e importância eram temas discutidos no Conselho de Coordenadores.

²¹ Mecânica, Eletrotécnica, Eletrônica, Edificações, Telecomunicações e Eletromecânica.

²² Comunicação e Expressão, Ciências e Estudos Sociais.

²³ Ver Anexo - F

Superior de Educação Física do IPA, curso que concluiu quando já era professor na Escola. Em 2001 é redistribuído para o Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Faleceu em 2007.

Já o professor , quando perguntado sobre como se deu seu ingresso na Instituição responde que:

Eu me lembro, logo que eu cheguei à Escola. Eu cheguei à Escola em 1976, a convite, naquela época não havia concursos, entende, eu fui convidado pelo Neuci. Eu e o Mário chegamos juntos convidados pelo Neuci em 76. E depois em 79 ou 80 nós tivemos que fazer um concurso lá na Escola e aí nós ficamos efetivos dentro da Escola. O Neuci me chamou e disse que ele era o Coordenador da Educação Física da Escola e ele tinha convidado o Mário para trabalhar com basquete e perguntou pra mim se eu queria trabalhar com o vôlei e assumir algumas turmas lá. E eu na mesma hora disse que sim, que gostaria muito. E quando eu cheguei à Escola, pra mim foi uma satisfação, porque o Gaia foi meu professor de voleibol na ESEF, o Liberato foi meu professor de atletismo e eu sempre gostei muito do Liberato, o Stoch foi meu professor de natação lá na faculdade. Quando eu cheguei à Escola, em 76, de fato, por ter sido nosso professor na ESEF, o Liberato foi, tanto o Liberato quanto o Neuci foram os dois grandes espelhos que eu tive, o Liberato dentro daquele rigorismo dele e daquela vibração que ele tinha pela Educação Física e até algumas rugas nós tivemos, às vezes, por o Liberato ser um pouco... (ríspido, dentro da escola), mas a gente aceitava. Quando eu comecei a trabalhar na Escola, estava o Liberato, eu trabalhei bem pouquinho com o Nogueira, mas eu trabalhei mais com o Liberato, o Stoch e o Gaia, o Neuci, a Teresinha e o Ciro também já estavam lá (PEDRO).

Sobre a sua formação profissional o professor Pedro Mechereffe relata “ Eu fui aluno da primeira turma da ESEF. Eu me formei em 75. Nós entramos em 73 e saímos em 75. Na nossa primeira turma nós éramos sete homens e eram trinta e tantas mulheres”.

Observa-se que há possibilidade de realizar análises sobre a constituição das turmas, onde não eram comuns turmas compostas com maior número de mulheres, quebrando o paradigma da formação de turmas das escolas militares. Esta análise pode ser aprofundada em outros espaços de pesquisa.

Quando perguntado sobre quais motivos o levaram a prestar vestibular para a Faculdade de Educação Física ele lembra que

O que me levou e o que me fez pegar gosto pela Educação Física foi o trabalho que o Neuci fez com a nossa equipe de futebol de salão infanto-juvenil. Aquilo foi uma coisa que me deu um gosto incrível pelo trabalho que ele fez e pela vontade que eu tinha de fazer alguma coisa parecida com aquilo. Eu cheguei a fazer dois anos de veterinária, entrei em 1971 na segunda turma da veterinária em Pelotas, fiz o primeiro e o segundo ano e aí quase no final do segundo ano eu fiquei sabendo que a faculdade de Educação Física ia abrir em Pelotas e eu fiz vestibular sem estudar, sem me preparar, passei. E aí se criou um dilema lá em casa, porque meu pai e

minha mãe queriam que eu terminasse a veterinária e eu disse que não ia terminar e que educação física era o que eu queria. Minha opção pela Educação Física foi devido a minha afinidade com os desportos de um modo geral. Eu sempre fui de atividade física, do desporto, desde pequeno eu nadava, eu jogava tênis, jogava golfe, jogava futebol, se tivesse um jogo de vôlei eu jogava se tivesse basquete eu jogava, eu sempre gostei (PEDRO).

No início do ano de 1977 ingressam para trabalhar com cursos especiais²⁴ os professores Renato Bacci Giusti e Elizabeth Peres Larrossa. No segundo semestre é contratada Rosani Raffi Schiller.

Entrei na Escola como aluna em 1974, em 75 e 76 fui monitora de EF. Quando entrei na ESEF em 1977, eu me matriculei em um curso noturno da Escola para continuar como monitora. Eu precisava trabalhar e os monitores eram remunerados, na época [o valor] era bem significativo. No segundo semestre a professora Teresinha entrou em licença gestante, então me contrataram como professora substituta. Acredito que por influência da Telma, o prof. João Manoel Peil me convidou. Eu tinha uma história lá dentro (ROSANI).

Para a professora Elizabeth seu ingresso ocorreu porque a professora que havia sido convidada primeiro não aceitou.

O ano eu não me lembro. Eu trabalhava no Pelotense e no estado. Aí uma vice-diretora do Sylvania Melo convidou eu e a professora Betinha para dar aula na Escola, no Pró-técnico. Como ela havia falado primeiro com a vice-diretora eu fiquei à espera. A Betinha foi ali falou com eles e disse que não ia querer porque dava aula no São José e os horários ficariam ruins. Então eu entrei junto com o professor Renato Giusti para trabalharmos com alunos de um projeto que a Escola estava implantando, o pró-técnico (ELIZABETH).

Já o professor Renato foi surpreendido com o convite feito à porta de sua residência pelo Diretor de Ensino, conforme relata.

Foi convite, quem me convidou foi o chefe do departamento de ensino, eu não conhecia ele, mas ele conhecia o meu tio, não sei como é que ele chegou, era amigo do meu tio, acho que sabia que eu era formado, a cidade era pequena, se hoje todo mundo se conhece imagina naquela época alguém formado em Educação Física. Fora aquilo que eu te disse, que tinha gente mais velha, que queria só a graduação, que já trabalhava, tivemos muita gente de fora da cidade, que voltaram para as suas cidades depois de formados. O cara bateu na minha porta e me convidou. Ele estava atrás de professor de educação física, eu já trabalhava no Estado. Ele bateu na porta da minha casa e perguntou? Tu és professor de educação física? Sou. Tu não queres trabalhar na Escola? Quero. Entrei no ano de 1977 para

²⁴ Este curso fazia parte de um projeto que visava proporcionar a filhos de operários e comerciantes sindicalizados o ingresso nos cursos técnicos a partir da aprovação em um curso preparatório. Estes alunos teriam aula de matemática, língua portuguesa, educação física e desenho.

trabalhar no projeto dos sindicatos, tinha um projeto dos sindicatos, para os filhos de sindicalizados, nos cursos técnicos lá para eles, depois, em 1979 eu fiz concurso público e fui aprovado (RENATO).

Os professores Renato Giusti e Elizabeth Larrossa entraram no mesmo momento como professores de cursos especiais e depois participaram do concurso público para professor efetivo em 1979. A respeito deste concurso a professora Elizabeth lembra que:

Era separado o concurso, eram duas vagas para dar aulas para mulheres e duas vagas para dar aulas para homens. E as mulheres faziam para as mulheres e os homens para os homens. O Giusti ficou em primeiro e o Pedro em segundo, no concurso feminino a Telma Peil ficou em primeiro e eu em segundo para o feminino (ELIZABETH).

Esta divisão das vagas no concurso, duas para professor e duas para professora, permiti inferir que para melhor atender a determinação do item III do artigo 5º do Decreto Nº 69.450, que determinava que as turmas deveriam ser compostas por alunos do mesmo sexo. Os professores atenderiam aos alunos e as professoras atenderiam às alunas, embora isto já viesse acontecendo desde a entrada da professora Teresinha em 1973, o aumento do número de matrículas femininas exigiria um número maior de professoras.

O concurso realizado, separando vagas masculinas e femininas provoca uma discussão latente dos diferentes papéis como professor e professora de educação física. Este assunto pode ser objeto de novas pesquisas que visem aprofundar o tema de igualdade de gênero.

A respeito de como iniciaram sua formação profissional a professora Elizabeth e o Professor Renato destacam que

Eu estava no segundo ano do científico no Pelotense, que era o 2º grau, e soube que ia sair a Faculdade de Educação Física no outro ano. Eu fui a Porto Alegre fazer aquele provão que se fazia para valer pelo segundo grau. Eu tinha rodado no segundo ano e ia sair Educação Física aqui em Pelotas e eu queria pegar o primeiro ano aqui da faculdade. Fiz o provão e entrei na primeira turma da ESEF. (ELIZABETH).

Eu entrei na segunda turma da ESEF em 74. Na minha turma eram uns quatro homens só que, nessas primeira e segunda turmas uma coisa que eu vi, tinha muita professora que dava aula a título precário no Município e no Estado. Aquela professora que dava aula no primário que já dava EF junto, que foi fazer ESEF, nós tínhamos muita gente com mais idade ali que estavam ali só pela graduação. De homens na minha turma éramos eu, o alemão Veskow, o Domingos que já morreu, o outro guri de Canguçu, nós éramos cinco ou seis homens só, e mais sei lá 20 e tantas mulheres (RENATO).

A professora Rosani entrou na ESEF-UFPEL em 1977 e concluiu em 1981, ano em que também é efetivada como professora da Escola.

A respeito de sua opção pela carreira de professor de educação física os professores entendem que:

Desde que eu comecei a jogar no Pelotense eu já pensava em dar aula. Não tinha aqui em Pelotas, só tinha na UFRGS e em Santa Maria. Eu sabia o que eu queria, eu queria dar aula, eu queria trabalhar com esporte. Meu pai incentivava muito, meu pai sempre foi um incentivador de esporte, então, desde gurizinha pequena já nadava no Brilhante. Aí quando eu ia para o pelotense ele ia junto sempre, quando ia viajar ele nos acompanhava. Desde casa, ele era um incentivador, ele não era professor de educação física, mas ele sempre gostou, sempre praticou esporte e incentivava aquilo conosco (ELIZABETH).

Não havia professor formado, mas não foi isso que me levou, não foi nem o mercado de trabalho, sei lá, na época, guri, gostava de esporte, jogava tudo que era esporte, metido em jogar alguma coisa, então, na hora de escolher o que tu faz, educação física, pelo menos tu vai fazer uma coisa que eu gostas, que é esporte, isso que me levou, depois a coisa anda (RENATO). Pelas experiências que tive como aluna na Escola. A experiência como monitora. Eu fazia tudo que era esporte dentro da Escola, tudo. Este gosto pelo esporte e a monitoria é que me despertaram a vontade de ser professora (ROSANI).

A professora Telma Irumé Machado Peil nasceu na cidade de Jaguarão/RS em 27 de abril de 1945. Ingressou na ETEFPEL em 1º de março de 1977 como professora colaboradora. Aprovada no concurso público realizado em 1979 é efetivada na Área de Educação Física em abril de 1981, onde trabalhou até 1991 quando foi redistribuída para a Escola Técnica Federal de Química no Rio de Janeiro. Foi Coordenadora da Área de Educação Física nos anos de 1983 e 1984. Possuía curso de Licenciatura em educação física pelo IPA e Especialização em Voleibol pela ESEF-UFPEL. cursou especialização em Psicomotricidade em Paris/FR de agosto de 1982 a janeiro de 1983. Faleceu em 2002.

Em 1979 foi autorizada pelo Departamento de Ensino Médio do MEC a criação do Curso Técnico em Química.

A Professora Maria Alice Araújo da Silva ingressou na Escola Técnica em março 1980. Sobre seu ingresso ela lembra que “[...] prestei concurso em 1979. Eu era a única candidata de Rio Grande, outras pessoas não quiseram participar porque diziam que o concurso tinha as ‘cartas marcadas’, mas eu fiz mesmo assim, minha pontuação foi muito boa.”

A professora Maria Alice foi aluna da segunda turma da ESEF-UFPel. Iniciou o curso em 1974 e concluiu em 1976. Em 1981 cursou especialização em voleibol e durante vários anos treinou a equipe feminina de voleibol da ETFPel.

Sobre sua escolha pela carreira de professora de educação física ela afirma que:

Na verdade, eu não escolhi fazer Educação Física. Como eu tinha me formado em magistério, e era de família pobre, eu precisava trabalhar. A única coisa que me apareceu inicialmente foi dar aula de educação física numa escolinha particular e quem orientava era o professor Paulo Melo. De início me pediram para organizar uma apresentação. Era alguma coisa com dança, com ginástica, as crianças faziam cambalhotas. E as pessoas gostaram da apresentação. Na época eu fazia Biologia aqui em Rio Grande e o Paulo Melo me disse para fazer Educação Física. Ele dizia 'olha, tu estás dando aula de educação física e estás adorando, contigo as coisas saem fluentes'. Aí eu fui lá e fiz o vestibular para a Educação Física. Nunca me passou pela cabeça fazer educação física. Eu queria fazer Medicina, por isso na época eu fui para a Biologia e aqui na época se pagava e para pagar a Medicina eu não tinha dinheiro. Vários de nós queriam fazer Medicina. Mas, acabei fazendo o vestibular e gostei do curso.[...]. Eu nunca fui atleta escolar, eu não fui atleta de nada. Eu gostava de dar aula para crianças pequenas.

Assim como o professor Ciro, a professora Maria Alice também gostaria de ter cursado Medicina, porém, como o curso custava caro, optaram pela Educação Física.

Em 1981 ingressam dois novos professores, Mauro Sérgio Lima Umpierre e Flávio Medeiros Pereira. Sobre seu ingresso na ETFPel o professor Flávio relata que

Ingressei na Escola Técnica através de concurso público realizado em 1979 e fui chamado no primeiro semestre letivo de 1981. O concurso foi teórico e prático. Na parte teórica eram duas partes, uma de legislação e português, e uma de educação física. Na parte prática, tinha que ministrar uma aula, para a qual eu juntei alguns alunos meus de uma escola do estado onde eu trabalhava. Caiu para mim o tema futebol. Eu lembro que preparei a aula junto com os alunos, combinei que eles deveriam em algum momento errar para que eu pudesse fazer as correções. Neste concurso estavam participando os professores Mário, Pedro e Giusti que já estavam lá dentro.

O professor Flávio cursou sua graduação no Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal de Santa Maria, onde ingressou em 1972 e concluiu em 1974. Em 1975, o professor cursou especialização em handebol. Quando perguntado por que optou pela carreira de professor de educação física ele responde que:

Eu sou técnico em contabilidade, inclusive estudei um semestre de economia e eu vi que não era o que eu queria. Eu desejava alguma coisa que fosse mais ao ar livre, que fosse mais movimentada. Eu não queria passar a minha vida entre quatro paredes. Eu escolhi a profissão por que eu

sempre gostei de Educação Física apesar de não ter tido aulas de educação física na escola. Mas eu sempre me preocupei em estudar o método atlas, fazer ginástica, coisas assim. Sempre fui de me diferenciar positivamente através do cuidado com o corpo. Não fui atleta escolar porque na minha formação escolar não havia educação física. Na escola não havia nada de equipes, às vezes tinha alguma competição, mas quem jogava eram os mais altos e os mais velhos. Tanto que na universidade, como eu não tinha essa experiência motora diferentemente de meus colegas eu tinha uma série de dificuldades com o voleibol, o futsal e etc. (FLÁVIO).

Diferentemente dos demais, o professor Flávio escolheu a carreira de professor de educação física em função do ambiente de trabalho, e não devido a habilidades esportivas.

O Professor Mauro Umpierre graduou-se na ESEF-UFPel em 1977, atuou como professor temporário até 1984 quando é aprovado em concurso público e efetiva-se na Instituição. Em 1986 após concluir a Faculdade de Medicina é designado para o gabinete médico da, onde ainda permanece em atividade.

Diferentemente dos professores Ciro e Maria Alice, o professor Mauro após graduar-se em Educação Física presta vestibular para Medicina e ao concluir o curso abandona a carreira de professor para seguir a de médico.

No ano de 1982 ingressa na Escola o professor João Manoel Martins da Cruz, quando perguntado sobre como aconteceu seu ingresso ele responde que “Em 1982 já com graduação concluída eu fui convidado para atuar como professor temporário” e que naquela época:

Os professores se cadastravam na Instituição para serem chamados. Eu quando me formei fiz meu cadastro aqui. Até por indicação de meus futuros colegas, porque eu havia trabalhado como monitor. Então eles escolhiam após uma análise destes cadastros e chamavam quem eles achavam mais interessante. Os demais já estavam concursados. Quem me convidou na época foi o Coordenador da Educação Física, o professor Neuci. Em 1984 eu fiz concurso e então me efetivei na Escola (JOÃO).

Sobre sua formação profissional o professor João conta que “[...] fiz vestibular em 1978, mas como fui chamado para o serviço militar obrigatório e fui obrigado a trancar a matrícula, só comecei a faculdade em 1979 de onde saí em 1981.”

Escolhi a Educação Física devido a minha experiência como monitor dentro da Escola, também por causa da minha vida ligada aos esportes, pois desde que eu entrei no Pelotense eu era atleta escolar. Depois, aqui na Escola, joguei handebol, joguei basquete, fiz atletismo, graças à experiência como monitor. Outra coisa que chamou minha atenção foi a condição do pessoal que trabalhava aqui como professor e as condições de trabalho me pareceram “legais”(JOÃO).

Para o professor João além da experiência como monitor e o prazer pela prática de esportes, a remuneração dos professores e as condições de trabalho, instalações, materiais e equipamentos, na Escola Técnica eram melhores que em outras escolas.

Em 1985 dois novos professores ingressam na Escola, a Professora Rosiane Magalhães Rombaldi e o professor Airton José Rombaldi. O professor Airton nasceu na cidade de Caxias do Sul/RS em 07 de dezembro de 1957, graduou-se em Educação Física na ESEF-UFPeI no ano de 1981 e especializou-se em Ginástica Escolar nesta mesma Instituição em 1982. Ingressou na Escola em 25 de fevereiro de 1985 e em março de 1986 solicitou exoneração para assumir na ESEF-UFPeI.

Já a professora Rosiane que também fez sua formação inicial na ESEF-UFPeI onde entrou em 1979 e graduou-se em 1981, sobre seu ingresso na Escola faz o seguinte relato.

Eu ingressei por concurso em 1985, o concurso foi realizado em 1984 e nos chamaram em fevereiro de 85. Eu me lembro que a banca era o Mário o Neuci e a Telma, nós fizemos a prova escrita no miniauditório, aquele com escadinhas. Depois fizemos a prova prática, para mim caiu voleibol. O tema era toque alto e toque baixo, alguma coisa assim, eu me lembro que tive de procurar para saber o que era (ROSIANE).

Sobre os motivos que a levaram a escolher a carreira de professora de educação física ela afirma

Eu não saberia fazer outra coisa, sempre gostei de prática, sempre fui muito ativa. Era verão e inverno eu tinha que estar na rua jogando ou fazendo alguma atividade. Eu também acho que os professores que tive no colégio me passaram coisas tão boas, tão significativas tão prazerosas que eu me identifiquei bastante. A educação física era muito boa. Eu sempre gostei muito destas atividades e também das competições, eu participava no atletismo e no voleibol. Eu fui atleta do Assis Brasil. Gostava de me envolver com jogos, com arbitragem. Eu me lembro que gostava de ver as arquibancadas cheias durante as competições. As outras licenciaturas e outras profissões como advogado ou médico nunca me chamaram a atenção.

No ano de 1986 são realizados o primeiro Jogos Intercursos. Este evento organizado pelos professores de educação física mobilizava professores e alunos de todos os cursos. Até o ano de 1996 foram realizadas onze edições dos Jogos, em que os alunos competiam nas modalidades de atletismo, voleibol, basquete, futebol de salão, handebol, xadrez e gincana cultural.

Em 1986 ingressou a professora Maria Elizabeth Herter da Cunha, a professora Betinha como era chamada, graduou-se na ESEF-UFPeI em 1980 e cursou especialização em Ginástica Escolar em 1981 e aposentou-se em 2004. Em 1987 entram os professores Giovani Silveira Petiz e Carmem Lúcia Lascano Pinto. O Professor Giovani graduou-se na ESEF-UFPeI e cursou Pós-Graduação em Ginástica Escolar. Em 1992 é redistribuído para a Escola Técnica de Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul. A professora Carmem Lúcia graduou-se em Educação Física na ESEF-UFPeI, cursou mestrado e doutorado e permanece na Instituição, porém, não junto à coordenadoria de educação física, de onde afastou-se em 2010 para atuar na Coordenadoria de Formação de Formadores.

Com relação à organização curricular dos diversos cursos técnicos oferecidos pela Escola Técnica, a medida tomada em 1971 de mudança de regime anual para semestral, parece não ter apresentado os resultados esperados pois

No ano de 1989, a Escola retornou ao regime anual, para a matrícula dos alunos nos Cursos Técnicos, entrando o regime semestral em extinção paulatina. Os índices de evasão e de repetência justificaram a medida. Outro argumento apresentado ao retorno anual foi o de que favoreceria mais o espírito de turma, uma vez que os alunos permaneceriam por maior tempo juntos, além de que se notava no regime semestral certo descuido nos estudos, por saberem os estudantes que, se reprovados, perderiam apenas um semestre e não o ano todo (MEIRELLES, 2007, p. 86,87).

Em 1989 é realizado um novo concurso público, no ano seguinte ingressa o professor Giancarlo Bachieri. O professor Giancarlo iniciou sua formação no IPA, mas concluiu sua graduação na ESEF-UFPeI em 1984. Concluiu especialização em Ginástica Escolar em 1988. Cursou Mestrado e Doutorado no Programa de Epidemiologia da UFPeI. É o primeiro professor com título de doutor a atuar na Área de Educação Física da ETFPeI, onde permanece em atividade.

Em 1990 ingressa na Escola a professora Regina Maria Dourado Loguércio. A professora Regina vem redistribuída de Roraima. Graduada pela Fundação Átila Taborda, Faculdades Unidas de Bagé (FAT-FUNBA) em 1979. Possuía duas especializações, a primeira em Técnica Desportiva – Voleibol e a segunda em Educação Psicomotora, ambas realizadas na ESEF-UFRGS em 1985 e 1990 respectivamente. Aposentou-se em 2007.

Em 1991 entram os professores Valdir Andrade Lacerda Júnior e Sofia Faria Silveira, que haviam obtido a segunda e terceira colocação no concurso de 1989, ambos licenciados pela ESEF-UFPeI. A professora Sofia possuía especialização em

voleibol pela ESEF-UFPe e aposentou-se em 2012. O professor Valdir graduou-se em 1987 e especializou-se em Ginástica Escolar pela ESEF-UFPe em 1988. Em 2008 concluiu Mestrado na Fundação Universidade de Rio Grande na área de Educação Ambiental. O professor Valdir continua em atividade.

No ano de 1992 ingressa na Instituição, redistribuída de Roraima, a professora Vera Regina Severo Gonçalves. A professora Vera, cursou licenciatura em educação física na FAT-FUNBA, onde se formou em 1981. Aposentou-se em 2011.

Em 1993 entram os professores Éder Fontoura da Silveira, Daura Peres Espíndola e Renato Brauner de Azevedo. Todos aprovados no concurso de 1989. Os professores Renato e Daura colaram grau na ESEF-UFPe em 1983 e 1979, respectivamente. O professor Renato cursou especialização em Ginástica Escolar na ESEF-UFPe em 1988 e se aposentou em 2013. A professora Daura cursou especialização em Ginástica Escolar em 2006 e aposentou-se em 2009. O professor Éder é licenciado pela FAT- FUNBA onde concluiu sua graduação em 1982, em 1986 cursou especialização em Voleibol na ESEF-UFPe, onde também concluiu mestrado em Atividade Física e Saúde em 2010, atualmente encontra-se em atividade junto à Coordenadoria de Educação Física.

O último concurso realizado para ingresso de novos professores foi realizado em 1995, no ano seguinte, são chamados dois novos professores, eu e Vinícius Costa da Costa, ambos graduados na ESEF-UFPe. O professor Vinícius é especialista em Ginástica Escolar. Eu cursei especialização em Ciências da Musculação na universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro. Ambos continuamos em atividade. O professor Vinícius é o atual coordenador pedagógico da área de educação física.

Em 19 de janeiro de 1999, a Escola Técnica Federal de Pelotas é transformada em Centro Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pelotas – CEFET/RS.

Com a transformação do CEFET/RS em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-grandense, através da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, a antiga Escola Técnica é atualmente denominada Campus Pelotas.

Analisando as falas dos professores apresento constatações sobre alguns aspectos neste capítulo.

Dos onze professores entrevistados, dois ingressaram na ETFPel com habilitação obtida em cursos para professores a título precário e depois cursaram licenciatura no IPA, em Porto Alegre, em curso concentrado/parcelado. Uma professora ingressou com curso de licenciatura na UFRGS e um professor licenciado pela UFSM. Uma professora ingressou quando ainda era aluna de primeiro ano da ESEF-UFPeI. Os demais, seis professores, já haviam concluído a licenciatura na ESEF-UFPeI.

Ainda a respeito do ingresso desses professores, observo que até o meio da década de 1970 era comum, principalmente devido à falta de pessoal habilitado, o convite a algum conhecido que possuía algum tipo de habilidade/conhecimento em alguma atividade esportiva. Existiam poucos professores titulados, então, os interessados em ministrar aulas de educação física participavam de cursos de curta duração oferecidos pelo Governo do Estado e obtinham uma autorização para lecionar a título precário por um ano. Esta autorização devia ser renovada anualmente mediante participação do interessado em novos cursos de atualização em conhecimentos de Educação Física. Estes cursos autorizavam ao professor a ministrar aulas tanto na rede pública como na rede particular de ensino.

A partir de 1979 começam a ser realizados concursos para preenchimento de vagas na Área de Educação Física. O segundo concurso foi realizado em 1984, o próximo seria realizado em 1989 e o último em 1995.

Não obstante o Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União, em vigor desde 1952 já determinasse em seu “Art. 18 – A primeira investidura em cargo de carreira e noutros que a lei determinar efetuar-se-á mediante concurso”, e a Emenda Constitucional nº 01, de 17 de outubro de 1969, estabelecesse no parágrafo 1º do artigo 97 que “A primeira investidura em cargo público dependerá de aprovação prévia, em concurso público de provas ou de provas e títulos [...]”, na ETFPel, até 1979, os professores eram convidados a lecionar como professores colaboradores devido ao seu conhecimento em determinada área e depois faziam um concurso interno.

Dos onze professores entrevistados, participaram destes concursos internos o professor Neuci e a professora Teresinha, os demais participaram de concurso público de provas e títulos.

Outra situação característica é que os professores Ciro, Neuci, Mário e Pedro foram convidados em momentos em que a Escola precisava de técnicos para as equipes que representavam a ETFPel em eventos esportivos. Este movimento aconteceu na primeira metade da década de 1970, devido à Área de Educação Física estar expandindo suas atividades e consolidando a prática de atividades extraclasse, através da manutenção de equipes esportivas em permanente treinamento.

A respeito dos motivos que os levaram à escolha pela carreira do magistério em educação física todos, com exceção do professor Flávio e da professora Maria Alice, relataram que em algum momento haviam sido atletas e a escolha profissional deveu-se ao prazer que encontravam ao participar do ambiente escolar esportivizado da época, ou seja, a vivência com práticas corporais anteriores à formação profissional foi determinante na escolha da profissão. Para dois professores (João e Rosani), além da vivência como atletas a experiência como monitores, quando eram alunos da Escola, foi determinante para a escolha profissional.

Outro importante aspecto para a escolha da carreira, indicado por quatro entrevistados (Ciro, Teresinha, Pedro e Rosiane), foi a admiração por professores durante sua formação no ensino secundário.

Para o professor Flávio, que não tinha vivência como atleta, a sua opção pela Educação Física deu-se em função da procura de uma atividade profissional que não o mantivesse em uma sala fechada, realizando tarefas burocráticas. Já a professora Maria Alice admite nunca ter pensado em cursar Educação Física até ser incentivada por um professor e com o tempo acabou gostando da atividade docente.

“Sabemos que o passado, em sua totalidade, nunca é completamente apreensível.”
Lopes & Galvão

3 Memórias de práticas na Educação Física da Escola Técnica Federal de Pelotas

Neste capítulo busco identificar as práticas docentes desenvolvidas pelos professores de educação física da ETFPel. Em um primeiro momento investigo questões da prática coletiva, como era pensada e desenvolvida a prática da disciplina de educação física pelo conjunto de professores? Como era feito o planejamento de conteúdos a serem desenvolvidos? Como se dava o processo avaliativo?

Em um segundo momento, abordo a prática individual de cada professor. Como o professor desenvolvia no dia a dia com seus alunos o conteúdo planejado? Qual o objetivo da disciplina na visão desses professores? De quais saberes os professores se apropriavam para desenvolver sua prática pedagógica?

Os excertos foram selecionados a partir das respostas dos entrevistados às questões pertencentes aos terceiro e quarto blocos do roteiro de entrevistas, que tratavam da organização da disciplina de educação física e da prática pedagógica dos professores, respectivamente.

Antes, contudo, de abordar a prática dos professores entendo que um sucinto relato da história da Educação Física no Brasil possa ajudar no entendimento de como esta disciplina se instituiu e consolidou nas instituições escolares em geral e na Escola Técnica Federal de Pelotas, em particular. Neste percurso, utilizo a periodização proposta por Paulo Ghiraldelli Júnior (1989) para caracterizar as diferentes práticas assumidas pela educação física enquanto disciplina escolar. Baseio-me nesta periodização porque leio que, embora ele se utilize de marcos temporais externos ao objeto – eventos políticos – é uma periodização que pode ser considerada clássica e apresenta didaticamente as tendências da Educação Física brasileira. Mas, como o próprio autor anuncia, a relação dessas tendências com a

prática cotidiana não se dá de uma forma pacífica e muitas vezes uma tendência hegemônica numa época está latente no período anterior e que tendências que, aparentemente desaparecem, foram na verdade incorporadas por outras.

Dessa forma, com o entendimento de que a prática docente, por vezes incorpora mais de uma tendência como uma amálgama, creio que a proposta de Lino Castellani Filho (1991) permite reagrupar as diferentes tendências de forma mais ampla.

A respeito da necessidade em estudar as diversas propostas de periodização, concordo com Lucena (1994, p. 13), quando este afirma que “É interessante notar que a questão da periodização, no caso da Educação Física, tem rendido muita discussão. Faz-se periodização para melhor situar o objeto de estudo no espaço e no tempo”.

Entendo ser necessário, neste momento, esclarecer que meu entendimento sobre a definição de tendências, concepções e abordagens de ensino está consoante com a conceituação oferecida por Campos (2011) em seu livro *Didática da Educação Física*.

A concepção de ensino e a abordagem de ensino se prestam ao mesmo conceito, portanto, ao dizer as concepções de ensino em Educação Física Escolar, poderá estar-se também dizendo que é o que explica a forma de se abordar o ensino na prática docente. Já para o termo tendências de ensino ou tendências pedagógicas possibilita-nos a compreensão de onde as concepções ou abordagens de ensino surgem. A tendência não se constitui por si só em uma concepção elaborada, uma tendência apresenta indicadores de que o ensino começa a caminhar por determinada trilha que poderá gerar uma determinada abordagem de ensino (CAMPOS, 2011, p. 54).

Alinho-me a Frizzo (2013, p. 192), quando afirma que, na atualidade, “estamos vivenciando um período de retomada de discussões relativas às teorias pedagógicas da EF, tendo em vista que na década de 1980 tivemos um significativo avanço nestas questões”, porém, que ainda carecem de um suporte mais aprofundado.

Compartilhando desse entendimento, desenvolvo uma rápida e sucinta história das práticas corporais nas instituições escolares a partir das “maneiras de fazer educação física na escola”.²⁵

²⁵ Expressão utilizada por Vago (1999).

A Educação Física surge no Brasil em meados do século XIX, após a chegada da família real portuguesa ao Brasil. Para Castellani Filho (1988) a história da Educação Física no Brasil confunde-se em muitos de seus momentos com a dos militares. Desde a criação da Academia Real Militar, em 1810, até a criação da Escola de Educação Física do Exército em 1933, passando pela introdução da Ginástica Alemã, em 1860, por Pedro Guilhermino Meyer, alemão, na função de Contramestre de Ginástica da Escola Militar²⁶; pela fundação de uma Sala de Armas, embrião da Escola de Educação Física da Força Policial do Estado de São Paulo, em 1907, pela Missão Militar Francesa²⁷ e pela criação, em 1922, do Centro Militar de Educação Física, atual Escola de Educação Física do Exército.

Até a metade do século XX, Educação Física era desenvolvida, principalmente, através dos métodos ginásticos europeus, além do Alemão e Francês, já citados, o método Sueco também foi bastante difundido. Tais métodos de sistematização dos exercícios ginásticos tiveram sua origem na necessidade de aprimoramento físico de militares, a disciplinarização exacerbada e o desenvolvimento moral das tropas, sua implementação nas escolas originou a concepção militarista de Educação Física.

A Educação Física Militarista (1930-1945), para Ghiraldelli Jr, é mais do que uma prática militar de preparo físico, esta concepção visa impor a toda sociedade padrões de comportamento estereotipados, frutos da conduta disciplinar própria ao regime da caserna. Tendo como plataforma básica, segundo Ghiraldelli Jr. (1997, p.18), “A coragem, a vitalidade, o heroísmo, a disciplina exacerbada [...]”.

Não obstante a influência militar, a Educação Física nas primeiras décadas do século XX foi, também, fortemente influenciada pela classe médica. A influência médica deve-se aos inúmeros trabalhos apresentados à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro pelos candidatos à obtenção do Título de Doutor.

As diversas teses apresentadas propunham influenciar os padrões de conduta física, moral e higiênica da sociedade. Estes preceitos de manutenção do corpo sadio, limpo, livre de moléstias foram absorvidos pela educação física escolar que

²⁶ A influência Alemã, segundo Marinho, (1958, p. 434), “Não se limitou ao Exército. Estendeu-se também às escolas, [...] em 1870 o Ministro do Império fez publicar um ‘Novo Guia para o Ensino da Ginástica’, tradução do guia utilizado nas escolas públicas da Prússia”.

²⁷ Introdução do método Francês, que aos poucos vai substituindo a prática do Método Alemão até que em 1929 é “adotado como método oficial em todo o território brasileiro sob o nome de Regulamento Geral de Educação Física” (MARINHO, 1958, p. 448).

seria “[...] um dos instrumentos capazes de promover uma assepsia social, de viabilizar essa educação higiênica e de moralizar hábitos” (SOARES, 2012, p. 08).

Para Ghiraldelli Jr (1997, p.17), a Educação Física Higienista foi hegemônica até 1930 e teve como principal preocupação “erigir a Educação Física como agente de saneamento público, na busca de uma sociedade livre das doenças infecciosas e dos vícios deteriorados da saúde e do caráter do homem do povo.”.

No Brasil, a Educação Física aparecerá vinculada aos ideais eugênicos de regeneração e embranquecimento da raça, figurando em congressos médicos, propostas pedagógicas e discursos parlamentares. O enraizamento da educação física escolar no Brasil dar-se-á, então, a partir de um novo projeto de sociedade, uma sociedade republicana, urbana e industrial.

Para Vago (1999, p.31) “Um novo modelo escolar deveria então ser implantado, com o qual se pretendia muito mais que apenas instruir as crianças: era preciso educá-las nas boas maneiras e dar-lhes uma profissão”. Para tanto, a escola em geral, e a educação física em particular deveriam atuar de forma que aquelas crianças que ingressassem na escola se tornassem “cidadãos republicanos – civilizados, de maneiras amaciadas, disciplinados, sadios e trabalhadores ordeiros – que assim poderiam contribuir para o desejado progresso social” (VAGO, 1999, p. 32).

Nesse mesmo sentido Soares (2012, p. 27), afirma que “O corpo dos indivíduos, como mais um instrumento da produção, passava a constituir uma preocupação da classe no poder.” E conclui que “Era preciso adestrá-lo, desenvolver-lhe o vigor físico desde cedo... discipliná-lo, enfim, para sua função na produção e reprodução do capital”.

Embora Ghiraldelli Jr. entenda que a concepção higienista foi predominante durante as primeiras décadas do século XX e a concepção militarista predominou durante a década de 1930 e metade da década de 1940, pelo que apresentei no início deste capítulo, posso concluir que, na prática, estas duas concepções nas instituições escolares foram desenvolvidas simultaneamente, visto que o pensamento acadêmico utilizado pela Educação Física tinha sua origem nas práticas sanitárias defendida pela classe médica, mas as práticas eram desenvolvidas a partir de modelos militares de exercícios ginásticos. Dessa forma, entendo que estas duas tendências podem ser reunidas segundo a proposta de Castellani Filho (1991, p. 217) como tendência Biologicista, que “Caracteriza-se por reduzir o estudo da

compreensão e explicação do Homem em movimento apenas a seu aspecto biológico [...]”.Para o autor essa tendência reflete a presença da categoria médica na Educação Física Brasileira, e eu acrescentaria a presença da categoria militar.

O professor de educação física era, então, um mero transmissor de conteúdos que preconizava o desenvolvimento anátomo-fisiológico, sem se preocupar que tais exercícios fossem motivantes ou despertassem o prazer pela prática, os alunos deveriam apenas reproduzir e executar corretamente os movimentos determinados por ele. Os alunos eram colocados em formação militar, o uso de vozes de comando era comum e os exercícios eram realizados de forma passiva e disciplinada, semelhante ao que acontecia nos quartéis. Outra característica presente neste contexto é o da obrigatoriedade do uso de uniforme.

Durante toda a década de 1920, foram realizadas reformas educacionais em diversos estados brasileiros. Essas reformas propunham uma nova teoria pedagógica, que buscava superar as limitações da pedagogia tradicional hegemônica até então, propondo novos métodos de educação com vista à formação global do aluno. Se na pedagogia tradicional o centro das atenções era o professor com seus conhecimentos a serem “transmitidos” aos alunos a Escola Nova colocava o aluno, e sua individualidade biológica, no centro do processo educativo.

Em 14 de novembro de 1930 é criado o Ministério dos Negócios da Educação e Saúde Pública, sendo indicado como primeiro ministro da Pasta o mineiro Francisco Campos, que ira assinar em abril de 1931 a primeira reforma do ensino em nível nacional. Nesta, ficava determinado que, nos estabelecimentos de ensino, os exercícios de educação física serão obrigatórios em todas as classes.

A Lei Nº 378 de 13 de janeiro de 1937 cria oito Divisões²⁸ que compõem o Departamento Nacional de Educação, entre elas uma Divisão de Educação Physica. Fica explícito o tratamento diferenciado dado à Educação Física, pois enquanto as diversas disciplinas de um determinado grau de ensino são atendidas por uma mesma Divisão, a Educação Física é contemplada com uma Divisão para tratar unicamente de sua aplicação e sistematização nas escolas.

Em 17 de abril de 1939 é criada, na Universidade do Brasil, a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, que viria a ser a primeira Escola Civil de formação

²⁸ As demais são: Divisão de Ensino Primário, Divisão de Ensino Industrial, Divisão de Ensino Comercial, Divisão de Ensino Doméstico, Divisão de Ensino Secundário, Divisão de Ensino Superior e Divisão de Ensino Extraclasse. Fonte: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=102716>>

de professores de Educação Física. No ano seguinte começa a funcionar a Escola de Educação Física da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (PICCOLI, 2006).

Em 1942, Gustavo Capanema implementa as Leis Orgânicas do Ensino, nestas a Educação Física será uma prática educativa obrigatória para todos os alunos até a idade de vinte e um anos. Na reforma Capanema a educação deveria estar, antes de tudo, a serviço da nação e a Educação Física será objeto de atenção especial para a formação de jovens saudáveis, robustos e obedientes, prontos para defender a pátria.

Após o término da Era Vargas, em 1946, é promulgada uma nova Carta Constitucional, nela a União recebe a atribuição de fixar as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, proposta que é encaminhada em 1948 para apreciação no Congresso Nacional. Em 1961 entra em vigor a primeira Lei de Diretrizes e Bases. Já nessa primeira Lei de Diretrizes e Bases, a Educação Física, embora nominada em artigo específico, não seria considerada disciplina e sim uma prática educativa²⁹. O artigo 22 do Título V da Lei 4.024/61 que trata – Dos Sistemas de Ensino, apresentava a seguinte redação: “Será obrigatório a prática da Educação Física nos cursos primário e médio, até a idade de 18 anos”.

Segundo Betti (1991, p.92) “Esta medida consolidou definitivamente a introdução da Educação Física no sistema escolar brasileiro [...]”.

O Caráter da Educação Física presente na primeira LDB está diretamente relacionado ao desenvolvimento físico do aluno com o objetivo de prepará-lo para o mercado de trabalho. O processo de industrialização vivido no período nacional-desenvolvimentista exigia trabalhadores que pudessem desempenhar suas funções nos novos postos de trabalho.

Nesse novo contexto diferentemente das tendências anteriores, a Educação Física Pedagógica (1945-1964):

É, pois, a concepção que vai reclamar da sociedade a necessidade de encarar a Educação Física não somente como uma prática capaz de promover a saúde ou de disciplinar a juventude, mas de encarar a Educação Física como uma prática eminentemente educativa. E, mais do que isto, ela vai advogar a “educação do movimento” como a única forma capaz de promover a chamada “educação integral” (GHIRALDELLI, 1989, p. 19).

²⁹ A este respeito observar a grade curricular do Curso Técnico de Máquinas e Motores de 1963. Anexo - G.

Nesse período de redemocratização a Educação Física escolar busca uma nova identidade, a entrada do esporte como prática hegemônica na cultura corporal vai arrefecer as práticas corporais ligadas aos aspectos higiênicos e militares.

A partir dos anos 1950 ocorre a introdução do Método da Educação Física Desportiva Generalizada, pelo francês Auguste Roger Listello. Tal método propunha a “grosso modo” substituir, a partir da inclusão dos esportes, os exercícios físicos realizados por obrigação pela atividade física feita por prazer. O esporte substituirá a ginástica como principal conteúdo da cultura corporal a ser desenvolvido nas aulas de Educação Física Escolar.

A Educação Física Competitivista (pós-1964) apresenta-se segundo, Ghiraldelli (1989, p. 20), “[...] a serviço de uma hierarquização e elitização social.” A prática desportiva deve ser massificada, a fim de promover o aparecimento de talentos que representem o país em competições internacionais.

A respeito do funcionamento da disciplina de educação física na ETFPel o professor Neuci lembra que o “[...] professor Nogueira dizia ‘não se faz ninguém gostar daquilo que não seja prazeroso’, então ele fazia um aquecimento, um pouco de ginástica ou ordem unida e dava a bola, geralmente era futebol, mas às vezes quando o ginásio estava livre ele dava um pouco de basquete ou voleibol.”

A pedagogia Nova não consegue na prática efetivar o movimento a que se propunha na teoria e o “escolanovismo começa a apresentar sinais visíveis de exaustão” (SAVIANI, 2009, p.10). Surge a pedagogia tecnicista que, a partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada em princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, vai se apresentar como a solução para os problemas educacionais. Professor e aluno deixam de ser o centro do processo educativo, os métodos, a instrução programada, o planejamento e a organização são priorizados, professor e aluno devem se adaptar ao processo burocrático educacional.

No tecnicismo, a proposta pedagógica para a educação física, é o binômio esporte-competição, com os conteúdos centrados primordialmente nos esportes, dentro de uma visão biológica ou biologizante que objetiva a *performance* e o rendimento motor. Essa abordagem tecnicista atrelada à Educação Física Desportiva Generalizada elege os esportes como sinônimo de Educação Física Escolar e a relação professor-aluno transforma-se em relação professor/treinador-aluno/atleta.

A pedagogia tecnicista em educação resulta da tentativa de aplicar na escola o modelo empresarial, que se baseia na “racionalização” própria do sistema de produção capitalista. Um dos objetivos teóricos dessa linha é, portanto, adequar a educação às exigências da sociedade industrial e tecnológica, evidentemente com economia de tempo, esforços e custos (ARANHA, 2000, p.213).

Para Ghiraldelli Júnior (1989), na década de 1970, o regime autoritário utilizou o esporte como propaganda ideológica. Houve forte investimento na Educação Física, com o objetivo de que a escola se tornasse um “celeiro de talentos esportivos”, atletas que representariam o Brasil e o regime político. As aulas de educação física priorizavam a prática esportiva e os alunos mais habilidosos passaram a monopolizar a atenção dos professores em detrimento dos demais.

Esse projeto consolidou-se a partir de uma prática tecnicista associada ao Método Desportivo Generalizado. A prática pedagógica dos professores de educação física seria orientada para o ensino e desenvolvimento de habilidades motoras/gestos técnicos dos desportos coletivos, basicamente o voleibol, o basquete, o handebol e o futebol de salão, e dos desportos individuais, principalmente a ginástica olímpica, a natação e o atletismo.

Ainda durante o governo Médici é implementada a Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, a segunda LDB, que fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Grau e dá outras providências. Nesta Lei, a educação seria ministrada nos níveis de 1º e 2º graus, correspondentes aos níveis primário e médio, respectivamente.

A Educação Física novamente é destacada, agora, no Art. 7º com a seguinte redação: “Será obrigatória a inclusão de Educação Moral e Cívica, Educação Física, Educação Artística e Programas de Saúde nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus [...]”. Interessante observar que neste momento a prática obrigatória da Educação Física ainda estava amparada pelo art.22 da Lei 4.024, como uma prática educativa.

Em 1º de novembro de 1971 o Decreto-Lei nº 69.450 que regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4.024 de 1961 (primeira LDB) vai apresentar o seguinte teor:

Art . 1º A educação física, atividade que por seus meios, processos e técnicas, desperta, desenvolve e aprimora-forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando, constitui um dos fatores básicos para a conquista das finalidades da educação nacional.

Art . 2º A educação física, desportiva e recreativa integrará, como atividade escolar regular, o currículo dos cursos de todos os graus de qualquer sistema de ensino.

A proposta pedagógica da Educação Física Desportiva Generalizada e o atendimento aos preceitos da legislação ficam explícitos nos programas da disciplina de educação física da Escola Técnica. Nos programas de 1976³⁰ até 1980 a primeira unidade a ser desenvolvida, em todos os anos, pelos professores era a Ginástica Geral, nesta unidade o primeiro conteúdo seria a “S.A.F.G.³¹ – (Formativa, desportiva, recreativa)”.

Essas duas tendências, Pedagogicista e Competitivista, podem ser reagrupadas para formar a tendência Psico-pedagogicista, que, para Castellani Filho (1991), se caracteriza pela crença de que a escola é uma instituição independente e autônoma, não sofrendo influência das relações sociais presente na sociedade em que está inserida.

A tendência psico-pedagogicista, segundo o autor, apresenta um caráter de formação acrítica, centrada na busca da capacitação de mão de obra qualificada, o objetivo é o aluno aprender a fazer.

Explica-se no “reducionismo psico-pedagógico”, que se caracteriza pela análise das instituições sociais – a escola, por exemplo – enquanto “sistemas fechados”, forjando formulações abstratas, a-históricas de “criança”, “homem”, “idoso”, como se existissem “em si mesmos”, ao largo das influências das relações sociais de produção que se fazem presente na sociedade em que se encontram inseridos (CASTELLANI FILHO, 1991,p.219).

A partir do final da década de 1970 e meados da década de 1980 surgem os “movimentos renovadores na educação [...] que se caracterizam pela presença de princípios filosóficos em torno do ser humano, sua identidade, valor, tendo como fundamento os limites e interesses do homem” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.55).

A Tendência Popular, última tendência proposta por Ghiraldelli (1989), surge do Movimento Operário e Popular, ancorado nos princípios do movimento renovador. Segundo o autor, ela não está preocupada com a saúde pública, não pretende disciplinar homens e nem almeja preparar atletas. Também não se pretende educativa no sentido em que é usada pelas demais concepções. Nesta mesma linha de raciocínio Castellani Filho (1991), apresenta a tendência Transformadora, para o autor as práticas pedagógicas apoiadas nesta tendência

³⁰ Os programas encontram-se no anexo H.

³¹ Sessão de atividades físicas generalizadas.

buscam extrapolar o desenvolvimento de aspectos orgânicos e biológicos onde comumente se enquadra a atividade física. Para a tendência Transformadora:

[...] educar caracteriza-se como uma ação essencialmente política à medida que busca possibilitar a apropriação, pelas classes populares, do saber próprio à cultura dominante, instrumentalizando-as para o exercício pleno de sua capacidade de luta no campo social (CASTELLANI FILHO, 1991, p. 220).

Portanto, as tendências denominadas de Popular para Ghiraldelli, e Transformadora para Castellani Filho são aquelas que irão refutar, negar e criticar o modelo vigente da época, que era ligado ao desenvolvimento físico e à performance esportiva e propor uma prática em que, além do desenvolvimento físico, sejam contemplados também aspectos cognitivos, afetivos e socioculturais dos alunos.

3.1 As Práticas Coletivas

Início esta seção contextualizando o ambiente escolar encontrado pelos professores que ingressaram na ETFPel a partir de 1973. Acredito que tal movimento se faz necessário, primeiro, para caracterizar a cultura escolar estabelecida na Área de Educação Física até então. E, segundo, para esclarecer que as práticas desenvolvidas a partir de 1973 não surgiram do nada, elas foram estabelecidas a partir do que já existia e entre tensões e conflitos foram se consolidando. Em seguida, abordo aspectos relacionados ao trabalho coletivo dos professores referentes ao planejamento da disciplina. Quando era realizado o planejamento da disciplina? Quais conteúdos eram desenvolvidos? Como se dava a avaliação do aprendizado?

Quando os professores Ciro, Teresinha e Neuci chegaram à ETFPel, em 1972 o primeiro e em 1973 os outros dois, eles encontraram um ambiente militarizado, os três professores que atuavam eram oriundos do exército e haviam cursado a Escola de Educação Física do Exército. É preciso lembrar que o professor Nogueira já lecionava há mais de 25 anos, o professor Liberato estava na Escola há 20 anos e o professor Gaia há pelo menos 08 anos, portanto, já existia uma cultura escolar, caracterizada principalmente pela prática de atividades físicas que visavam apenas ao desenvolvimento físico. O professor Neuci afirma que:

Não havia planejamento, cada professor trabalhava o que quisesse e da forma como quisesse com sua turma. Não existiam planos de ensino comuns, o professor Nogueira era o que dava mais futebol, mas sempre depois de uma parte de ginástica ou de ordem unida. O Liberato era ginástica, calistenia, exercícios no pórtico e corrida, quando fazia um esporte era a bola militar, uma mistura de rúgbi com futebol americano. Já o Gaia fazia um pouco de cada um, ginástica e exercícios em um dia e jogo no outro. Isto no primeiro semestre, por que no segundo era ordem unida todos os dias e nas quartas feiras juntava todos os alunos da escola para ensaiar com a banda para os desfiles da semana da pátria. [...] era muita ginástica e ordem unida. Quando tinha esporte não era como nós depois viemos a fazer, ensinando os fundamentos, as regras e etc., era só o jogo (NEUCI).

Para a professora Teresinha, que trabalhava com as turmas femininas, não existia uma sistematização e planejamento comum à área. “Eu organizava a minha aula sozinha, porque eu era a única que trabalhava com as turmas femininas, eu decidia o conteúdo que eu ia desenvolver, quando e como, planejamento mesmo só foi aparecer mais tarde,”

O professor João Manoel, que nesta época era aluno, lembra que “Muitas aulas eram só corrida. O aluno chegava fazia aquecimento e corria no entorno da pista, quando terminava era banho e ir embora. A Educação Física era muito parecida com a atividade física do quartel. Aqui nós jogávamos a bola militar.”

O professor Ciro lembra que:

Na hora da chamada a formatura era praticamente militar, a disciplina era fantástica. O sistema geral era assim. O princípio do militarismo era em todas as escolas, a gente já tinha essa orientação, em qualquer escola que se trabalhasse, mas na Escola era mais rigoroso. Primeira coisa, entrou em forma, chamada e aquecimento. Depois a parte principal. Tinha muito exercício, eram feitos muitos exercícios, dentro daquele período da aula, os alunos ficavam cansados, então, às vezes, a gente entrava com um esporte, uma recreação. Fazíamos diversos jogos recreativos. Eu sempre trabalhei muito com a coordenação. Com mãos livres ou com bolas. Eu escolhia um tema e trabalhava exercícios de coordenação dirigidos para os desportos. Eu tinha um caderno com roteiros, aulas para exercícios de pernas, exercícios de braço. Eu já ia com a minha aula pronta, pensada (CIRO).

O professor Renato lembra que a Calistenia³² ainda “Tinha, mas não estava se usando muito. Tinha o circuito, o trabalho intervalado estava saindo, estava

³² Para Marinho, (1958, p. 310) “[...] sistema de ginástica que encontra suas origens na ginástica sueca e que apresenta como características, a predominância de formas analíticas, a divisão dos exercícios em oito grupos, a associação da música ao ritmo dos movimentos, a predominância dos movimentos sobre as posições e exercícios à mão livre e com pequenos aparelhos (halteres, bastões, maçãs e etc.).

havendo uma mudança. Eu trabalhei muito pouco, mas tinha professor que ainda trabalhava os ferrinhos³³, os quatro cantos³⁴.”

A respeito das aulas baseadas na Calistenia a professora Rosiane lembra que

Eu me lembro que eles trabalhavam muito com calistenia, eram aquelas aulas com aqueles halteres de mão, aquelas aulas muito rígidas e muito frequentes, logo que eu cheguei os professores mais antigos faziam bastante. Depois começaram a fazer o circuito, montavam as estações (ROSIANE).

A respeito da obrigatoriedade do uso do uniforme, a professora Teresinha relembra que “às meninas também era exigido o uso do uniforme, sem o qual não poderiam participar das aulas”. Mesmo ingressando apenas em 1976, o professor Pedro recorda que:

Na Escola o regime de disciplina era muito intenso, para tu teres uma ideia os nossos alunos tinham uniformes que era: Calção preto, tênis preto, meias pretas e a camiseta, que nos primeiros anos eles usavam com o símbolo do possante, depois foi uma camiseta branca. Bom, eu me lembro de várias vezes tirarmos o aluno de aula porque a meia do aluno não era preta e sim marinho (PEDRO).

Ainda sobre o uniforme, o professor Flávio lembra que em 1981 quando entrou “[...] o uniforme, era calção preto, meias pretas, tênis preto e camisa branca e se o aluno vinha com camisa de outra cor ou meia marrom ele não fazia aula”. O professor avalia que até 1984:

Havia mais rigidez em relação ao uniforme e eu penso que, com o tempo, a frouxidão que houve teve um componente antimilitar, uniforme é coisa de milico então vamos acabar com o uniforme, mas também entendo que teve um componente econômico, visto que na década de 80 o pessoal estava com dificuldade até para adquirir uniforme, e como já não era obrigado, não se justificava mais. Mas nós mantivemos a questão de usar um tênis, calção e camiseta ou agasalho (FLÁVIO).

A partir das falas dos professores posso depreender que a exigência do uso do uniforme foi sendo abrandada, os alunos não precisariam utilizar uniforme para a prática das aulas, mas deveriam usar roupas que fossem “apropriadas” para a prática de atividades físicas, como relata a professora Rosani “[...] o uniforme é

³³ “Aula com ferrinhos” era o termo utilizado pelos professores quando a aula seria de ginástica com os alunos em formação militar utilizando halteres de mão.

³⁴ Os alunos permaneciam em formação militar e os professores colocavam-se à sua frente, às suas costas e aos lados. Cada professor executava um determinado exercício e ao final ordenava aos alunos que se posicionassem de frente para outro professor que executava outro exercício. Dessa forma, enquanto os professores se revezavam, os alunos permaneciam toda a aula realizando exercícios.

importante porque o aluno identifica qual é a roupa apropriada para a prática de educação física.” O professor Renato lembra que “[...] quando os caras inventaram de tirar, a nossa área resistiu, nós achávamos que tinha até que flexibilizar, mas não tirar.”

Os professores não se lembram de quando o uniforme deixou de ser exigido. Mas a professora Rosiane é taxativa quando afirma que em 1985, quando entrou na Escola, o uniforme já não era cobrado. “Eu nunca vi o uniforme lá dentro”.

Portanto, com relação ao uniforme posso inferir que este deixou de ser cobrado por um conjunto de fatores, políticos, econômicos e sociais. Político com o fim do período militar e a necessidade da sociedade em se “livrar” de resquícios do autoritarismo; econômico, devido ao “arrocho” nos salários, inflação alta e queda nos níveis de emprego e sociais em função da entrada de novos professores que entendiam por “uniforme” o uso de roupas apropriadas para a prática de atividades físicas.

Com relação às aulas, identifico um alinhamento com as práticas corporais orientadas pelas tendências higienista e militarista, biologicista para Castellani Filho, ou seja, o desenvolvimento corporal com objetivo de manutenção da saúde, exercícios ginásticos (calistenia) e de ordem unida, com o objetivo de padronizar movimentos e disciplinar comportamentos. A prática de atividades esportivas se constituía em momentos de recreação e não de aprendizagem, pois objetivava apenas o desenvolvimento do jogo e não o aprendizado de gestos esportivos, de formações táticas e conhecimento de regras. Para Valter Bracht (2011, p. 54)

[...] a introdução da ginástica/Educação Física na instituição escolar pode ser analisada como um elemento do processo de disciplinação dos corpos; a construção de um tipo de corpo exigido pela época. Também o esporte moderno pode ser interpretado como uma instituição “disciplinadora” do corpo.

Realizada esta caracterização da cultura escolar presente na prática da educação física na ETFPel até meados da década de 1970, busco identificar as práticas pedagógicas desenvolvidas a partir de então, com a entrada de novos professores e a atuação do Setor de Supervisão Pedagógica. A Escola Técnica como um todo começa a instituir o planejamento didático-pedagógico e da educação física também seria requisitado tal planejamento. Sobre a sistematização das aulas

de educação física a partir da adoção do planejamento pedagógico, o professor Neuci rememora:

O planejamento da Educação Física começou em 1976, eu era coordenador e as supervisoras fizeram um treinamento com todos os coordenadores. Logo que eu entrei com os planos foi muito difícil, houve rejeição. Mas depois não havia mais objeção, os professores gostaram, principalmente os novos, porque eles não precisavam se preocupar com o conteúdo que iriam dar, porque isto já estava definido no programa. Até por que a partir do programa houve uma distribuição dos locais em função do programa e não em função da hierarquia, porque até então os professores mais antigos ocupavam o espaço em função de sua aula (NEUCI).

Sobre o planejamento o professor Pedro lembra que

Nós fazíamos isso nas reuniões de quartas-feiras, muitas vezes isso vinha meio pré-pronto pelo Neuci, e ele trazia para a gente discutir na reunião. É aquela coisa, quando tu trazes para uma reunião para discutir e a maioria entende que é isso, bom, então vamos fazer. Eu acho que isto foi uma coisa muito boa. Porque existia comprometimento e mesmo que eu não concordasse com alguma coisa, eu fui voto vencido, e a gente tocava as coisas. Nestas votações é que alguns conteúdos eram acrescentados e outros eram retirados dos programas (PEDRO).

Para a professora Rosani “Nas reuniões se discutia os circuitos para os dias de chuva. Eram coisas bem práticas, de operacionalizar a nossa área, nas reuniões do início do ano se definia quem pegaria cada turma, revisávamos as normas, víamos se iam continuar ou se faríamos alguma alteração”.

Já a professora Teresinha entende que “Uma vez por semana às quartas-feiras cada coordenadoria se reunia, aí a gente via o que tinha feito. A gente revisava o que tinha feito e o que ia fazer. Se tinha conseguido vencer [os conteúdos] aí outro continuava”.

A professora Maria Alice rememora que:

Nós não discutíamos os programas, nós discutíamos os problemas, todas as quartas-feiras nós discutíamos os problemas que estávamos enfrentando. Tinha-se material, se alguém tinha dificuldade com alguma turma. Mas esta parte de planejamento nós discutíamos por trás, resolvendo os problemas. Quando alguém tinha uma prática que era inadequada, aquilo vinha para a mesa. Não se falava diretamente o que estava acontecendo. Às vezes era uma coisa meio velada, ou seja, se falava sobre o que precisava ser melhorado. Então, se discutia o que foi planejado e o que está sendo executado e isto estava sendo avaliado por todos nós. E nós éramos muito “cri-cris”. Se alguém estivesse de gandaia, isto aparecia. Porque nós temos que levar nossa moral para cima, sabe... em termos de vestir a camiseta. A gente não pensava que o aluno é que deveria ser beneficiado, nós não podemos sujar a nossa imagem, nós temos que fazer um bom trabalho. Isto aparecia em todas as reuniões. Nós precisamos manter a qualidade, manter a qualidade (MARIA ALICE).

Quando perguntado sobre quando os professores se reuniam para planejar a disciplina de educação física, a professora Elizabeth responde:

Eu me lembro que era nas reuniões às quartas-feiras ou quando tinha a venda de férias ou durante os Intercursos que a gente ficava programando e tinha também a participação das coordenadoras/supervisoras pedagógicas. Tinha uma programação, cada semestre tinha um programa, atletismo, vôlei, basquete, ginástica (ELIZABETH).

A professora Elizabeth indica que a disciplina de educação física além de ser organizada/pensada em momentos específicos como, por exemplo, as reuniões pedagógicas, os professores aproveitavam outras situações de encontro do grupo para discutir principalmente os programas. Os professores também relataram que a participação das supervisoras pedagógicas era bem aceita pelo grupo. Tal aceitação fica evidente na fala do professor Pedro “Nós tínhamos uma supervisão pedagógica de primeiro mundo. A Mabel, a Solange e a Marilú. O Neuci interagia com as supervisoras e ele trazia esses programas pré-prontos”.

Observa-se que, mesmo tendo a possibilidade de problematizar e pensar o planejamento junto às supervisoras existia também entre os professores de educação física uma pré-definição do programa. Os professores mais antigos propunham o planejamento e conduziam para a aprovação dos demais.

Sobre o processo avaliativo, os professores lembram que a educação física não precisava emitir nota, portanto não havia processo avaliativo com objetivo de aprovação ou reprovação do aluno, como relatam os professores Pedro, Renato e Elizabeth.

Não tinha avaliação. Essa avaliação cognitiva de ele estar assim no início e de ficar assim no final. A única avaliação que nós tínhamos era da parte física, dos testes. Eu vou te dizer assim Rony, eu acho que no fundo, no fundo, nós não estávamos muito preocupados com a avaliação. A preocupação era muito maior em proporcionar uma atividade física diferente para eles um desporto que até então eles não conheciam. Do que propriamente fazer uma avaliação. Nós estávamos mais preocupados com a ação em si do que com a avaliação (PEDRO).

Nós tínhamos o pré-teste e o pós-teste, não tinha nota para a educação física, não tinha nota, era só frequência. Avaliação? Não tinha avaliação em educação física, era só frequência, não tinha notinha. Eu peguei nota agora no final. Avaliação em educação física sempre foi problemático. Eu trabalhei no estado com avaliação e sempre foi problemático avaliar em educação física que é uma atividade prática. As diferenças individuais (RENATO).

Não fazia, não tinha na época. A gente via a melhora dos alunos. Tinha umas provas, acho que era lá na Escola, quando chegava e quando saía (ELIZABETH).

O professor Flávio também lembra que os testes serviam como forma de avaliação, mas os alunos não eram reprovados ou aprovados a partir de seus resultados nos testes. “Os alunos tinham que atingir os resultados do pré-teste, a avaliação era centrada no aspecto motor. Mas a aprovação do aluno era apenas pela frequência”.

A respeito da avaliação, embora os professores não façam referência aos preceitos do Decreto-Lei nº 69.450/71, mais uma vez a Coordenadoria de Educação Física estava atuando em conformidade com a legislação. O parágrafo 1º do artigo 3º do Decreto determinava que “A aptidão física constitui referência fundamental para orientar o planejamento, controle, e avaliação da educação física, desportiva e recreativa, no nível dos estabelecimentos de ensino”.

Embora os professores relatem que existiam discussões sobre os programas nas reuniões, pela fala de alguns dos colaboradores, entendo que essas discussões envolviam pequenos ajustes e a validação do programa existente. O professor Renato, ao falar dos programas afirma que alguns “[...]devem ter tido dez anos de validade, dez, quinze anos”. Sobre a longa duração dos programas, o professor Ciro lembra que “A gente se reunia, fazíamos uma reunião de professores, discutíamos aquele padrão de atividades. Lembro-me que muito poucas vezes a gente se reunia. Aquilo deslanchava para o resto da vida.” Para a professora Rosiane nessas reuniões semanais “[...] discutíamos quando as coisas não iam bem. Não necessariamente se discutia os programas, por que isso já estava feito e parecia que estava engessado e não se abria muito espaço para discutir isso.” E a professora conclui “Com o tempo, mudando as pessoas é que se começou a discutir mais os programas”. Esta percepção da professora Rosiane é reforçada na fala da professora Maria Alice, pois para esta “Nós não discutíamos os programas, nós discutíamos os problemas [...]”.

Não obstante alguns professores afirmarem que existiam poucas discussões sobre mudanças nos programas de ensino, a análise destes documentos me permite identificar que várias mudanças foram realizadas durante o período estudado.

Embora a estrutura geral dos programas de 1976 até 1994 seja muito semelhante; nos primeiros adiantamentos³⁵ eram trabalhados o atletismo e a ginástica acrobática (até 1982) ou ginástica olímpica (a partir de 1983) e nos demais

³⁵ Adiantamento era um termo utilizado para identificar a série ou ano em que o aluno se encontrava matriculado. Ainda hoje alguns professores utilizam este termo.

adiantamentos eram desenvolvidos o voleibol, o basquete e o handebol e o futebol de salão³⁶, portanto, diversas modificações foram implementadas ao longo dos anos.

Na maioria das vezes são mudanças pouco expressivas como a substituição de uma prova do atletismo por outra ou de um movimento da ginástica olímpica por outro. Mas, em outros momentos são modificações bastante significativas, como a inclusão do futebol de salão a partir de 1986, da natação a partir de 1989 ou da musculação a partir de 1994.

A inclusão no programa das turmas de primeiro e segundo semestres, a partir de 1984,³⁷ de uma unidade denominada “reeducação psicomotora” também é bastante significativa e será abordada no próximo capítulo.

Entendo que essas alterações quando ocorreram foram em função de uma expectativa de adequação dos conteúdos aos locais de aula. O futebol de salão só pôde ser desenvolvido a partir do ano em que as quadras poliesportivas foram construídas. Da mesma forma, a natação começou a fazer parte do programa após a piscina receber cobertura e sistema de aquecimento de água. Porém, todas estas incorporações ou exclusões de atividades do programa permitem inferir que aconteceram devido a um entendimento entre os professores da área, visto que se mantém o perfil de prática docente, qual seja, o ensino de modalidades esportivas.

Sobre as reuniões pedagógicas³⁸ os professores relatam que era um importante momento para debate das questões pedagógicas, mas que eram discutidas também outras demandas da área como a organização da área, distribuição de turmas e locais de trabalho. Nas primeiras reuniões de ano/semestre letivo havia uma reavaliação sobre as normas da área³⁹ e os coordenadores reforçavam junto ao grupo de professores a observância dos preceitos estipulados pelo grupo.

3.2 As Práticas Individuais

Nesta seção busquei compreender como o professor desenvolvia no dia a dia com seus alunos o conteúdo planejado? Qual o objetivo da disciplina na visão

³⁶ O futebol de salão será ministrado como conteúdo a partir de 1986.

³⁷ Os programas da disciplina para o ano de 1984 encontram-se no Anexo I.

³⁸ Historicamente a Escola Técnica Federal de Pelotas utilizou os dois últimos períodos de aula do turno da tarde para que os professores se reunissem nas coordenadorias de áreas e cursos.

³⁹ As normas de ação da coordenadoria de educação física encontram-se no Anexo – J.

destes professores? De quais saberes os professores se apropriavam para desenvolver sua prática pedagógica?

O professor Pedro relata com detalhes como era o procedimento dos professores nas primeiras aulas do semestre/ano letivo.

Na primeira aula nós conversávamos com eles, explicávamos as normas da área, que eram regras que a gente foi construindo ao longo dos anos e achávamos que funcionavam, como ia ser o programa para aquele semestre, isto se fazia **sempre**, sem exceção. O programa de vocês vai ser assim, na primeira aula prática que nós vamos fazer tem essas fichas aqui que cada um vai ter a sua e aí a gente já aproveitava e preenchia as fichas deles, já deixava pronto. Então, nas primeiras aulas nós vamos fazer estes testes que estão previstos aqui. Essas fichas, vocês a hora que quiserem, têm ali um fichário, vocês podem pedir para ver as fichas, é só pedir para um professor que a gente alcança. Aqui na Escola as coisas vão funcionar assim, a nossa aula é tal horário, quem chegar atrasado não vai entrar, nós vamos liberar vocês 10 minutos antes para que vocês possam trocar de roupa e chegar para a próxima aula lá dentro a tempo. Nós temos médicos aqui na Escola, quando vocês tiverem problemas procurem os médicos. O atestado médico de vocês de dispensa das aulas de EF é o médico da Escola que vai dar. Este atestado médico não libera vocês de virem aqui no momento da chamada. No momento da chamada vocês apresentam o atestado, a gente dá presença e depois vocês ficam liberados. Como é que as coisas vão funcionar? nós vamos ter três aulas na semana. Vocês vão ter aulas nos horários de vocês, não cheguem atrasados, pois se chegarem atrasados não vão entrar. São 3 aulas na semana, uma aula a gente vai fazer uma recreação com vocês, as outras duas aulas o programa de vocês é esse. Nós vamos fazer isto, isto e isto as atividades poderão ser assim, assim e assim. Ou então em dia de chuva nós poderemos armar um circuito dentro do ginásio e fazer uma atividade comum a todos, tem que vir pra aula de calção, camiseta e tênis. Não pode usar bermuda comprida ou de brim. (PEDRO, grifo meu).

Para a professora Rosiane “A primeira aula era uma aula informativa, em que eu mostrava os objetivos, o que e como nós iríamos trabalhar. Além daquela folhinha inicial. Qual era a roupa que eles deveriam usar para a prática, como seria a aula nos dias de chuva”.

Quando o aluno entrava na escola ele sabia que o ensino era valorizado e a educação física era uma das mais valorizadas, ele sabia que fazia parte do currículo. Eles vinham para aula, tu sempre tinhas uma presença significativa nas aulas. Eu no primeiro dia me apresentava e explicava as “regras do jogo”.; Eu vou ensinar vocês a fazer isto, isto e isto, vou ensinar a fazer mas não vou cobrar perfeição porque ninguém vai sair daqui atleta, mas eu quero que vocês entendam , quando estiverem assistindo a alguma competição na televisão vocês vão saber do que se trata. Elas já sabiam que no atletismo tinha que sujar a mão, botar o joelinho na chão, elas tinham que vir de meia velha por que ia entrar areia nos tênis, vai sujar e vai encardir a meia. Se quiser lavar o pé e trocar o calçado tem que trazer uma toalha, este tipo de coisa. Eu sempre esclarecia como as aulas iriam funcionar, como eram alunos que estavam no primeiro semestre eu explicava a questão do uniforme para a prática da aula, que elas não

poderiam chegar depois de eu ter começado a aula, porque havia uma tolerância (ROSANI).

Para os professores as primeiras aulas não deveriam ser práticas, deveriam ser utilizadas para fazer os primeiros contatos com a turma, explicar as normas de funcionamento da área e como era sua maneira de trabalhar. Depois era começar a trabalhar, para o professor João Manoel:

[...] no início um dos pontos principais era buscar a melhoria do condicionamento até para se buscar um melhor resultado no pós-teste. Este era um procedimento comum. Inclusive na época se utilizava muito o Teste de Cooper. Eu não participei da escolha dos exercícios que seriam utilizados para avaliar os alunos. Acredito que no início eram até fidedignos, mas depois os alunos perceberam que se fossem mais devargazinho no início, no reteste era tranquilo (JOÃO).

Com relação aos testes físicos o professor Pedro afirma que:

Então, isto que nós fazíamos, esses pré-testes e os pós testes, era coisas que os alunos viam a melhora deles, porque nós trabalhávamos em cima destas capacidades físicas que a gente cobrava deles, eles tinham acesso a estas fichas⁴⁰, a gente mostrava, era uma ficha amarelinha, a das gurias era branca. E a gente mostrava para o aluno, ele fazia o pré-teste e depois do pré-teste, o que acontecia: este é o teu pré-teste agora a gente tem que trabalhar. Normalmente se trabalhava muito a parte aeróbica, trabalhava a parte localizada e uma vez por semana a gente dava uma recreação para eles. Quando chegava o final do semestre e se ia fazer o pós-teste, eles sabiam o que precisavam fazer e eu não me lembro de nenhum caso de aluno meu que tenha piorado, do pré-teste em relação ao pós-teste, muitas vezes alguns não evoluíam, mas não havia uma queda, não acontecia. Eu acho que isso foi uma coisa que, talvez, por se acreditar naquilo, nós acreditávamos naquilo, porque a gente entendia que atividade física era uma coisa fundamental para a vida deles (PEDRO).

Quando a ficha de testes deixou de ser utilizada como referência para as aulas, o professor Pedro lembra que:

Depois a gente começou a trabalhar mais com o desporto, eu geralmente pegava as turmas de voleibol, então ia trabalhar o toque de bola numa aula. A gente faz o aquecimento, aí depois tu reúnes o pessoal e dizes, bem, nós vamos trabalhar assim. Nós tínhamos bastante material na época, vocês vão trabalhar dois a dois, vocês vão realizar o toque, o toque é feito desta maneira eu vou passar e vou corrigindo vocês. Depois eu trabalhava com eles sistemas de jogo, o 4x2 pelo meio primeiro, depois o 4x2 pela ponta (PEDRO).

⁴⁰ As fichas a que o professor Pedro se refere são as fichas para registro dos resultados obtidos pelos alunos no início e final de cada semestre nos Testes de Suficiência Física. Os alunos eram avaliados em seis testes: Cooper, abdominal (era utilizado o abdominal remador), impulsão vertical, apoio de solo, 50m lançados e flexão de braços na barra, Anexo K.

Sobre como desenvolvia os conteúdos previstos no programa a professora Rosani lembra que:

Havia uma definição de conteúdos por série, eu trabalhava normalmente com turmas de atletismo, só com as meninas. Eu trabalhava com o arremesso do peso, salto em distância, salto em altura, corridas de velocidade. Condicionamento físico e coordenação eram conteúdos muito trabalhados no início do semestre. As aulas eram um dia de recreação, onde elas podiam escolher o esporte, um de condicionamento e um de conteúdo. Eu tinha muitas aulas preparadas. Eu usava muito treinamento intervalado. Com o tempo marcado. Para não usar só a pista e intercalar com exercícios. Meus planos eram muito mais mentais do que no papel. No início do ano tu já estabelecias os dias de recreação, por que nós tínhamos poucos locais de quadra. Saída de bloco e salto em distância eu procurava trabalhar em períodos mais quentes como no início do semestre. Quando as condições climáticas, temperaturas do inverno ou chuva não permitiam aula ao ar livre, a gente fazia salto em altura no saguão da entrada do ginásio, só ensinando a técnica. No aquecimento eu acentuava para as partes do corpo que iria trabalhar mais. No final eu sempre parava um pouquinho com elas (ROSANI).

A professora Teresinha em sua prática lembra que:

A gente se dividia, era por semestre, até aqui tinha que ver um “X” de coisas. Tinha uma sequência. Eu trabalhava com tudo, ginástica rítmica, ginástica de solo, atletismo feminino era comigo, tinha esportes coletivos, vôlei, basquete, handebol. Bota todo mundo sentado, hoje nós vamos fazer isto, isto e isto, dividia em grupos ou em duplas (TERESINHA).

Já a professora Elizabeth relembra:

Eu ficava com o semestre em que era trabalhada a ginástica olímpica, mais ginástica acrobática. Pensava para a vida, aquilo ali que eu dava tinha como objetivo era preparar para o dia a dia. Aí na prática, duas vezes por semana dava-se o conteúdo do semestre, aí na outra aula era livre, eu procurava dar vôlei ou basquete, via do que a turma mais gostava. Eu era muito assim, eu gostava de dar aula seguindo um planinho, ou eu fazia antes uma aula para todas as turmas da manhã. Eu tinha muitas aulas prontas eu até plastificava, aula com bastão, aula em dupla. Tinha umas 30, 40, 50 aulas. Aula de coordenação, antes do primeiro horário eu escolhia uma. Gostava de ter uma aula pronta e seguir um roteiro (ELIZABETH).

Para o professor Neuci, até 85 ou 86 era “Uma aula da semana era do desporto específico, uma de recreação e uma de formação física, não esquecendo que deveria dar ênfase ao que era avaliado na ficha, depois seriam duas do conteúdo principal”. Sobre esta mudança na prática citada pelo professor Neuci a professora Rosiane, que ingressou em 1985 corrobora a informação pois:

Eu me lembro que quando eu cheguei, os colegas me mostraram um planinho (programa). Já que tu vais pegar o S1 ou S2. Isto, isto e isto é o que está dentro do teu programa e é o que tu deves trabalhar, e dentro deste programa tu pode fazer teu aquecimento, tua parte principal e tua parte final como tu quiseres; aí me davam liberdade para eu trabalhar dentro daquilo ali. No primeiro semestre era atletismo e no segundo era natação. Então duas aulas na semana era o atletismo e na terceira entrava a recreação e eu tinha que dar também o condicionamento físico que era fundamental. Então eram sempre estes três. Atletismo, recreação e condicionamento (ROSIANE).

Outra informação importante que cabe destacar nesta fala da professora Rosiane é que o professor tinha liberdade para organizar a sua aula e utilizar a metodologia que ele entendesse ser a melhor desde que cumprisse com o que estava prescrito no programa. O professor Flávio lembra que “Cada professor desenvolvia a sua aula conforme sua metodologia, que poderia ser mais ou menos diretiva”.

Nesse mesmo sentido o professor João Manoel relata que

a partir do meio da década de 80 começou uma mudança na prática. Nesta época nós já tínhamos duas quadras cobertas e ficou mais fácil para trabalhar o desporto. E foi quando surgiram os intercursos e a educação física ficou então dirigida para preparar os alunos para os intercursos⁴¹ (JOÃO).

O professor João Manoel afirma que enquanto havia a ficha de avaliação, as aulas eram dirigidas para a preparação dos alunos para os testes físicos, com novos espaços e a criação dos Jogos Intercursos as aulas deveriam preparar os alunos para os Jogos.

O professor Renato lembra que, a partir desta época:

No semestre em que eu estava trabalhando, normalmente pegava o handebol, todos trabalhavam desse jeito, o Mário trabalhava basquete, o Pedro trabalhava o vôlei, estava dando iniciação mesmo. Era a prática, tu só davas alguma coisa teórica de regra, mas só conversava, botava os alunos sentados na quadra, conversava de regra. O resto era praticar, cara, trabalhava mesmo, iniciação mesmo, era prática. O professor trabalhava mesmo. Mas como tu tinhas no programa, tu tinhas que desenvolver o teu desporto, tu tinhas material, tu tinhas quadra. Uma vez por semana tu não tinhas quadra, então uma vez por semana trabalhavas com circuito ou intervalado, tanto é que nós tínhamos circuitos montados, o funcionário já tinha dois, três tipos de circuito, com material pré-estabelecido, que se eu quisesse, ele já montava, ele já te ajudava a trazer o material. [...]. Geralmente eu esperava a turma, na primeira hora eu sempre estava antes deles, sabia que eu tinha a quadra um, meu registro, eu dei passe e arremesso, tem que terminar este tipo de passe. Então, já chegava lá e

⁴¹ Intercursos são os jogos realizados entre equipes dos diferentes cursos da Instituição nas diferentes modalidades esportivas.

pedia para me separar as bolas de handebol, pegava as minhas bolinhas, pegava minha turma e ia embora para a minha quadra e lá ia desenvolver o trabalho. Olha, gurizada, hoje nós vamos fazer passe não sei do que, recepção, passe picado, e aí trabalhava com eles aquele tipo de passe ou arremesso até cumprir todo o programa (RENATO).

A partir da fala dos colegas entendo que em sua prática os docentes poderiam lançar mão de diferentes atividades para desenvolver os conteúdos previstos nos programas, desde que estes conteúdos fossem desenvolvidos. As determinações das “Normas de funcionamento da área” deveriam ser seguidas por todos os professores com o objetivo de que a disciplina apresentasse um padrão, independente do professor responsável por aquela turma. A observância desses preceitos permitia que a Área de Educação Física apresentasse certa uniformidade de procedimentos por parte dos professores.

Os procedimentos empregados pela maioria dos professores no desenvolvimento de suas aulas são extremamente diretivos, com o professor assumindo o papel principal no processo de ensino e de aprendizagem e cabendo ao aluno a repetição mecânica dos gestos esportivos ou a prática de atividades físicas, tais como a corrida ou a ginástica, com o objetivo de manutenção da saúde através da aptidão física.

A prática pedagógica dos professores durante o período estudado está identificada com uma prática pedagógica tradicional, baseada no desenvolvimento de habilidades motoras e qualidades físicas a partir de uma abordagem tecnicista.

Para Mizukami (2007, p. 114) no ensino tradicional é o professor que sabe e que detém o conhecimento e o transmite aos alunos que ainda não o sabem. O conhecimento provém da autoridade do professor. Para a autora “Raramente o conhecimento é redescoberto ou recriado pelo aluno, continuando, portanto, desvinculado de suas necessidades e interesses”. Não existe a atividade do aluno com o objetivo e aprendizagem de conceitos e relações.

Já a abordagem Tecnicista:

[...] está centrada na vivência e desenvolvimento de modalidades esportivas voltadas para a educação física nas escolas e nos demais âmbitos em que os esportes estão inseridos e sistematizados. Prioriza os padrões técnicos da aprendizagem dos movimentos e gestos dos esportes nas aulas de educação física, objetiva a valorização das qualidades físicas, intelectuais e morais positivas, possibilitando a formação do homem de mentalidade justa e sadia. As ações dos educandos são mais físicas do que mentais, devendo ser ressaltada sua criatividade nos lances esportivos, desenvolvendo a eficiência física, orgânica e de habilidade, o controle do corpo e dos

segmentos, as atitudes e a sociabilidade na prática das atividades esportivas (AZEVEDO e SHIGUNOV, 2001, p. 90).

É importante ressaltar que essas práticas foram construídas a partir de um modelo militarizado. Até 1972 as práticas corporais eram ministradas por três professores com formação na Escola Superior de Educação Física do Exército. A ordem unida, as corridas e a calistenia predominavam entre os conteúdos a serem desenvolvidos. O esporte era utilizado como atividade recreativa, sem preocupação com o desenvolvimento de gestos técnicos, fundamentos táticos ou conhecimento de regras. Esse ambiente também é descrito pelo Coletivo de autores (1992, p.53) “As aulas de Educação Física nas escolas eram ministradas por instrutores físicos do exército, que traziam para essas instituições os rígidos métodos militares da disciplina e da hierarquia.” Não existia na disciplina de educação física um planejamento sistematizado dos conteúdos a serem desenvolvidos e dos objetivos a serem atingidos em cada série.

A partir da metade da década de 1970, com a entrada de novos professores que cursaram ou estavam cursando escolas civis de formação de professores de educação física, acontece a primeira mudança no desenvolvimento das práticas corporais, o que é apontado por Chervel (1990, p. 197) quando afirma que “A taxa de renovação do corpo docente é então um fator determinante na evolução das disciplinas”. A relação entre professor e aluno tornou-se menos hierarquizada e os conteúdos e métodos para o desenvolvimento da disciplina foram alterados.

A prática docente foi influenciada, por um lado, pela implantação na Escola de um Setor de Supervisão Pedagógica, que vai exigir o desenvolvimento da disciplina de forma sistematizada e organizada (começam a surgir os programas por série). Por outro lado, obrigada a seguir as orientações da legislação educacional a Educação Física irá utilizar-se do esporte como ferramenta para o desenvolvimento da disciplina e a aptidão física como principal objetivo.

Com a intenção de atender as determinações da legislação em vigor, surge a ficha de Testes de Suficiência Física e este período ficará fortemente marcado pela cobrança de índices de aptidão física. Também sob a orientação legal, a prática esportiva começa a ser estimulada. Mais do que momentos de recreação, como era utilizada até então, o ensino de modalidades esportivas vai ser estimulado.

O segundo período será entre os anos 1985 e 1996. Os professores começam a questionar os resultados obtidos nos testes e retestes de suficiência física e esta prática deixa de ser utilizada como principal referencial para o desenvolvimento das aulas de educação física na ETFPel. São criados os Jogos Intercursos e, a partir de então, o desenvolvimento de habilidades esportivas vai tornar-se hegemônico.

Essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos a subordinação da educação física aos códigos e sentidos da instituição esportiva ao ponto de alguns professores entenderem que o objetivo da disciplina seria a preparação dos alunos para os jogos. Não por acaso, dos onze professores entrevistados, nove escolheram a profissão porque haviam sido atletas ou praticavam esportes.

Embora alguns professores entendam que a preparação dos alunos para os jogos era um importante objetivo para a disciplina de educação física, outros professores entendem que o aprendizado de uma modalidade esportiva vai além do aspecto motor.

Sobre o objetivo da disciplina de educação física na Escola, o professor Pedro lembra que “Nós queríamos que eles aprendessem a praticar algum desporto a gente entendia que para a vida deles aquilo seria um ganho muito importante. Socialmente era uma coisa importante para eles também”.

E depois que as coisas iam acontecendo a gente teve um *plus* com o ganho da piscina, que foi um evento bom enquanto se pôde usá-la, por que mal ou bem aquilo era uma coisa tão importante, para alunos, que nem sabiam direito, que nunca tinham visto uma piscina térmica na vida. Alunos que vinham, muitas vezes, de algumas vilas. Aquilo ali foi muito bom para o nosso aluno também. Mas eu acho assim que o grande segredo, talvez, da educação física ter vingado e ter sido respeitada dentro da Escola Técnica, foi a disciplina que a gente tinha. Eu acho que isso foi, talvez, o grande segredo de as coisas funcionarem (PEDRO).

Para a professora Rosani era importante que o aluno

tivesse uma noção clara, não profunda, o quanto é importante para a vida dele, para a saúde dele a atividade física. Mostrar para eles os benefícios para a saúde de se ter uma atividade física. Nos esportes, da forma que a gente trabalhava na época ele saía de lá com uma noção dos esportes. Se ele ligasse a televisão ele saberia o que estava vendo, por que foi ponto? Por que não foi ponto? Entender o jogo. Estas coisas “pequenas” que nós entendíamos ser importantes para a vida do aluno, não desenvolver conteúdos teóricos ou aprofundados. Ele não está ali para ser professor de educação física. Qual o benefício que a corrida traz pra ele, pra saúde dele,

é isto que ele tem que entender, tu não precisas pegar um livro e ver com ele em detalhes (ROSANI).

Para a professora Teresinha “Meu maior objetivo, vamos dizer assim, era a saúde delas, era a parte física toda funcionando, elas tinham que fazer exercícios”. A professora Elizabeth entende que:

Logo que a gente começa a trabalhar os colegas mais antigos te mostram que trabalham de uma forma e tem que ser assim. Depois tu vais procurando te adaptar ao aluno. Tu entras querendo que o aluno faça aquilo ali e depois durante o tempo tu achas que o aluno tem que fazer o que gosta para fazer toda a vida. O objetivo da EF para mim mudou. Ficou assim como tentar inculcar no aluno que aquilo ali ele podia aproveitar para o resto da vida (ELIZABETH).

A professora Maria Alice entende que nas aulas de educação física deveria desenvolver práticas que possibilitassem o desenvolvimento do hábito da prática de atividade física para a manutenção da saúde, mas que a identificação de talentos esportivos era, também, um objetivo da aula.

O que eu queria era que eles se movimentassem para ter mais saúde, eu não pensava que eles se tornassem atletas, mas uma outra função era observar os alunos e identificar potenciais atletas para as equipes da escola. A educação física existia, na minha cabeça, para as pessoas terem mais condições de ter saúde, eu tinha isto muito claro, que as pessoas gostassem de fazer a atividade física. As aulas tinham que ser interessantes (MARIA ALICE).

Embora as práticas corporais fossem marcadas pelo desenvolvimento de qualidades físicas e de habilidades motoras, percebo que, entre os professores, tal prática não era entendida como militarizada ou severa demais. Para os professores o conhecimento dos esportes e o desenvolvimento de aspectos físicos seriam importantes para a vida futura do aluno. Mesmo que naquele momento ele não entendesse a necessidade daquelas práticas, no futuro perceberiam a importância da prática de atividades física para manter uma vida saudável. O domínio de aspectos técnicos e táticos do desporto eram também, no entendimento dos professores, aspectos facilitadores para a inserção desses alunos em outros grupos sociais, como quando estivessem trabalhando em uma empresa e pudessem confraternizar com colegas em eventos esportivos de lazer.

Com relação aos objetivos da disciplina, os professores de educação física estão consoantes ao dispositivo legal. O item II do artigo 3º do Decreto-Lei nº 69.450/71 prevê que:

No ensino médio, por atividades que contribuam para o aprimoramento e aproveitamento integrado de todas as potencialidades físicas, morais e psíquicas do indivíduo, possibilitando-lhe pelo emprego útil do tempo de lazer, uma perfeita sociabilidade a conservação da saúde, o fortalecimento da vontade, o estímulo às tendências de liderança e implantação de hábitos sadios.

Outra pergunta feita aos entrevistados era sobre os saberes que ele utilizava para ministrar suas aulas. De onde se originavam estes saberes, onde ele buscava subsídios para planejar e desenvolver suas aulas?

Eu acho que isto é um somatório de coisas, são as coisas que o Walter me ensinou, as coisas que o Neuci me ensinou, as coisas da faculdade, coisas que a vida me ensinou. Acho que não existe uma fórmula, minha aulas são assim, assim, assim, porque muitas vezes tu podes até planejar a tua aula e tu podes levar teu planejamento para aula e chegas lá e vêes que não vai vingar e aí tu tens que dar a aula com um plano B. Eu acho que esta escola que eu tive, de dar aula no São José que era uma escola grande foi muito importante. [...] a experiência que eu trouxe destes três anos em paralelo com a faculdade me deram a possibilidade de testar as coisas que a gente aprendia na faculdade (PEDRO).

O professor Pedro entende que para ministrar suas aulas utilizou o que aprendeu com professores mais experientes somado aos conhecimentos adquiridos na faculdade. Como o professor lecionou durante a época de faculdade a possibilidade de aplicar o que aprendia também influenciou na sua prática.

As anotações que eu tinha da faculdade, de livros que eu comprava. De ginástica que eu não entendia nada, eu comprei [muitos livros], o que eu tinha de livro. Eu não sabia fazer as coisas, mas livro eu tinha um monte, estes curso de 20 horas, conversando com os colegas. Livros, cursinhos, anotações da faculdade (ELIZABETH).

Em parte, como todo mundo, meu conhecimento era na maior parte da minha formação acadêmica, não me lembro do livro, mas me lembro da apostila. Eu sempre me baseava em três coisas, na formação que eu tive, na formação continuada e depois na questão de estudo e pesquisa, porque mesmo naquela época embora não sendo professor universitário eu já escrevia trabalhos que apresentava nos simpósios (FLÁVIO).

Para os professores Flávio e Elizabeth, além dos conhecimentos adquiridos na faculdade e leitura em livros e apostilas, a formação continuada através da participação em cursos de curta duração foram elementos fundamentais na constituição de seus saberes pedagógicos.

Eu tinha um livrinho de vôlei, um de capa vermelha, continha muitos exercícios. Eu acho que o que eu aprendi na escola eu botei em prática e também vendo meus colegas, sei lá, a gente ia trocando. Eu acho que é isto. Nós passávamos o dia inteiro juntos. Nós estávamos convivendo e ali, eu dava aula ali, outro dava aula lá, nós convivíamos e um via a experiência do outro, quase que um supervisionava o outro, quem sabe faz assim, havia essas trocas de ideias, era muito bom(TERESINHA).

Para a professora Teresinha as trocas de vivências com os colegas foram determinantes na sua prática pedagógica.

Nós tínhamos o Daiuto no basquete, até hoje, como é o nome... nós tínhamos mais dois ou três, tinha do vôlei, do handebol porque nós tínhamos esses livros lá, na nossa área e neles tu te baseavas. Eu treinava, tu tinhas vídeo, no tempo dos slides, tu mostravas vídeo do jogo. Depois o guri quer fazer aquilo lá. Tu tinhas como preparar uma aula, um plano de aula, mas depois no dia a dia, tu já sabias, bom, eu tenho que dar o arremesso, o plano já estava na cabeça, não fazia o fazia todos os dias, tu pegavas tua chamada e já avaliava, bah eu to atrasado, só pelo registro. Então, olhando o registro das aulas na folha de chamada tu vias onde é que tu andavas com essa turma, aí tu só continuavas (RENATO).

O professor Renato lembra que utilizava vários livros que existiam na coordenadoria, o uso de outros recursos como slides e vídeos servia também para motivar os alunos.

Em termos de fundamento desportivo pouco mudou, se tu pegares livros para ensinar gestos técnicos de períodos bem diferentes tu vais ver que o gesto continua a mesma coisa. Mudaram coisas muito pequenas. O que eu aprendi no basquete serve ainda hoje. No ensino do desporto uso muito o que eu pratiquei (JOÃO).

Eu trazia o conhecimento da prática como atleta e também da ESEF, muito conhecimento que não está nos livros, de minhas experiências como atleta. Como as turmas eram divididas por semestres e cada professor pegava um, cada um estava preocupado com o seu esporte. Em alguns momentos eu conversava com o Ciro, ele tinha uma bagagem de conhecimentos bem maior do que a minha. Minha experiência me mostrou que o professor demonstrar é importante, o aluno gostava então eu demonstrava (ROSANI).

Para o professor João e a professora Rosani os saberes que utilizavam para lecionar vinham de suas experiências corporais. Como os professores trabalhavam com o ensino de modalidades esportivas das quais haviam sido atletas, buscavam em suas memórias motoras exercícios e atividades que haviam executado quando alunos.

Ao refletir sobre as práticas individuais dos professores de educação física da ETFPel, observo que embora houvesse uma certa liberdade para a atuação docente existiam diversas procedimentos, estabelecidos em reunião, que deveriam ser seguidos por todos os professores. As Normas de Ação da Área determinavam uma

série de condutas as quais os professores deveriam evitar e outras tantas que eles deveriam seguir como, por exemplo: não permitir que o aluno fizesse aula sem o “uniforme” ou não atrasar o início da aula. Quando chovia, se a aula já tivesse começado liberar a turma, exceto se estivesse utilizando área coberta, se a chuva começasse antes do início da aula todos iriam para o ginásio, onde normalmente faziam um circuito com diversas estações e outras situações que conferiam a área de educação física uma maneira comum de atuar mesmo nas práticas individuais. O reconhecimento e a aplicação pelos professores das prescrições das Normas de Ação da Área determinaram um *modus operandi*. Com o tempo, este padrão de atuação conferiu aos professores um *habitus* que tinha por objetivo criar um ambiente coeso.

Quando alguém não seguia determinada prescrição era admoestado pelos colegas, como relata o professor Ciro “Alguns colegas reclamavam porque eu não fazia as coisas como eles. Às vezes eu começava a aula mais cedo e o pessoal me atirava na parede, **tem que fazer todo mundo igual**. Mas eu já havia começado a aula, então eu não fazia, eu sempre fui meio rebelde” (grifo meu).

Sobre a influência dos professores mais antigos sobre os mais novos a professora Rosiane recorda que:

Quando eu entrei na Escola todos os professores mais antigos foram muito atenciosos, muito receptivos. Sempre se colocaram à disposição para ajudar no que eu precisasse, mas eu me lembro de alguns que diziam “**olha a gente trabalha assim, seria bom que tu também trabalhasses assim**”, havia esta orientação “**procura não fugir muito disso porque aí não é o que se quer, que se pretende, existe este esquema**”. Porque às vezes a gente vem cheia de ideias da faculdade, um monte de novidades e querendo, talvez, passar. Mas não podia fugir daquele cronograma, digamos assim. Eu me lembro de alguns professores me botarem... cabresto (risos) (ROSIANE, grifo meu).

Essa orientação deliberada dos professores mais antigos para os mais novos e a cobrança, também, entre eles, permite inferir que havia um conjunto de normas e de práticas a respeito do que ensinar e como ensinar, quais os comportamentos esperados dos professores e quais deveriam ser ensinados aos alunos, que consolidaram uma cultura escolar na área de educação física da ETFPeI. Esta cultura escolar sedimentada a partir da incorporação, por parte de professores e alunos, de hábitos, atitudes e comportamentos foi determinante, segundo os professores, no prestígio da disciplina dentro da Instituição.

4 A percepção dos professores a respeito da mudança de paradigmas nos anos 1980 e 1990

Meu objetivo neste capítulo é identificar como a crise de identidade vivida pela Educação Física no final dos anos 1980 e início de 1990 foi percebida pelos professores de educação física da ETFPel.

Atualmente é possível identificar diversas formas de organização do pensamento pedagógico da Educação Física Escolar, com um número expressivo de interlocutores e publicações. Essas novas abordagens foram frutos de um momento histórico único vivido por este campo do conhecimento.

O período situado entre meados da década de 1980 a meados da década de 1990 ficou caracterizado pela produção e divulgação de diversas abordagens que se opunham à prática de uma educação física hegemônica que privilegiava o desenvolvimento corporal.

Mas a Educação Física não estava isolada nem na vanguarda deste movimento de discutir as formas de fazer educação no Brasil. Todo o sistema educacional brasileiro, da qual a educação física faz parte, buscava discutir sua função perante a sociedade.

Conforme Gonçalves (2006, p. 73), “No final da década de 1970 e início da década de 1980, principalmente a partir de 1982, com as eleições diretas dos governadores dos estados, o clima de liberdade e as movimentações teóricas cresceram muito”.

O clima de efervescência ideológica proporcionou um saldo de produções teóricas bastante ricas no campo educacional, as quais eram baseadas nos pensamentos de Marx. “Houve um aprofundamento sistemático do pensamento marxista no campo pedagógico, resultando em contribuições decisivas para que comesçassem a surgir possíveis saídas para impasses na teoria educacional” Gonçalves (2006, p. 74).

Com o final do regime militar, a partir de março de 1985 e de uma nova constituição promulgada em outubro de 1988, o Brasil revive a experiência de redemocratização.

[...] o que se verifica a partir dos anos 80 até meados da década de 90 é a intensificação dos debates em torno das mudanças de rumos que deveriam ser dadas à educação, e por extensão ao ensino de segundo grau e à educação profissional no Brasil. Esses debates se deram por meio dos grupos compostos pelas diversas correntes do pensamento educacional, em que a disputa entre eles girava em torno das concepções de políticas educacionais que viessem a nortear a nova estrutura do então ensino de segundo grau e da educação profissional, cujo conteúdo a ser discutido estava expresso no projeto de Lei de Diretrizes e Bases (LDB) que deu entrada no Congresso Nacional, no final de 1988 (SANTOS, 2007, p. 221).

Naquele momento, a produção teórica desenvolvida por Dermeval Saviani instigou diversas outras pesquisas, inserindo no pensamento pedagógico brasileiro uma vertente progressista.

Com base nesse ideário progressista surgiram diversas propostas de abordagens pedagógicas. Estas propostas tinham como finalidade tornar a Educação Física Escolar uma prática pedagógica capaz de auxiliar na formação de pessoas mais críticas, politizadas e participativas, ou seja, a Educação Física deveria superar o atual estado de prática educativa (descolada do projeto pedagógico da escola), para um estado de prática pedagógica transformadora e/ou revolucionária. Tal mudança seria alcançada a partir da adoção de novos paradigmas conceituais e metodológicos, onde a prática escolar deveria superar a abordagem biologicista e propor práticas que tivessem por objetivo o desenvolvimento do aluno para além do desenvolvimento anátomo-fisiológico, ou seja, mais do que o desenvolvimento motor, contemplar também o desenvolvimento de habilidades nos domínios afetivo/social e cognitivo/cultural.

Diversos autores já escreveram sobre esse período de crise de identidade vivido pela Educação Física, elegi considerações de quatro autores para caracterizar tal período.

Eustáquia Salvadora de Sousa e Tarcísio Mauro Vago, ao discutir as repercussões da Lei nº 5.692/71 no ensino da educação física, apresentam o seguinte panorama:

A década de 80 foi decisiva para o ensino da educação física no Brasil. Uma época em que seus alicerces foram abalados por estudos, seminários, congressos, publicações, que problematizaram as suas origens e a sua história como componente curricular. [...] Tais discussões chegaram até mesmo, ao questionamento da sua própria existência como componente curricular (1997, pp. 1 e 2).

Também na visão de Ghiraldelli Júnior a:

Educação Física brasileira está em ebulição. Desde o início dos anos 80, qualquer observador da área pode constatar que em vários estados do país pululam núcleos empenhados em rediscussão de temas que vão desde a redefinição do papel da Educação Física na sociedade brasileira até questões ligadas às mudanças necessárias ao nível de prática efetiva nas quadras, ginásios e campos (1989, p. 15).

Escrevendo sobre este mesmo tema, quase dez anos depois, José Angelo Gariglio (2006, p.252), também entende que:

Desde meados da década de 1980, muito se tem discutido no Brasil sobre a especificidade do objeto de ensino da Educação Física. Calorosos debates são operados em diversos fóruns, congressos, publicações, instituições acadêmicas, universidades, escolas, dentre outros espaços coletivos pertencentes a esse campo disciplinar. No interior desse embate acadêmico, o alvo principal das reflexões era a crítica aos princípios que orientaram a prática da Educação Física na escola e de sua crise de identidade, causada principalmente pela falta de clareza e definição sobre qual o seu saber e de uma definição clara de sua especificidade (SINGULARIDADE). [...]. Esse debate busca demonstrar que a Educação Física ostenta no Brasil importante déficit de legitimidade e autonomia pedagógica, diante da sua subordinação aos códigos/sentidos da instituição militar, desportiva e médica. Melhor dizendo, essa disciplina até então não havia produzido um corpo de conhecimentos que a diferenciasse de maneira clara dos princípios da instrução militar, dos parâmetros intrínsecos ao rendimento atlético-esportivo e de orientações de caráter biomédico. A principal crítica a esse conjunto de orientações é que elas encerram limitações e reducionismos pedagógicos, já que acabam por enquadrar o objeto da Educação Física aos limites dos ordenamentos biológicos.

A partir de tais considerações consoantes a um entendimento generalizado na área, é que busquei identificar como essa crise foi percebida pelos professores de educação física da ETEFPel. Nesse sentido entendo que:

A prática de todo professor, mesmo que de forma pouco consciente, apoia-se numa determinada concepção de aluno e de ensino aprendizagem que é responsável pelo tipo de representação que o professor constrói sobre o seu papel, o papel do aluno, a metodologia, a função social da escola e os conteúdos a serem trabalhados (DARIDO, 2003, p. 13).

O professor, ao fazer seu planejamento, optando por determinar os objetivos a serem atingidos, os conteúdos a serem abordados, as metodologias a serem desenvolvidas e o processo avaliativo a ser utilizado está se “apresentando” enquanto profissional e pessoa, que traz consigo, mesmo que de forma inconsciente, o entendimento que tem de sociedade e do processo educativo, conforme sua concepção de mundo. O professor pode ainda, conforme algumas

abordagens preconizam, elaborar todo, ou parte deste planejamento do processo ensino-aprendizagem em sintonia com os alunos, permitindo que estes participem das decisões em relação a objetivos, conteúdos, metodologias e processos de avaliação a serem implementados.

Neste capítulo são analisados trechos das entrevistas em que os colaboradores respondiam questões referentes a sua percepção a respeito das discussões ocorridas na década de 1980 e meados de 1990.

O quinto bloco do roteiro de entrevistas apresentava a seguinte introdução: Durante a década de 1980 e início da década de 1990 surgiram teorias críticas da educação. A partir dessas teorias, desenvolveram-se novas abordagens para o ensino da Educação Física. As novas abordagens contestavam a prática da educação física que privilegiava apenas o desenvolvimento de aspectos motores. Essas discussões caracterizaram o que muitos autores chamam de “crise na Educação Física”. A partir desta introdução, era perguntado ao entrevistado se estas discussões “chegaram” ao grupo de professores que trabalhava na ETFPeI? Como chegaram? Qual era sua posição em relação a estas discussões?

Conforme os dados coletados, alguns professores não recordam de terem participado dessas discussões, como o professor Ciro que responde laconicamente “Até 1999, que eu me lembro não. Que eu me lembro não. Se chegou eu não estava presente.” As professoras Teresinha e Rosiane responderam da mesma forma “Não me lembro de nada sobre essas discussões”.

Para o professor Pedro Mecherefe:

Não chegou, que eu me lembre, não chegou. Não chegou por quê? Por uma razão muito simples. Nós acreditávamos no que fazíamos, os nossos alunos estavam contentes com o que recebiam e a direção nos apoiava naquilo que nós estávamos fazendo. Porque esta Educação Física que nós tínhamos na Escola, quando a gente saía para fora de Pelotas, e não precisava ir muito longe, em Porto Alegre, por exemplo, era respeitada. E tu conversavas com pessoas que davam aula de educação física em Porto Alegre e eles não entendiam como a gente conseguia fazer as coisas funcionarem daquele jeito. Os nossos programas funcionavam, as atividades dos programas eram cumpridas, nós tínhamos material, nós tínhamos dependências em condições, a gente notava que o nosso aluno era um pouco diferente fisicamente. Então como é que tu vais mudar uma coisa. Se tu não acreditas naquilo que querem que tu mudes. Nós não acreditávamos. Então, essas discussões não conseguiram entrar na Escola, exatamente, por causa disso, e por essa herança que a gente tinha, acreditava-se que aquilo dava certo, a gente via o resultado, a gente entendia que aquilo era o melhor para eles, em termos de própria saúde do aluno.

O professor Pedro entende que as discussões que reverberavam no campo acadêmico não tiveram eco no ambiente da ETEFPel, porque os professores e alunos estavam satisfeitos com o trabalho desenvolvido e que este trabalho tinha raízes nas práticas dos professores mais antigos.

A professora Elizabeth e o professor Renato também não se lembram de terem participado dessas discussões no ambiente da Coordenadoria de Educação Física, para eles havia uma preocupação maior no grupo que era a de “melhorar” o desenvolvimento da disciplina na Escola.

Sinceridade, não lembro. Não sei se os outros lembram, mas eu não lembro. A gente sempre estava procurando melhorar. Mas, através de mudanças externas deste tipo assim que tu estás falando eu não me lembro. Nossas preocupações em melhorar era agilizar o início das aulas, não perder tempo, ter bastante material para os alunos manusearem, condições de higiene, limpeza, neste sentido (ELIZABETH).

O professor Renato afirma que “Que eu me lembre nem de perto, nós estávamos preocupados em fazer o nosso trabalho”.

Para a professora Rosani a não obrigatoriedade do uniforme foi o único fato que ela entende estar vinculado aos novos paradigmas.

Agora que tu falaste em transformação... eu me lembro de que quando liberaram o uniforme, acho que foi nesta época, eu fiquei muito contrariada porque as alunas vinham com roupas que não eram adequadas para a prática da educação física. Nesta fase houve um pouco de conflito interno, porque alguns professores não viam mal em fazer aula de calça de brim, por exemplo, mas a maioria achava que desvalorizava a disciplina (ROSANI).

Diferentemente dos demais que não lembram, os professores Flávio e João Manoel entendem que:

Chegou, resistimos e não passou. Eu lembro que quando eu era coordenador, em 1983, foi feito um seminário com participantes de Escolas Técnicas de várias regiões do Brasil e nós discutimos e vimos que nós estávamos certos. Muitas das proposições vieram para o Brasil e foram divulgadas sem suporte epistemológico e científico. Tirando a parte motora a educação física desaparece. Penso que foi mérito dos professores da Escola Técnica, visto que nós discutimos, mas não mexemos no que entendíamos que era essencial. Discutimos, conhecemos e não aceitamos visto a fragilidade que eram as coisas. Muitas das propostas críticas baseadas em teorias – não prática – isto vem para a educação e o pessoal gosta e quer trazer para a educação física e aquelas pessoas mais antigas que se preocupavam com o aspecto motor resistiram a isso e não aceitaram. O que também é uma posição crítica. Porque crítica não é só falar mal, é também falar bem (FLÁVIO).

Para o professor João Manoel:

Isto meio que circulou, mas as práticas não tiveram toda essa modificação que a teoria da educação tentou e até de alguma forma conseguiu a modificação do comportamento do professor dentro da sala de aula. Discutia-se muito sobre a diretividade e não diretividade sobre professor autoritário (JOÃO).

Também para a professora Maria Alice essas discussões que reverberavam no meio acadêmico foram percebidas na área de educação física da ETFPel, mas ela entende que:

Nós não fomos afetados por isso, é bem isso, não fomos afetados. É o tipo de coisa que nós sabíamos que estava acontecendo, mas a gente não observava isso. Eu não encarava a nossa educação física como militarista e disciplinadora. Nós usávamos a parte motora para o desenvolvimento do ser humano (MARIA ALICE).

Não é meu objetivo neste capítulo discutir as diversas abordagens pedagógicas⁴² que coexistem na área da Educação Física Escolar. Mas, buscar identificar nos relatos dos entrevistados se houve na Área de Educação Física discussões a respeito das novas abordagens propostas para o ensino da disciplina.

Ao cotejar as falas dos professores com os programas de ensino utilizados pela Coordenadoria de Educação Física, entendo que embora os entrevistados em sua totalidade entendam que não houve mudanças significativas na prática docente dos professores de educação física da ETFPel nos anos de 1980 e 1990, com a maior parte do grupo nem lembrando se houve discussão neste sentido, o programa de ensino da disciplina para o ano de 1984, oferece a evidência de que houve uma proposta de mudança da prática pedagógica a partir de uma nova abordagem para o desenvolvimento das aulas.

A introdução de uma unidade nos programas de ensino do semestre básico e do primeiro semestre, com o nome de Reeducação Psicomotora indica que houve discussões na Coordenadoria de Educação Física que buscassem novas orientações teóricas para a prática docente. Para Darido (2003, p. 13) “ A Psicomotricidade é o primeiro movimento mais articulado que surge a partir da década de 70, em contraposição aos modelos anteriores”. Entendo que a participação da professora Telma Peil em um curso de Especialização em Psicomotricidade na França no ano de 1982, onde teve contato com esta nova

⁴² Sobre as abordagens pedagógicas em educação física consultar Azevedo e Shigunov (2001) ou Darido (2003).

abordagem para o desenvolvimento das aulas de educação física foi, muito provavelmente, o elemento fundamental para esta modificação.

Entretanto, nos programas de ensino para o ano de 1989⁴³ observa-se a redução do conteúdo a ser desenvolvido nessa unidade, essa nova alteração permite inferir que houve novas discussões a respeito, agora, da manutenção dessa unidade no programa.

Outro indício que permite inferir que as discussões acadêmicas chegaram a Área de Educação Física da ETFPel, está presente nas falas dos professores Flávio e João Manoel, primeiro quando este relata que embora muitas das proposições teóricas não foram absorvidas pelo professorado, uma nova postura do professor em relação ao aluno fez-se sentir nas salas de aula. Para o professor João Manoel “Se discutia muito sobre a diretividade e não diretividade [...]”, essas discussões embasadas em novas teorias levaram a uma mudança de comportamento do professor dentro da sala de aula. Já o professor Flávio também lembra que “Cada professor desenvolvia a sua aula conforme sua metodologia, que poderia ser mais diretiva ou menos diretivamente.”

Para o Coletivo de Autores (1992), entre os movimentos renovadores da educação encontra-se a perspectiva ou abordagem Humanista. Essa perspectiva teórica desloca a importância da educação, do produto para o processo de ensino, introduzindo o princípio da “não diretividade”. Para esta abordagem “[...] o conteúdo passa a ser muito mais um instrumento para promover relações interpessoais e facilitar o desenvolvimento da natureza, ‘em si boa’, da criança”. Ou seja, as práticas corporais são utilizadas como meios e não como um fim.

Diferentemente da situação anterior, onde os programas permitem comprovar a inclusão de uma nova unidade a ser desenvolvida com os alunos, neste caso a mudança se daria apenas na relação professor-aluno. Sendo esta mudança no comportamento do professor uma atitude individual, ela não promoveu uma mudança significativa na prática pedagógica dos professores, principalmente na prática dos professores mais antigos na área.

Portanto, posso concluir que houve tentativa de mudanças na prática pedagógica dos professores, mas estas não foram suficientemente significativas para alterar a cultura escolar característica da Área de Educação Física da ETFPel.

⁴³ Conforme Anexo – L.

Na análise das entrevistas não foi possível identificar, em nenhum momento, a preocupação dos professores em desenvolver uma prática docente que proporcionasse ao aluno uma formação crítica, politizada e participativa. Formação esta que permitiria ao aluno uma atuação social revolucionária ou transformadora.

Considerações Finais

O fio condutor desta dissertação foi a investigação das práticas pedagógicas a partir das memórias dos professores de educação física da Escola Técnica Federal de Pelotas, no período compreendido entre os anos de 1973 e 1996.

Nestas considerações finais não tenho a pretensão de encerrar as reflexões que inicio com esta pesquisa. Novos estudos podem ser implementados a partir de outros referenciais teóricos, mobilizando diferentes caminhos metodológicos a partir do uso de novas fontes, com o objetivo de aprofundar o conhecimento das práticas pedagógicas. Dessa forma, entendo ser este trabalho uma pequena contribuição para o campo da História da Educação e da História das Disciplinas Escolares.

Foram objetivos da pesquisa, identificar os professores que trabalhavam com a disciplina de educação física na ETEFPel; como se dava o ingresso desses professores; quando e onde realizaram sua formação profissional; porque optaram pela carreira; quando era realizado o planejamento e qual o objetivo da disciplina na visão destes professores; quais conteúdos eram desenvolvidos; como se dava a avaliação do aprendizado; como o professor desenvolvia no dia a dia com seus alunos o conteúdo planejado e quais saberes mobilizavam para desenvolver sua prática pedagógica.

As percepções desses professores a respeito das discussões que circularam no meio acadêmico nos anos de 1980 e 1990, propondo novas abordagens metodológicas para o ensino da educação física, também foram alvo desta pesquisa.

Para desenvolver este trabalho foi necessário situar o contexto empírico do estudo, por meio de um breve histórico sobre a Instituição, compreendendo-a como um espaço educativo. Do mesmo modo foi necessário localizar a implantação da disciplina nas instituições escolares.

Na construção do referencial teórico me apropriei dos pressupostos da Nova História Cultural. A utilização do conceito de *habitus* me subsidiou para a compreensão das práticas pedagógicas desses professores. Para compreender como se consolidou a disciplina de Educação Física na Escola Técnica Federal de

Pelotas, a partir das práticas docentes, utilizei a Cultura Escolar como categoria de análise.

A partir do embasamento teórico construí o roteiro que utilizei durante as entrevistas com os onze professores.

Os dados coletados nas entrevistas foram organizados em blocos, constituindo-se em textos que foram sistematicamente relacionados ao longo dos capítulos dois, três e quatro desta dissertação.

Nestas considerações finais discorrerei sobre as principais constatações realizadas a partir das narrativas.

O ingresso de professores na ETFPel até meados da década de 1970 se dava por convite, realizado normalmente pelo Chefe de Ensino. Este convite era realizado a pessoas que apresentassem habilidade no desenvolvimento de alguma modalidade coletiva de esporte. Nesses primeiros anos da década de 1970, devido à falta de professores titulados, a contratação de professores a título precário era comum. A partir de 1979 o ingresso de professores seria por meio de concurso público de provas e títulos.

A respeito da formação profissional, constatei que dos onze professores entrevistados dois ingressaram na ETFPel com habilitação obtida em cursos para professores a título precário e depois cursaram licenciatura no IPA em Porto Alegre em curso concentrado/parcelado. Uma professora ingressou com curso de licenciatura na UFRGS e um professor licenciado pela UFSM. Uma professora ingressou quando ainda era aluna de primeiro ano da ESEF-UFPel. Os demais, seis professores, quando ingressaram já haviam concluído a licenciatura na ESEF-UFPel.

Com relação à opção profissional, ficou evidenciado que a admiração por professores durante o ensino secundário e a atuação como monitores foi importante fator, mas a maior influência foi a participação como atletas em equipes escolares e o prazer em conviver no ambiente esportivizado característico da época.

Alguns professores entendem que o planejamento da disciplina não era discutido, outros entendem que as discussões ocorriam para resolver situações pontuais. A análise dos programas de ensino indicou que a estrutura geral desses programas não sofreu modificações significativas, ou seja, durante todo o período estudado as turmas de primeiro ano trabalhavam com atletismo e ginástica e as demais com os esportes coletivos. Nos programas de ensino de primeiro ano

existiam pequenas mudanças, como a troca de uma prova de atletismo por outra ou de um movimento ginástico por outro, no entanto, para o ano de 1984 a inclusão de uma unidade denominada Educação Psicomotora indica que existiam discussões com o objetivo de a disciplina se manter atualizada.

Outras alterações aconteceram nos programas de ensino de turmas mais adiantadas, tais como, a inclusão da modalidade de futebol de salão para as turmas masculinas em 1986, da natação em 1989 e da musculação.

Todos os professores apontaram que as discussões sobre o planejamento da disciplina aconteciam semanalmente, durante as reuniões pedagógicas, momento em que todos os professores se reuniam em suas coordenadorias de áreas ou de cursos.

No primeiro momento, entre os anos de 1973 e 1985 a aptidão física foi o objetivo principal a ser atingido nas aulas de educação física. Para registro dos resultados obtidos em testes e pós-testes, foi criada, nesse período, a Ficha de Suficiência Física. Em um segundo momento, entre os anos de 1985 e 1996 a prática pedagógica voltou-se preponderantemente ao desenvolvimento de habilidades esportivas. São criados os jogos intercursos e o objetivo das aulas de Educação Física será a preparação dos alunos para a prática de esportes.

Nos relatos dos professores fica claro que os principais conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física eram os esportes coletivos, a natação e o atletismo. Não existia avaliação do aprendizado, a disciplina de educação física não registrava nota ou conceito com o objetivo de aprovação. A frequência era obrigatória e havia estímulo constante à melhoria dos resultados obtidos nos testes físicos.

Com relação às práticas individuais, conclui que, embora, os professores apresentassem pequenas diferenças em suas rotinas junto aos alunos, eles se referiram ao cumprimento das Normas de Atuação da Área. O que indica que existia um padrão de procedimentos que deveriam ser atendidos, tais como, cobrança do uso do uniforme e o controle dos horários de início e término da aula. Com o tempo, este padrão de atuação conferiu aos professores um *habitus* que tinha por objetivo criar um ambiente coeso.

Com relação aos saberes utilizados para sua prática, os professores relataram que os conhecimentos obtidos durante a graduação, a participação em cursos de curta duração e a leitura de livros técnicos foram importantes para

qualificar sua prática. Destaco que a maioria dos professores considerou como fundamental o aprendizado com professores mais antigos e a troca entre os colegas.

Os professores relataram que, independente de avaliação, eles entendiam que o aprendizado de modalidades esportivas e a melhoria da aptidão física dos alunos seriam comportamentos que eles incorporariam em sua vida pessoal.

Alguns professores relataram que as discussões realizadas no meio acadêmico a respeito da adoção de novos paradigmas para o desenvolvimento da disciplina não chegou à Área de Educação Física da ETEFPel. Porém, em alguns relatos e a partir da constatação da inclusão da unidade de educação psicomotora nos programas de ensino, fica evidenciado que essas discussões se fizeram presente na área, inclusive promovendo mudanças de conteúdos.

Ao concluir esta pesquisa entendo que conhecer a história da disciplina de educação física a partir das práticas pedagógicas dos professores me permitirá uma melhor compreensão do lugar da Educação Física nesta Instituição, bem como promover um repensar a prática para uma atuação docente melhor fundamentada teoricamente, que articule novas práticas com essas historicamente construídas.

Referências

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. 2.ed. rev.atual. São Paulo: Moderna, 2000.

AZEVEDO, Edson de Souza e SHIGUNOV, Viktor. Reflexões sobre as abordagens pedagógicas em Educação Física. In: SHIGUNOV, Viktor e SHIGUNOV NETO, Alexandre (Orgs). **A formação profissional e a prática pedagógica: ênfase nos professores de Educação Física**. Londrina: Midiograf, 2001.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Sociedade: A Educação Física na escola brasileira de 1º e 2º graus**. São Paulo: Movimento, 1991.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Disciplinas Escolares: História e Pesquisa. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de e RANZI, Serlei. **História das Disciplinas Escolares no Brasil: contribuições para o debate**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

BORGES, Cecília Maria Ferreira. **O professor da educação básica e seus saberes profissionais**. Araruama: JM Editora, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Elementos de uma teoria da prática**. In: ORTIZ, Renato (Org): Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 16.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRACHT, Valter. **Sociologia crítica do esporte: Uma introdução**. Ijuí: Editora Unijuí, 2011.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. **Coletânea da Legislação de Ensino**. Pelotas: DDE/ETFPel, s/d.

_____. Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Coletânea da Legislação de Ensino**. Pelotas: DDE/ETFPel, s/d.

_____. Lei Nº 1.711, de 28 de outubro de 1952. **Dispõe sobre o Estatuto dos Funcionários Públicos Civis da União**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L1711impressao.htm> Acesso em: 15 mai 2014.

_____. Decreto-Lei nº 58.130, de 31 de março de 1966. **Regulamenta o Artigo 22 da Lei nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961**. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegandofontes_escritas/7_Gov_Militar/decreto%20n.%2058.130%201966%20regulamenta%20o%20artigo%2022...pdf> Acesso em: 16 jul 2013.

_____. Decreto-lei nº 705, de 25 de julho de 1969. **Altera a redação do artigo 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1965-1988/Del0705.htm> Acesso em: 30 jul 2013.

_____. Emenda Constitucional Nº 01, de 17 de outubro de 1969. **Edita o novo texto da Constituição Federal de 24 de janeiro de 1967.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc_anterior1988/emc01-69.htm> Acesso em 15 mai 2014.

_____. Lei nº 5.564, de 22 de junho de 1971. **Acrescenta parágrafo único ao artigo 1º do Decreto-Lei nº 705, de 25 de julho de 1969.** Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/L5664.htm> Acesso em: 30 jul 2013.

_____. Decreto-lei nº 69.450, de 01 de dezembro de 1971. **Regulamenta o artigo 22 da Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d69450.htm> Acesso em: 04 jul 2013.

_____. Decreto-lei 87.062, de 29 de março de 1982. **Dispõe sobre a organização administrativa do Ministério da Cultura e dá outras providências.** Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/1980-1984/D87062.htm> acesso em: 01 ago 2013.

_____. Decreto-lei nº 99.678, de 08 de novembro de 1990. **Aprova a estrutura regimental do Ministério da Educação.** Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/antigos/D99678.htm> Acesso em: 01 ago 2013.

_____. Decreto-lei nº 1.917, de 27 de maio de 1996. **Aprova a estrutura regimental do Ministério da Educação e do Desporto.** Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/D1917impressao.htm> Acesso em: 04 jul 2013.

_____. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm> Acesso em: 04 ago 2013.

_____. Decreto-Lei Nº 4.127 de 25 de fevereiro de 1942. **Estabelece as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial.** Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4127-25-fevereiro-1942-414123-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em 02 set. 2013.

_____. **Parâmetros curriculares Nacionais: Educação Física.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. A formação de professores de Educação Física: Quais saberes e quais habilidades? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Florianópolis. V. 22, nº03, p.87-103, maio de 2001.

CAMPOS, Luiz Antônio Silva. **Didática da Educação Física.** Várzea Paulista: Fontoura, 2011.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação Física no Brasil: A história que não se conta.** 2.ed. Campinas: Papirus, 1991.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHERVEL, André. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, Porto Alegre, v. 2, p.177-229, 1990.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 08/71. **Coletânea da Legislação de Ensino**. Pelotas: DDE/ETFPel, s/d.

CUNHA, Maria Isabel. **O Bom Professor e sua prática**. Campinas: Papirus, 1995.

CURY, Carlos Roberto Jamil. Formação continuada e certificação de professores. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 7, p. 187-193, 2004. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1423/1068>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

DARIDO, Suraya Cristina. **Educação Física na Escola: Questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

ESLABÃO, Leomar da Costa. **A Construção do currículo por competências: o caso do curso técnico em Sistemas de Telecomunicações do CEFET/RS**. 2006. 226f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREIRE, João Batista. **Educação de Corpo Inteiro: Teoria e Prática da Educação Física**. São Paulo: Scipione, 1989.

FRIZZO, Giovanni Felipe Ernst. Objeto de estudo da Educação Física. As concepções materialistas e idealistas na produção do conhecimento. **Revista Motrivivência**, Florianópolis, Ano XXV, nº 40, p.192-206, jun. 2013.

GARÍGLIO, José Ângelo. **A cultura docente de professores de Educação Física de uma Escola Profissionalizante: saberes e práticas profissionais em contexto de ações situadas**. 2004. 291f. Tese (Doutorado em Educação) - Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas>>. Acesso em: 17 mar 2014.

GHIRALDELLI, Paulo Júnior. **Educação Física Progressista**. A Pedagogia Crítico-social dos conteúdos e a Educação Física. 2.ed. São Paulo: Loyola, 1989.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 01, p. 09-39, jan./jul. 2001.

- KUNZ, Elenor. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.
- LIMA, Telma Cristiane Sasso de e MIOTO, Regina Célia Tamaso. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. In: **Revista Katalisys**. Florianópolis, v. 10, nº esp., p. 37-45. 2007.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **Quando a lei é a regra**: um estudo da legislação da Educação física escolar brasileira. Vitória: CEFD/UFES, 1994.
- LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. **A Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MARCONI, Maria de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MARINHO, Inezil Penna. **Sistemas e Métodos de Educação Física**. 2.ed. São Paulo: Cia. Brasil Editora, 1958.
- MEDINA, João Paulo S. **A Educação Física cuida do Corpo... e mente**. 26.ed. Campinas: Papyrus, 2011.
- MEIRELLES, Céres Mari da Silva. **Das Artes e Oficinas à Educação Tecnológica**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2007.
- MELO, Victor Andrade de. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil**: Panorama e perspectivas. 3.ed. São Paulo: IBRASA, 2006.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino**: As abordagens do processo. 16.reimp. São Paulo: E.P.U., 2007.
- NEGRINE, Airton. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In NETO, Vicente Molina e TRIVIÑOS, Augusto Silva (Orgs.). **A pesquisa qualitativa na Educação Física**. 3.ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. A Construção dos currículos escolares de Educação Física: Relações entre o planejamento tecnocrático e a Experiência dos professores. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de e RANZI, Serlei Maria Fischer (Orgs.). **História das Disciplinas Escolares no Brasil**: Contribuições para o debate. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p.171-216.
- PESAVENTO. Sandra Jatthy. **História e História Cultural**. 2.ed. 2.reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PICCOLI, João Carlos. A Educação Física Escolar no Rio Grande do Sul. In: DA COSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Confef, 2006.
- PINTO, Joélcio Fernandes. **Memórias de Professores/as de Educação Física sobre formação e práticas pedagógicas (1950 à 1970)**. 2012. 192p. Tese

(Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

REIS, José Carlos. **O desafio Historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SANTOS, Jailson Alves dos. A Trajetória da Educação Profissional. In LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.). **500 anos de Educação no Brasil**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **A Pedagogia Histórico-crítica dos conteúdos**: primeiras aproximações. 11.ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 41.ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

SOUSA, Eustáquia Salvadora e VAGO, Tarcísio Mauro. A nova LDB: repercussões no ensino de Educação Física. **Revista Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, v. 3, n. 16, julho/agosto, 1997, p.18-29. Disponível em <<http://www.sitealanrocha.files.wordpress.com/2009/05/ldb.doc>>. Acesso em 12 fev. 2014.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PRANDINI, Regina Célia Almeida Rego. **A Entrevista na Pesquisa em Educação**: a prática reflexiva. Brasília: Liber, 2004.

TAMBARA, Elomar. Problemas Teórico-Methodológicos da História da Educação. In SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei e SANFELICE, José Luis (Orgs.). **História e História da Educação**. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

TARDIF, Maurice e RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 21, nº 73, p. 209-244. Dezembro de 2000.

VAGO, Tarcísio Mauro. Início e fim do século XX: Maneiras de fazer educação física na escola. **Cadernos Cedes**. Campinas, ano XIX, nº 48, p. 30-45, ago. 1999.

VAGO, Tarcísio Mauro. **Histórias de Educação Física na Escola**. Belo Horizonte: Mazza, 2010.

VAGO, Tarcísio Mauro. Pensar a educação física na escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. In VAGO, Tarcísio Mauro. **Educação Física na Escola**: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

Apêndices

Apêndice A – Termo de Consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

A presente pesquisa de mestrado intitulada: “**A Educação Física na Escola Técnica Federal de Pelotas: um estudo das práticas pedagógicas (1973-1999)**” que está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas pelo mestrando Rony Centeno Soares Júnior, sob a orientação do Prof. Dr. Elomar Callegaro Tambara, tem como objetivo geral investigar as práticas docentes dos professores de educação física da ETFPel. Quem eram os professores que trabalhavam com a disciplina de educação física na ETFPel? Como se dava o ingresso desses professores? Quais conteúdos eram desenvolvidos, com que metodologias e como se dava a avaliação do aprendizado?

A pesquisa será desenvolvida a partir de uma revisão bibliográfica sobre temas pertinente ao assunto. As entrevistas serão gravadas para que não se percam detalhes importantes das falas dos sujeitos. Após a transcrição as mesmas serão encaminhadas aos entrevistados para sua validação. O material coletado será usado exclusivamente com caráter científico nesta dissertação e em artigos científicos oriundos da mesma.

Após ter sido informado sobre o objetivo da pesquisa e esclarecido minhas dúvidas eu _____ concordo em participar voluntariamente da pesquisa concedendo esta entrevista e autorizo a divulgação das informações obtidas para uso estritamente acadêmico.

Assinatura _____ RG _____

Contatos

Faculdade de Educação/UFPel . Rua Cel. Alberto Rosa, 154. Centro. Pelotas/RS

Pesquisador responsável: Prof. Rony Centeno Soares Júnior
ronysoaresjr@gmail.com

Orientador responsável: Prof. Dr. Elomar Callegaro Tambara
tambara@ufpel.edu.br

Apêndice B – Roteiro para Entrevista

UFPel - PPGE – Mestrado/Área: História da Educação.

A Disciplina de Educação Física na ETFPel: Um estudo das práticas pedagógicas (1973-1996).

Orientador: Prof. Dr. Elomar Tambara.

Mestrando: Prof. Rony Centeno Soares Júnior.

Roteiro para entrevista

Primeiro Bloco: Identificando o sujeito.

1. Nome, data e local de nascimento.
2. Como ingressou na ETFPel e em que ano?

Segundo Bloco: Formação profissional.

3. Onde cursou a graduação? Em que ano iniciou e em que ano concluiu?
4. Por que optou pela Educação Física?
5. Cursou algum pós-graduação? Quando? Onde? Em que área?

Terceiro Bloco: A disciplina de Educação Física na ETFPel.

6. Quando você entrou na ETFPel, como eram as aulas de educação física? Você entende que havia um padrão nas aulas?
7. Qual era o objetivo da disciplina?
8. Quais conteúdos eram desenvolvidos? Como se dava a avaliação do aprendizado?
9. Quando era realizado o planejamento da disciplina pelo grupo de professores?

Quarto Bloco: A prática pedagógica

10. Durante o período em que lecionou na ETFPel, como eram as suas aulas?
11. Que tipo de saberes você utilizava para ministrar suas aulas?
12. Poderias afirmar que houve mudanças na sua prática durante o período em que lecionou? Se sim, quando, o quê ou quem determinou estas mudanças? E quais foram estas mudanças?
13. Como planejava suas aulas? Quais princípios orientavam seu planejamento? Você usava algum autor como referência? O que os alunos deveriam aprender? Como? Porque?

14. Quando ingressou na ETFPel você sabia qual era a legislação em vigor? Lembra-se de determinações da legislação? A legislação permitia ou impedia algum tipo de atividade? No grupo de professores existiam discussões sobre a legislação?

15. Quando ingressou na Instituição o Brasil estava sob uma Ditadura Militar, a partir de 1985 com a redemocratização do País, houve alguma alteração na prática de educação física na ETFPel?

16. Como você definiria sua experiência profissional na ETFPel?

17. Para você o que é Educação física escolar?

Quinto bloco: Abordagens de ensino da educação física.

Durante a década de 1980 e início da década de 1990 surgiram as teorias críticas da educação. A partir destas teorias desenvolveram-se novas abordagens para o ensino da educação física. As novas abordagens contestavam a prática da educação física que privilegiava apenas o desenvolvimento de aspectos motores. Estas discussões caracterizaram o que muitos autores chamam de “crise na educação física”.

18. Estas discussões “chegaram” ao grupo de professores que trabalhava na ETFPel? Como chegaram? Qual era sua posição em relação à estas discussões?

Sexto bloco:

19. Você gostaria de fazer alguma consideração que não tenha sido contemplada nas perguntas anteriores?

Anexos

Anexo A – Grade curricular de 1972

ORDENAÇÃO CURRICULAR	CARGA HORÁRIA SEMANAL											
	D I U R N O						N O T U R N O					
	SÉRIES			SEMESTRAIS			SÉRIES			SEMESTRAIS		
	S1	S2	S3	S4	S5	S6	S1	S2	S3	S4	S5	S6
- EDUCAÇÃO GERAL												
Língua Portuguesa	4	4	3	3	2	2	4	4	2	2	2	2
Inglês	3	3	2	2	x	x	2	2	2	2	x	x
Geografia	2	x	x	x	x	x	2	x	x	x	x	x
História	x	2	x	x	x	x	x	2	x	x	x	x
Matemática	5	5	x	x	x	x	5	5	x	x	x	x
Educação Física	2	2	2	2	2	2	x	x	x	x	x	x
Educação Artística	x	x	1	1	x	x	x	x	1	1	x	x
Educação Moral e Cívica	x	x	x	x	2	2	x	x	x	x	2	2
Programas de Saúde	x	x	x	x	1	1	x	x	x	x	1	1
Ensino Religioso	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1
CARGA HORÁRIA SEMANAL	17	17	9	9	8	8	14	14	6	6	6	6
- FORMAÇÃO ESPECIAL												
Complementos de Matemática	x	x	4	4	x	x	x	x	3	3	x	x
Física Geral	6	6	3	3	x	x	6	6	3	3	x	x
Química Geral	5	5	x	x	x	x	3	3	x	x	x	x
Eletricidade Básica	3	3	x	x	x	x	3	3	x	x	x	x
Desenho Básico	4	4	x	x	x	x	3	3	x	x	x	x
Desenho Técnico	x	x	4	4	4	4	x	x	4	4	4	4
Mecânica Técnica	x	x	x	x	2	2	x	x	x	x	2	2
Resistência dos Materiais	x	x	x	x	2	2	x	x	x	x	2	2
Logística dos M.F.M.F.	x	x	3	3	2	2	x	x	2	2	2	2
Máquinas e Aparelhos Mecânicos	x	x	x	x	2	2	x	x	x	x	1	1
Processos Metalúrgicos	x	x	1	1	4	4	x	x	1	1	2	2
Trabalhos em Laboratório	x	x	3	3	5	5	x	x	3	3	4	4
Máquinas Operatrizes	x	x	11	11	10	10	x	x	9	9	10	10
CARGA HORÁRIA SEMANAL	18	18	29	29	31	31	15	15	25	25	27	27
CARGA HORÁRIA SEMANAL TOTAL	35	35	38	38	39	39	29	29	31	31	33	33

Anexo B – Certificados de Cursos para Professor a Título Precário

*Com finalidade
Título n.º de*



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
DEF/SEC - CNEF/MEC
CENTRO RECREATIVO - DEF
PÓRTO ALEGRE

CERTIFICADO

Certificamos que CIRO HAMILTON MACHADO GONÇALVES

.....

freqüentou com aproveitamento o CURSO OBJETIVO DE EDUCAÇÃO FÍSICA, que esta Divisão realizou de 10 a 20 de dezembro de 1969, com 49 horas.

[Signature]
.....
Chefe do Serv. de Coord. Técnica

[Signature]
.....
Diretor da Div. de Ed. Física

*Com finalidade
Título n.º de*



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PÓRTO ALEGRE

CERTIFICADO

Certificamos que CIRO HAMILTON MACHADO GONÇALVES

.....

freqüentou com aproveitamento o IX^o ESTÁGIO PARA ATUALIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS EM EDUCAÇÃO FÍSICA" que esta Divisão realizou de 01 a 8

JULHO de 1970 com 40 horas.

[Signature]
.....
Chefe do Serv. de Coord. Técnica

[Signature]
.....
Diretor da Div. de Ed. Física

Anexo C – Autorização para Professor a Título Precário



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
SUPERVISÃO TÉCNICA
SERVIÇO DE REGISTRO



Porto Alegre, 14 de outubro de 1975.

AUTORIZAÇÃO Nº 11.268 /1975

Ao Senhor Diretor do COLÉGIO SÃO JOSÉ

Localidade FEIJOLAS

Comunico-vos que MARIO HENRIQUE DE AZEVEDO

está autorizado a lecionar nesse estabelecimento, a título precário, enquanto não houver candidato titulado interessado na vaga, a disciplina Educação Física pelo prazo de um ano a partir desta data.

Após esta data fica sob a inteira responsabilidade da Direção, a obrigatoriedade de exigir a renovação da presente autorização, no caso de o professor permanecer lecionando nesse estabelecimento, no próximo ano letivo.

A renovação estará condicionada à participação obrigatória nos Encontros Pedagógicos ou Estágios e ainda às demais proações do Departamento de Educação Física e Desportos.

Atenciosamente,

Lydia Maria de Azevedo

Responsável pelo Serviço de Registro

DE acordo

[Signature]
Diretor do DED

Porto Alegre, 14 de outubro de 1975

Jts

Anexo D – Grades Curriculares de 1973 a 1977

1973 a 1977

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE MINAS

CURSO DE MECANICA

DISCIPLINAS	SÉRIES SELECIONADAS							C	H/C		
	S ₁	S ₂	S ₃	S ₄	S ₅	S ₆	S ₇				
EDUCAÇÃO GERAL	LÍNGUAS E ARTES	Língua Port. e Litor. Bras.	4	4	3	3	-	-	-	14	224
		Educação Artística	1	1	-	-	-	-	-	02	72
		Educação Física	3	3	3	3	3	3	-	15	255
	Sub-Total		8	8	6	6	3	3	-	34	551
	CÊNCIAS SOCIAIS	História, Geogr., OSPB.	3	3	2	2	-	-	-	10	160
		Educação Moral e Cívica	-	-	-	-	2	2	-	04	64
		Ensino Religioso	-	-	1	1	-	-	-	02	32
	Sub-Total		3	3	3	3	2	2	-	16	256
	CÊNCIAS	Matemática	5	5	4	4	-	-	-	19	288
		Física	6	6	3	3	-	-	-	18	288
		Química	3	3	-	-	-	-	-	06	96
		Biologia, Progr. de Saúde	-	-	-	-	1	1	-	02	32
	Sub-Total		14	14	7	7	1	1	-	24	704
	Total de Educação Geral		25	25	16	16	06	06	-	92	1.501
	FORMAÇÃO ESPECIAL	PARTE DIVERSA	Iniciação e Expressão em Port.	-	-	-	-	2	2	-	04
Língua e Literatura Inglês			2	2	2	2	-	-	-	08	128
Sub-Total			2	2	2	2	2	2	-	12	192
DISCIPLINAS PROFISSIONALIZANTES		Prospecção Profissional	2	-	-	-	-	-	-	02	32
		Iniciação à Mecânica	-	2	-	-	-	-	-	02	32
		Estudos Regionais	-	-	-	-	2	2	-	04	64
		Organização e Normas	-	-	-	-	2	2	-	04	64
		Eletricidade	3	3	-	-	-	-	0	06	96
		Desenho Técnico I	3	3	-	-	-	-	-	06	96
		Desenho Técnico II	-	-	3	3	-	-	-	06	96
		Elementos de Máquinas	-	-	3	2	2	2	-	09	124
		Interínio e Enaios	-	-	2	3	4	4	-	13	206
		Mecânica Técnica	-	-	-	-	-	2	-	02	32
		Resistência dos Materiais	-	-	-	-	2	2	-	02	64
		Produção Mecânica	-	-	9	9	11	11	-	30	630
		Projetos de Constr. Mecân.	-	-	-	-	3	3	-	06	96
		Orçamento e Cronograma	-	-	-	-	1	1	-	02	32
Sub-Total		8	8	17	17	27	27	-	103	1.464	
ESTÁGIO		-	-	-	-	-	-	3	03	560	
Total de Formação Especial		10	10	19	19	29	29	3	151	2.216	
CURSULO TOTAL	Educação Geral	25	25	16	16	06	06	-	94	1.501	
	Formação Especial	10	10	19	19	29	29	3	151	2.216	
	Total do Curso		35	35	35	35	35	35	3	245	3.717

Anexo E – Certificado de Curso para Professor a Título Precário

1017 7 de Setembro, no. 203
Fones: 22-03

Tabellão:
RENATO ANTONIO DA SILVEIRA
Alte. Substo
ANTONIO PEREIRA BARBOSA

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ASSISTÊNCIA EDUCACIONAL

CERTIFICADO

Certificamos que NEUCI LUIZ BÓRIO
tomou parte no ~~curso~~ IIIº ESTÁGIO DE ATUALIZAÇÃO DE CONHECIMENTOS
PARA PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA
promovido pela Superintendência de Educação Física e Assistência Educacional da
Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, de 22 a 27
de JULHO do ano de 1963

Ponto Alegre, 31 de JULHO de 1963

Neuci Luiz Bório
Superintendente
da SEFAPLIONATO
PELOTAS

Neuci Luiz Bório
Diplomado
Diretor do Curso
Chefe da DEF

4º. TABELIONATO - PELOTAS
Reconheço autêntica a assinatura
de Neuci Luiz Bório

Anexo F – Portaria de Reconhecimento ao trabalho do professor

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE PELOTAS

PORTARIA Nº 0000-1047-204/77

O Diretor da Escola Técnica Federal de Pelotas, no uso das atribuições que lhe conferem o Decreto nº 75 079, de 12.12.74, e a Portaria nº 735, de 20.12.74, do Senhor Ministro da Educação e Cultura, e com fundamento na alínea "i" do art.18 do Regimento Interno do órgão que dirige, aprovado por força da Portaria nº 513, de 16 de outubro de 1975, publicada na Seção I, Parte I, Suplemento do Diário Oficial da União de 04 de novembro de 1975,

R E S O L V E

- I conferir a NEUCI LUIZ BÓRIO em reconhecimento de valiosos serviços prestados à Escola Técnica Federal de Pelotas, na qualidade de Coordenador da Área de Educação Física durante os exercícios de 1976 e 1977, a Medalha do Mérito Escolar;
- II assinalar sua eficiente resposta às solicitações da Coordenação de Supervisão Pedagógica e o atuante desempenho junto aos professores;
- III louvar sua participação ativa e inteligente nas reuniões do Conselho de Coordenadores, órgão colegiado eletivo de deliberação pedagógico-didática, instituído com a Portaria nº 48/75 da Diretoria da Escola, com fundamento no art. 25 do Regimento Interno da Escola.

Pelotas, 10 de setembro de 1977

ILDEMAR PAPDEBOSCO BONAT
Diretor

Anexo G – Grade Curricular de 1963

D. E. I. – ESCOLA TÉCNICA DE PELOTAS

1963

39

CURRÍCULO DO CURSO TÉCNICO DE MÁQUINAS E MOTORES

<u>DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS</u>	<u>SÉRIES</u>		
	I	II	III
1 - Português	3	3	3
2 - Matemática	3	3	-
3 - Ciências Físicas e Biológicas:			
Física	3	3	-
Química	-	3	3
Biologia	-	-	2
4 - História	2	-	-
 <u>DISCIPLINAS OPTATIVAS</u>			
1 - Inglês	3	2	2
 <u>DISCIPLINAS ESPECÍFICAS</u>			
1 - Organização do Trabalho	-	-	1
2 - Higiene Industrial	-	-	1
3 - Tecnologia	3	2	-
4 - Elementos de Eletrotécnica	2	3	-
5 - Desenho Técnico	4	4	-
6 - Geometria Descritiva	2	2	-
7 - Mecânica Técnica	-	-	3
8 - Resistência dos Materiais	-	-	3
9 - Máquinas e Aparelhos Mecânicos	-	3	3
10 - Ensaio de Laboratórios	-	3	3
11 - Desenho e Projetos de Máquinas	16	12	12
 <u>PRÁTICAS EDUCATIVAS</u>			
1 - Educação Física	2	2	2
TOTAL GERAL	43	45	44

Anexo H – Programas de Ensino do ano de 1976

Ministério da Educação e Cultura
Departamento do Ensino Médio
Escola Técnica Federal de Pelotas

Disciplina: EDUCAÇÃO FÍSICA

Curso:

Série: S/B

Ano: 1976

P R O G R A M A

Unidade I - GINÁSTICA GERAL

- 1.1 - S.A.F.G. - (formativa, desportiva, recreativa)
- 1.2 - GINÁSTICA FEMININA MODERNA (formativa)
- 1.3 - CIRCUIT-TRAINING (condicionamento físico)
- 1.4 - INTERVAL-TRAINING (condicionamento físico)
- 1.5 - TESTES (pré-teste, pós-teste)

Unidade II - ATLETISMO

- 2.1 - CORRIDAS (100m., 400m.)
- 2.2 - SALTO (distância)
- 2.3 - ARREMESSO (peso)

Unidade III - GINÁSTICA ACROBÁTICA

- 3.1 - ROLOS (frente e tras)
- 3.2 - SALTO (lebre, grupado no trampolim)
- 3.3 - PARADAS (prancha, i, y)
- 3.4 - TESTE (pré-teste, pós-teste)

Anexo H – Programas de Ensino do ano de 1976 (continuação)

Ministério da Educação e Cultura
Departamento do Ensino Médio
Escola Técnica Federal de Pelotas

Disciplina: EDUCAÇÃO FÍSICA

Curso:

Série: S/1

Ano: 1976

P R O G R A M A

- Unidade I - GINÁSTICA GERAL
- 1.1 - S.A.F.G. (formativa, desportiva, recreativa)
 - 1.2 - GINÁSTICA FEMININA MODERNA (formativa)
 - 1.3 - CIRCUIT-TRAINING (condicionamento físico)
 - 1.4 - INTERVAL-TRAINING (condicionamento físico)
 - 1.5 - TESTES (pré-teste, pós-teste)
- Unidade II - ATLETISMO
- 2.1 - CORRIDAS (velocidade 200m., meio-fundo 800m.)
 - 2.2 - SALTO (altura)
 - 2.3 - ARREMESSO (disco)
 - 2.4 - TESTE (pré-teste, pós-teste)
- Unidade III - GINÁSTICA ACROBÁTICA
- 3.1 - ROLOS (esteira, com as mãos n/tornozelos)
 - 3.2 - SALTOS (peixe, no trampolim carpado e estendido)
 - 3.3 - PARADAS (de cabeça, sobre o dorso do colega)
 - 3.4 - TESTE (pré-teste, pós-teste)

Anexo H – Programas de Ensino do ano de 1976 (continuação)

Ministério da Educação e Cultura
Departamento do Ensino Médio
Escola Técnica Federal de Pelotas

Disciplina: EDUCAÇÃO FÍSICA

Curso:

Série: S/2

Ano: 1976

P R O G R A M A

Unidade I - GINÁSTICA GERAL

- 1.1 - S.A.F.G. - (formativa, desportiva, recreativa).
- 1.2 - GINÁSTICA FEMININA MODERNA (formativa)
- 1.3 - CIRCUIT-TRAINING (condicionamento físico)
- 1.4 - INTERVAL-TRAINING (condicionamento físico)
- 1.5 - TESTES (pré-teste e pós-teste)

Unidade II - ATLETISMO

- 2.1 - CORRIDAS (revezamento 4x100, fundo 1.500m)
- 2.2 - SALTO (triplo)
- 2.3 - ARREMESSO (dardo)
- 2.4 - TESTES (pré-teste, pós-teste)

Unidade III - GINÁSTICA ACROBÁTICA

- 3.1 - ROLOS (keeper de cabeça, keeper de mãos)
- 3.2 - SALTO S/PLINTO (longitudinal, peixe, ladrão)
- 3.3 - TESTES (pré-teste, pós-teste)

Anexo H – Programas de Ensino do ano de 1976 (continuação)

Ministério da Educação e Cultura
Departamento do Ensino Médio
Escola Técnica Federal de Pelotas

Disciplina: EDUCAÇÃO FÍSICA

Curso:

Série: S/3

Ano: 1976

P R O G R A M A

Unidade I - GINÁSTICA GERAL

- 1.1 - S.A.F.G. (formativa, desportiva, recreativa)
- 1.2 - GINÁSTICA FEMININA MODERNA (formativa)
- 1.3 - CIRCUIT-TRAINING (condicionamento físico)
- 1.4 - INTERVAL-TRAINING (condicionamento físico)
- 1.5 - TESTES (pré-teste, pós-teste)

Unidade II - VOLIBOL

- 2.1 - HISTÓRICO (criação, desenvolvimento)
- 2.2 - TOQUE (baixo, médio, alto)
- 2.3 - MANCHETE (frente, pegadas lateral)
- 2.4 - SAQUE (por baixo, teniz)
- 2.5 - PASSE (curto, médio, longo)
- 2.6 - TESTE (pré-teste, pós-teste)

Anexo H – Programas de Ensino do ano de 1976 (continuação)

Ministério da Educação e Cultura
Departamento do Ensino Médio
Escola Técnica Federal de Pelotas

Disciplina: EDUCAÇÃO FÍSICA

Curso:

Série: S/4

Ano: 1976

P R O G R A M A

Unidade I - GINÁSTICA GERAL

- 1.1 - S.A.F.G. (formativa, desportiva, recreativa)
- 1.2 - GINÁSTICA FEMININA MODERNA (formativa)
- 1.3 - CIRCUIT-TRAINING (condicionamento físico)
- 1.4 - INTERVAL-TRAINING (condicionamento físico)
- 1.5 - TESTE (pré-teste, pós-teste)

Unidade II - VOLIBOL

- 2.1 - CORTADA (no fundo, junto a rede, diagonal, reta)
- 2.2 - BLOQUEIO (simples, duplo, triplo)
- 2.3 - MERGULHO (frontal, lateral)
- 2.4 - LEVANTADA (baixa, média, alta)
- 2.5 - SISTEMA (3x3, 4x2)
- 2.6 - TESTE (pré-teste, pós-teste)

Anexo H – Programas de Ensino do ano de 1976 (continuação)

Ministério da Educação e Cultura
Departamento do Ensino Médio
Escola Técnica Federal de Pelotas

Disciplina: EDUCAÇÃO FÍSICA

Curso:

Série: S/5

Ano: 1976

P R O G R A M A

Unidade I - GINÁSTICA GERAL

- 1.1 - S.A.F.G. (formativa, desportiva, recreativa)
- 1.2 - GINÁSTICA FEMININA MODERNA (formativa)
- 1.3 - CIRCUIT-TRAINING (condicionamento físico)
- 1.4 - INTERVAL-TRAINING (condicionamento físico)
- 1.5 - TESTE (pré-teste, pós-teste)

Unidade II - BASQUETE

- 2.1 - DOMÍNIO DE BOLA (alta, baixa, média, pegadas)
- 2.2 - DRIBLES (parado, p/frente, p/trás, p/lados, c/mudança direção)
- 2.3 - PASSES (peito, picado, ombro, gancho, p/baixo)
- 2.4 - ARREMESSOS (bandeija, peito, cima da cabeça)
- 2.5 - SISTEMA (2.1.2 defesa, 3.2 de ataque)
- 2.6 - TESTE (pré-teste, pós-teste)

Anexo H – Programas de Ensino do ano de 1976 (continuação)

Ministério da Educação e Cultura
Departamento do Ensino Médio
Escola Técnica Federal de Pelotas

Disciplina: EDUCAÇÃO FÍSICA
Curso:
Série: S/6
Ano: 1976

P R O G R A M A

Unidade I - GINÁSTICA GERAL

- 1.1 - S.A.F.G. (formativa, desportiva, recreativa)
- 1.2 - GINASTICA FEMININA MODERNA (formativa)
- 1.3 - CIRCUIT-TRAINING (condicionamento físico)
- 1.4 - INTERVAL-TRAINING (condicionamento físico)
- 1.5 - TESTES (pré-teste, pós-teste)

Unidade II - HANDEBOL

- 2.1 - DOMINIO DE BOLA (com uma mão, com duas mãos)
- 2.2 - DRIBLE (parado, c/mudança de direção, p/frente, p/tras)
- 2.3 - PASSE (p/cima, p/baixo, picado, longo)
- 2.4 - ARREMESSOS (p/cima, p/baixo, meia altura, saltando)
- 2.5 - PROGRESSÃO (dos 3 passos, dos 3 passos um pique e mais 3 passos)
- 2.6 - SISTEMAS (ofensivos e defensivos, 4x2, 5x1, 6x0)

Anexo H – Programas de Ensino do ano de 1980

MEC/SEPS

ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE PELOTAS

Disciplina: EDUCAÇÃO FÍSICA

Série: Semestre Básico

Ano: 1980

P R O G R A M A

UNIDADE I - GINÁSTICA GERAL

- 1.1 - S.A.F.G. (formativa, desportiva, recreativa).
- 1.2 - Ginástica Feminina Moderna (Formativa).
- 1.3 - Circuit-Training (condicionamento físico).
- 1.4 - Testes (Pré-Testes, pós-testes).

UNIDADE II - ATLETISMO

- 2.1 - Corridas (velocidade 100 metros e 400 metros).
- 2.2 - Salto (distância).
- 2.3 - Arremesso (peso).
- 2.4 - Testes (Pré-teste, pós-testes).

UNIDADE III - GINÁSTICA ACROBÁTICA

- 3.1 - Rolos (Frente e cortes com as mãos).
- 3.2 - Saltos (solo, trampolim).
- 3.3 - Paradas (prancha, I, Y).
- 3.4 - Testes (Pré-testes, pós-testes).

Anexo I – Programas de Ensino do ano de 1984

MEC/SEPS ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE PELOTAS		PÁGINA Nº
AREA EDUCAÇÃO FÍSICA		APROVADO EM 1983
PROGRAMAS DE ENSINO		SUBSTITUÍDO EM

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA
SÉRIE: (SB) **TURNO:** DIURNO

P R O G R A M A

UNIDADE I - CONDICIONAMENTO FÍSICO
 1.1 Resistência aeróbica
 1.2 Resistência muscular localizada
 1.3 Flexibilidade

UNIDADE II - REEDUCAÇÃO PSICOMOTORA
 2.1 Respiração, domínio e capacidade respiratória
 2.2 Consciência e domínio do próprio corpo
 2.2.1 Equilíbrio
 2.2.2 Ritmo
 2.3 Lateralidade e direção
 2.4 Coordenação motora
 2.4.1 Motricidade ampla
 2.4.1.1 Habilidades primárias:
 andar, saltar, correr,
 trepas, transportar.
 2.4.1.2 Habilidades secundárias:
 flexionar, girar,
 estender, levantar, su
 bir, abaixar, suspen
 der, balançar, empur
 rar e tracionar.
 2.4.2 Motricidade fina
 2.4.2.1 Coordenação visomotora

Anexo I – Programas de Ensino do ano de 1984 (continuação)

PROGRAMAS DE ENSINO	PÁGINA Nº
2.4.2.2 Habilidades manipulativas: com bolas, cordas, bastões, fitas, etc. 2.5 Organização espacial 2.6 Estruturação, integração e expressão do gesto.	
UNIDADE III - ATIVIDADES RECREATIVAS DESPORTIVAS 3.1 Atletismo 3.2 Vólibol 3.3 Basquetebol 3.4 Handebol 3.5 Grandes e pequenos jogos	

Anexo I – Programas de Ensino do ano de 1984 (continuação)

MEC/SEPS ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE PELOTAS		PÁGINA Nº
ÁREA EDUCAÇÃO FÍSICA	APROVADO EM 1983	
PROGRAMAS DE ENSINO		SUBSTITUÍDO EM

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA
SÉRIE: (S₁) **TURNO:** DIURNO

P R O G R A M A

UNIDADE I - CONDICIONAMENTO FÍSICO
 1.1 Resistência aeróbica
 1.2 Resistência muscular localizada
 1.3 Flexibilidade

UNIDADE II - REEDUCAÇÃO PSICOMOTORA
 2.1 Respiração, domínio e capacidade respiratória
 2.2 Consciência e domínio do próprio corpo
 2.2.1 Equilíbrio
 2.2.2 Ritmo
 2.3 Lateralidade e direção
 2.4 Coordenação motora
 2.4.1 Motricidade ampla
 2.4.1.1 Habilidades primárias: andar, saltar, correr, trepar, transportar.
 2.4.1.2 Habilidades secundárias: flexionar, girar, estender, subir, levantar, abaixar, suspender, balançar, empurrar e tracionar.
 2.4.2 Motricidade fina
 2.4.2.1 Coordenação visomotora

Anexo I – Programas de Ensino do ano de 1984 (continuação)

PROGRAMAS DE ENSINO	PÁGINA Nº
<p style="text-align: right;">2.4.2.2 Habilidades manipulativas: com bolas, cordas, bastões, fitas, etc.</p> <p>2.5 Organização espacial</p> <p>2.6 Estruturação, integração e expressão do gesto.</p>	
<p>UNIDADE III - ATIVIDADES RECREATIVAS DESPORTIVAS</p> <ul style="list-style-type: none">3.1 Atletismo3.2 Vólibol3.3 Basquetebol3.4 Handebol3.5 Grandes e pequenos jogos	

Anexo I – Programas de Ensino do ano de 1984 (continuação)

MEC/SEPS ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE PELOTAS		PÁGINA Nº
ÁREA	EDUCAÇÃO FÍSICA	APROVADO EM 1983
PROGRAMAS DE ENSINO		SUBSTITUÍDO EM

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA
SÉRIE: (S2) TURNO: DIURNO

P R O G R A M A

UNIDADE I - GINÁSTICA ESCOLAR

- 1.1 Corridas
 - 1.1.1 Contínuas
 - 1.1.2 Intervaladas
- 1.2 Ginástica formativa generalizada
 - 1.2.1 Coordenação
 - 1.2.2 Flexibilidade
 - 1.2.3 Força
 - 1.2.4 Resistência muscular localizada
 - 1.2.5 Ritmo
- 1.3 Testes (Pré e Pós)
 - 1.3.1 Cooper (12 minutos)
 - 1.3.2 Abdominal
 - 1.3.3 Impulsão vertical
 - 1.3.4 Barra
 - 1.3.5 Velocidade (50 metros)
 - 1.3.6 Apoio
- 1.4 Noções básicas
 - 1.4.1 Treinamento desportivo
 - 1.4.2 Cinesiologia
 - 1.4.3 Cultura físico-esportiva
 - 1.4.4 Anatomia
 - 1.4.5 Fisiologia

UNIDADE II - ATLETISMO

- 2.1 Corridas

Anexo I – Programas de Ensino do ano de 1984 (continuação)

PROGRAMAS DE ENSINO		PÁGINA Nº
2.1.1	200 metros	100 —
2.1.2	1500 metros	800 —
2.2	Saltos	
2.2.1	Altura	
2.2.2	Distância (feminino)	
2.2.3	Triplo (masculino)	
2.3	Arremesso de peso	
2.4	Lançamento do disco	Passagem de 200m

Anexo I – Programas de Ensino do ano de 1984 (continuação)

PROGRAMAS DE ENSINO	PÁGINA Nº
2.1.1 Para frente	
2.1.2 Para trás	2.1.3. 0.000
2.2 Ponte	
2.2.1 Inversa	
2.3 Saltos	
2.3.1 Trampolim (extendido, grupado e carpado)	masculino
2.3.2 Plinto (peixe e ladrão)	SAI 5m 84
2.4 Paradas	
2.4.1 Três apoio	
2.4.2 Mãos	
2.5 Rondada	Rondada masculina
2.6 Roda	Roda masculina

Anexo I – Programas de Ensino do ano de 1984 (continuação)

PROGRAMAS DE ENSINO		PÁGINA Nº
UNIDADE	II - VOLIBOL	
	2.1 Toque de bola (alta, média, baixa)	
	2.2 Manchete (alta, média, baixa)	
	2.3 Saque (por baixo, por cima)	
	2.4 Cortada (corrida, salto, execução e queda)	
	2.5 Bloqueio simples (corrida, salto, execução e queda)	
	2.6 Passes de toque e manchete (à curta e média distância)	
	2.7 Noções táticas do sistema 4x2 simples (zona de defesa, zona de ataque, rodízio)	
	2.8 Regras básicas (contagem, número de "sets", número de toques, condução, invasões, por baixo e por cima, infrações do saque)	

Anexo I – Programas de Ensino do ano de 1984 (continuação)

PROGRAMAS DE ENSINO		PÁGINA Nº
UNIDADE	II - BASQUETE	
	2.1 Pegadas (alta, baixa)	
	2.2 Dribles (mão direita, mão esquerda)	
	2.3 Marcação individual (posicionamento)	
	2.4 Passes (peito, p/cima, picado)	
	2.5 Arremessos (c/uma mão, cima da cabeça)	
	2.6 Bandeja (direita, esquerda, frontal)	
	2.7 Pequenos jogos (1/2 quadra, vinte e um, de bandeja)	
	2.8 Noções táticas	
	2.8.1 Defesa (marcação por zona 2.1.2, marcação individual, 1/2 quadra)	
	2.8.2 Ataque (3.2)	
	2.9 Noções de regras básicas	

Anexo I – Programas de Ensino do ano de 1984 (continuação)

PROGRAMAS DE ENSINO		PÁGINA Nº
UNIDADE	II - HANDEBOL	
	2.1 História e generalidades	
	2.2 Apreensão simples da bola	
	2.3 Passe (de ombro, picado)	
	2.4 Recepção (média e baixa)	
	2.5 Dribles e deslocamentos simples	
	2.6 Fintas de 7 passadas	
	2.7 Arremessos (em apoio e em suspensão)	
	2.8 Movimento defensivo (individual, coletivo)	
	2.9 Noções tática ofensivas (5.1, 4.2)	
	2.10 Noções táticas defensivas (6.0, 5.1)	
	2.11 Noções fundamentais de regras	

Anexo J – Normas de Ação da Coordenadoria

NORMAS DE AÇÃO DA COORDENADORIA*** FARDAMENTO DOS ALUNOS**

1. TÊNIS, SOQUETE, CALÇÃO, CAMISETA.
opcional : abrigo, blusão, bermuda (menos de jeans).

*** ATESTADO MÉDICO**

1. Dispensa até uma semana - atestado emitido por qualquer médico.
2. Dispensa por mais de uma semana - atestado visado somente pelos médicos da escola.
OBS.: A DISPENSA SERÁ SOMENTE DA PRÁTICA.

*** DISPENSA DA PRÁTICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

1. Somente serão dispensados da prática os alunos com mais de 30 anos e alunas com prole. Estas deverão encaminhar certidão de nascimento do filho à escolaridade, e na folha de chamada será colocado falta.
2. Aluno que quer transferência para noturno terá que estar freqüente em Ed.Física.

*** FOLHAS DE CHAMADA**

1. Deverão ser entregues pelo professor na Escolaridade (sem rasura e sem corretor).

*** DIAS DE CHUVA**

1. Trabalho conjunto, exceção para: piscina, musculação, aulas teóricas (quadra de 7, desde que haja condições e não esteja chovendo).
2. Começando a chuva, depois de iniciada a aula, esta deverá ser suspensa, exceto a do ginásio, musculação e piscina.

*** NÃO PERMITIR**

1. Que seus alunos transitem no meio da aula dos outros professores.
2. Alunos **sem camiseta** nas aulas de musculação.
3. Fazer uso de colchões, colchonetes e babeiros sem camiseta.
4. O trânsito de alunos que não estejam no seu horário de aula e **salientar aos seus alunos** que, quando não estiverem no seu horário de aula não permaneçam na área de Educação Física.

*** NÃO ESQUECER**

1. Correspondência emitida em nome da Coordenadoria, somente com assinatura dos Coordenadores ou Secretário.

Anexo J – Normas de Ação da Coordenadoria (continuação)

2. Comunicar ao Coordenador quando houver competições, solicitação de diária, etc.
3. Proposta pedagógica ou esportiva, somente quando fundamentada.
4. Encaminhar alunos faltosos ao COE.
5. Quando necessário, pegar o material didático sempre no início de sua aula.
6. Fazer o aquecimento da turma no local em que irá trabalhar.
7. Quando as quadras forem usadas pelos Cursos ou durante os Jogos Interturmas, (A1) as aulas deverão ser suspensas, exceto o uso da piscina que ficará a critério do Professor.
8. **Avisar os alunos** sobre a transferência para o noturno, que ocorrerá somente quando o aluno tiver 75% de presenças das aulas dadas em Educação Física.
9. **A entrada e saída** dos vestiários masculino deverá ocorrer sempre pela porta lateral.

* OBSERVAÇÕES

Todos os Professores deverão zelar pelo bom uso do material didático, (inclusive cobrar dos seus alunos).

* HORÁRIO SEMANAL A CUMPRIR

1. 32 horas aulas, sem compensação, não contar horário de recreio nem minutos que antecedem ou precedem horário de aula. Professores contratados após 1995, 40 horas semanais.

PROCEDIMENTOS DOS PROFESSORES

1. Explicar aos seus alunos: (**durante o ano, lembrá-los**).
 - . Das dificuldades nos dias de chuva.
 - . Recorrerem a sala dos Professores somente quando necessário.
 - . Nos intervalos de aula, recreio ou horário que o professor esteja cumprindo, o mesmo terá liberdade de tomar chimarrão, café, lanche, etc.
 - . Incentivar os alunos para assistirem as competições programadas pela área.
 - . Reforçar as Normas de Ação.
2. **Não** fazer a chamada ou conversar com a turma na porta da sala dos Professores.
3. Agilizar o início das aulas, principalmente na primeira e quarta aula.
4. Tomar cuidado com vocabulário, brincadeira e jogos com os alunos.
5. Não permitir que marquem aula de recuperação ou provas nos horários de Educação Física.
6. Quando o Professor for substituído pelo colega, acatar a chamada feita, dando falta ou presença a seus alunos.

OBSERVAÇÃO: Quando o professor for dispensado por problemas de saúde, as suas turmas serão atendidas conforme escala feita pelo coordenador, distribuindo entre todos os professores.

Anexo K – Ficha para registro dos Testes de suficiência Física



TESTES DE SUFICIÊNCIA FÍSICA ETFPEL
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA

NOME: CESAR ALINECAR DA ROSA CARDOSO
 PESO: 48.500 ALTURA: 1,61 DATA DE NASCIMENTO: 23/2/62

ANO	SEMESTRE:	TURMA:	COOPER		ABDOMINAL		IMPUL. VERT.		APOIO		50 mts. LANÇADOS		BARRA		RUBRICA DO PROFESSOR
			PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS	PRÉ	PÓS	
78	1ª SEM.	06/3	23/5	01/3	31/5	13/3	08/6	02/3	07/6	08/3	1/6	09/3	05/6		
		25/0	27/0	30	37	45	49	10	13	7"	6"9/10	07	07		
78	2ª SEM.	10/8	16/11	8/8	8/11	9/8	7/11	15/10	9/11	16/8	21/11	8/8	14/11		
		25/0	28/0	36	40	50	52	14	21	6"3/10	6"1/10	5	8		
79	1ª SEM.	26/3		14/3	04/00	19/3		16/3		21/3		28/3			
		31/0	D	36	45	50	D	20	D	6"4/10	D	8	D		
79	2ª SEM.	22/08	09/11	15/08	07/11	10/08	06/11	10/08	13/11	17/08	14/11	14/08	07/11		
		30/40	30/40	44	48	54	51	20	21	6"2/10	6"	06	07		
80	1ª SEM.	5/3	26/5	14/3	2/6	7/3	4/6	14/3	6/6	19/3	28/5	7/3	30/5		
		29/00	31/0	43	50	54	55	22	23	6"4/10	5"9/10	08	9		
80	2ª SEM.	15/11	14/11	20/11	31/10	11/8	24/11	25/11	17/11	19/11	12/11	11/11	27/10		
		27/00	30/40	51	53	53	55	23	26	6"4/10	6"4/10	7	10		
81	1ª SEM.	18-3	10,6	25,3	3,6	14-3	08,06	13-3	15,06	20,3	27,6	11,3	12,6		
		29/00	30/40	53	61	54	59	27	27	6"3/10	6"3/10	10	11		

Anexo L – Programas de Ensino para o ano de 1989

MEC/SEPS ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE PELOTAS		PÁGINA Nº
ÁREA EDUCAÇÃO FÍSICA	APROVADO EM: 02/12/88	
PROGRAMAS DE ENSINO		SUBSTITUÍDO EM.

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO FÍSICA
 SÉRIE: () PRÉ-TÉCNICO TURNO: Diurno

PROGRAMA

UNIDADE I - CONDICIONAMENTO FÍSICO

- 1.1 Resistência aeróbica
- 1.2 Resistência muscular localizada
- 1.3 Flexibilidade e alongamento

UNIDADE II - TESTES

- 2.1 Abdominal
- 2.2 Cooper
- 2.3 Flexibilidade
- 2.4 Apoio (masculino)
- 2.5 Barra (feminino)

UNIDADE III - EDUCAÇÃO DO MOVIMENTO

- 3.1 Equilíbrio
 - 3.1.1 Estático
 - 3.1.2 Dinâmico
- 3.2 Coordenação motora
 - 3.2.1 Ampla
 - 3.2.2 Fina
- 3.3 Organização espacial

UNIDADE IV - ATIVIDADES DE INICIAÇÃO DESPORTIVA

- 4.1 Ateletismo
- 4.2 Voleibol
- 4.3 Basquetebol
- 4.4 Handebol